

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Museu Nacional  
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

Anderson Lucas da Costa Pereira

**A CABOCLA MARIANA E A SUA CORTE AJUREMADA**  
Modos de pensar e fazer festa em um Terreiro de Umbanda  
em Santarém, Pará



Rio de Janeiro  
2017

**Anderson Lucas da Costa Pereira**

**A CABOCLA MARIANA E A SUA CORTE AJUREMADA  
Modos de pensar e fazer festa em um Terreiro de Umbanda  
em Santarém, Pará**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientador: Marcio Goldman.

**Rio de Janeiro**

**2017**

## CIP – Catalogação na Publicação

P436c           Pereira, Anderson Lucas da Costa  
                  A Cabocla Mariana e a sua Corte Ajuremada: modos  
de pensar e fazer festa em um Terreiro de Umbanda  
em Santarém, Pará / Anderson Lucas da Costa  
Pereira. -- Rio de Janeiro, 2017.  
                  148 f.

                  Orientador: Marcio Goldman.  
                  Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do  
Rio de Janeiro, Museu Nacional, Programa de Pós  
Graduação em Antropologia Social, 2017.

                  1. Religião Afro-Brasileira. 2. Festas  
religiosas - Santarém (PA). 3. Terreiro de Mina  
Santa Bárbara - Santarém (PA). 4. Caboclos e  
Encantados. I. Goldman, Marcio, orient. II. Título.

**Anderson Lucas da Costa Pereira**

**A CABOCLA MARIANA E A SUA CORTE AJUREMADA  
Modos de pensar e fazer festa em um Terreiro de Umbanda  
em Santarém, Pará**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Banca:

---

Marcio Goldman, Doutor, Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAS/MN).

---

Cecília Campello do Amaral Mello, Doutora, Universidade Federal do Rio de Janeiro /IPPUR.

---

Luisa Elvira Belaunde, Doutora, Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAS/MN).

Suplentes:

---

Ana Claudia Cruz da Silva, Doutora, Universidade Federal Fluminense (PPGA/UFF).

---

Gabriel Banaggia, Doutor, Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAS/MN).

Rio de Janeiro, 23 de Fevereiro de 2017.

*Aos que se encantaram,*

*Meu avô, Mestre Antonio Pereira;  
Tia Luiza da Costa;  
Mãe Anita Obacilé.*

## ENGRANDECIMENTO

*Laróyè Exú!*

*Obrigado!*

*Ao Pai Edivanei de Oyá e a todos os afro-religiosos de Santarém, que gentilmente abriram as portas de suas casas para eu entrar no universo religioso dos encantados,*

*Obrigado!*

*Pelas orientações, conversas e amizade, Marcio Goldman,*

*Obrigado!*

*Por aceitarem fazer parte desse ritual de passagem e aprendizados, Cecília Mello, Luisa Elvira, Ana Claudia e Gabriel Banaggia,*

*Obrigado!*

*Ao Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, pela implementação das ações afirmativas e políticas de cotas, atendendo a uma luta secular de negros, indígenas e “minorias”, que hoje permitiu a esse preto, gay e do Norte caminhar nessa vida acadêmica,*

*Obrigado!*

*Por possibilitar as condições mínimas para o andamento da pesquisa, CAPES,*

*Obrigado!*

*Ao NPDAFRO e ao NAnSi pelos momentos de troca de saberes,*

*Obrigado!*

*Aos funcionários da secretaria do PPGAS/MN, que em meio ao caos, crises e cortes, estão sempre auxiliando com os trâmites burocráticos e pela gentileza e atenção,*

*Obrigado!*

*Aos funcionários da “Biblioteca Francisca Keller” e aos funcionários do restaurante, por nós alimentarem, literalmente, mente e corpo,*

*Obrigado!*

*Aos Professores do PPGAS/MN que saíram dos limites da sala de aula e foram para a linha de frente, lutar por uma educação melhor e para todos,*

*Obrigado!*

*Aos meus amigos que ainda na graduação nem sonhávamos em sair de Santarém, e atualmente me enche de orgulho vê-los nas mesas das universidades, debatendo teorias e vivências, Beatriz Moura, Telma Bermeguy, Socorro Peloso, Diego Alano, Mourrambert,*

*Obrigado!*

*Pelo carinho, amizade e compartilhamento de conhecimentos, Carla Ramos, Alain Kaly, Anne Rapp Py-Daniel, Gabriela Prestes, Ângela Garcia, Celia Muniz, Alline Torres, Florêncio Vaz Filho, Creuza Andrea Santos, Clarice Senna,*

*Obrigado!*

*Aos meus amigos, Sandra Benites, Gabriela Araujo, Nelly Duarte, Barbara Cruz, Noshua Amoras, João Alipio, Lisbet Julca, Safira Karina, Juliana Silva que somaram vozes e forças a favor das políticas das ações afirmativas no ensino superior deste país. Pela luta de sempre,*

*Obrigado!*

*Aos meus pais, Ana Pereira e Lucas Pereira, minha avó Maria Pereira e avó Ana da Costa, meus eternos mestres de vida, eu amo vocês,*

*Obrigado!*

*Aos meus Irmãos Angelo Pereira, Andrey Pereira, Franklin Tavares, companheiros desde sempre,*

*Obrigado!*

*Lenne Pereira e Tatiane Raiol, de maneiras diferentes, vocês são importantes em minha história, pela amizade de sempre,*

*Obrigado!*

*Aos meus sobrinhos, Arthur, Felipe, Antônio, Heitor, Alanna e Guilherme com os quais tenho a felicidade de 'virar' erê,*

*Obrigado!*

*Ao Mayco Chaves, meu companheiro de todos os momentos que, incansavelmente, atura minhas crises, medos e tristezas. Esse espaço é pouco para agradecer por tudo o que fazes por mim, por enquanto digo,*

*Obrigado!*

*Aos meus amigos da Ufopa, Aldo Lima, Vanessa Carvalho, Osinaldo Filho, Alinne Maia, Alcione Silva, Tatianne Picanço, vocês fazem eu me sentir protegido como o carinho de vocês,*

*Obrigado!*

*Aos Pais, Mães e filhos de Santo que fazem de Santarém a morada dos orixás, caboclos e encantados, reinarem nas matas, rios, praias e igarapés,*

*Obrigado!*

*Aos Caboclos encantados meu SARAVÁ! À Cabocla Mariana, “a bela turca que aqui raiou”. Como a mesma ensina, “nada é obrigado, diga agradecido”. Então, a todos que aqui citei, desconsiderem os obrigados! E aceitem meu sincero,*

*AGRADECIDO!*

*As minhas palavras surpreendem-me a mim próprio e me ensinam o meu pensamento.*  
(Merleau -Ponty)

*Não há cultura humana sem um elemento constitutivo de memória.*  
(Massimo Mastrogregori)

*Como sempre diz a Mãe Mariana, senta que lá vem história...*  
(Pai de santo Edivanei de Oyá)



## RESUMO

PEREIRA, Anderson Lucas da Costa. **A Cabocla Mariana e a sua Corte Ajuremada:** modos de pensar e fazer festa em um Terreiro de Umbanda em Santarém, Pará. 2017. 148 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

“Terreiro é assim mesmo, nem tudo é festa, mas é festa”. A partir de “pontos de vista” aparentemente não cruzados, mas certamente, “encruzilhados”, esta dissertação trata dos modos de pensar e fazer festa em um *terreiro* de Umbanda em Santarém, no Pará. Nela, se privilegia a dimensão descritiva narrativa dos aspectos simbólicos expressados pelas verbalizações do *Pai de santo* e *filhos de santo* do *terreiro* pautados em seus saberes, assim como as relações tecidas no *terreiro* e em outras atividades do cotidiano da festa que aparentemente não estariam conectadas à religião. Sublinha-se que esses saberes e essas relações se incorporam no cotidiano das pessoas, assim como as *entidades* e *espíritos*, inúmeros encontros sensíveis e mesmo táteis que causam outros efeitos e possibilidades de transformações do presente. Desse modo, esta dissertação exercita um estilo “etnopoético” de como reverberar essas vivências na forma de descrições etnográficas, em um experimento de encontros de “etnosaberes”. Por fim, ao se propor descrever os preparativos da festa, se está também descrevendo práticas de conhecimento que fazem do chão de um *terreiro* um solo fértil para produzir saberes diversos que vão muito além dos limites desta pesquisa.

Palavras-chave: Religião afro-brasileira; Umbanda; Mina Paraense; Pará; Santarém; Festa; Caboclos.

## ABSTRACT

PEREIRA, Anderson Lucas da Costa. **A Cabocla Mariana e a sua Corte Ajuremada:** modos de pensar e fazer festa em um Terreiro de Umbanda em Santarém, Pará. Dissertation for Master of Arts in Social Anthropology. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.

“A terreiro is just like that: not everything is a feast, but it is a feast”. From apparently “uncrossed”, but certainly “crossroaded” points of view, this dissertation deals with the ways of thinking and making celebrations in an Umbanda terreiro in the town of Santarém, in the North Region of Brazil. The dissertation stresses the narrative descriptive dimension of the symbolic aspects expressed by the verbalizations of the terreiro adepts based on their knowledge. It also stresses the relationships in the terreiro and in other routine activities of the ritual events that are apparently not connected to “religion”. This knowledge and these relationships incorporate in the daily life of people, together with entities and spirits. This incorporation is connected to several sensitive and even tactile encounters that cause other effects and possibilities of transformation of the present. Thus, this dissertation rehearses an “ethnopoetic” style to reverberate these experiences in the form of ethnographic descriptions, experimenting with encounters of “ethnoknowledge”. Lastly, the description of the preparation of the feast aims to also account for practices of knowledge that make the ground of the terreiro a fertile soil in which to produce wisdom that goes well beyond the limits of the present research.

**Keywords:** Afro-Brazilian religion, Umbanda, Mina Paraense, Pará, Santarém, Feast, Caboclos.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Desenho 1 - Rabisco do objeto que me chamou atenção no altar.....	20
Desenho 2 - <i>Cabocla Mariana montada no Pai Edivanei de Oyá</i> .....	29
Desenho 3 - Croqui do Terreiro de Mina Santa Bárbara.....	55
Desenho 4 - Representação do mito.....	62
Desenho 5 - Festa na Floresta organizada por <i>Verequete</i> . ....	73
Desenho 6 - <i>Toque para Maria Padilha</i> .....	76
Desenho 7 - <i>Cabocla Mariana reunindo com os filhos da casa</i> .....	82
Desenho 8 - <i>Altar da Cabocla Mariana sendo alimentado no ritual do Orô</i> .....	85
Desenho 9 - <i>Festa da Cabocla Mariana</i> .....	95
Desenho 10 - Passeio pelo lago verde.....	106
Desenho 11 - <i>Giros da Cabocla Mariana</i> .....	119
Desenho 12 - <i>Cabocla Mariana</i> .....	133

## SOBRE AS CONVENÇÕES

No decorrer do texto todos os termos ‘nativos’ estão grafados em *itálico*, seus significados poderão ser consultados no glossário que se encontra em apêndice ao fim desta etnografia. Termos que considere de difícil entendimento, podendo dificultar o fluxo da leitura, seu significado estará entre parêntese ( ) logo que for mencionado. Ao longo do texto uso algumas notas de rodapé para expor explicações consideradas necessárias.

Esta etnografia apresenta um volumoso número de falas ‘nativas’, para demarcá-las no corpo do texto faço uso das aspas duplas mesmo quando ultrapassam mais de três linhas, limites convencionados às citações diretas, escolhi por proceder desse modo, por motivos estéticos e de economia de espaço. O recuo de quatro centímetros indicada pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) são usados em citações dos *toques* e *cantigas* e em citações dos autores com mais de três linhas, acrescentando o ano da edição da obra consultada e a página.

Sobre algumas palavras, principalmente nos *toques* e *cantigas* descritas, foram grafadas pelo modo como as entendi no momento em que foram pronunciadas e não tive tempo suficiente para conferir a escrita com as pessoas do *terreiro*.

Recorro ao uso dos colchetes [ ] quando acrescento comentários no interior das citações. Para relativizar os sentidos de alguma palavra ou frase, uso aspas simples. No caso das citações em língua estrangeira, opto por manter a língua de origem. Sobre os nomes das pessoas citadas na etnografia, são próprios e verdadeiros, autorização acertada diretamente com elas onde as mesmas pediram para que seus nomes originais permanecessem. Assumo por inteira responsabilidade os usos dos nomes, evidentemente, isto significa que deixei de lado algumas informações que pudessem comprometê-las.

Para anunciar quando uma nova ideia será iniciada no decorrer do texto, após o último parágrafo que finaliza o assunto anterior, utilizo o seguinte desenho:



As três âncoras ao meio, com os dois remos nas laterais, farão a vez dos asteriscos. Os objetos são representativos da *Cabocla Mariana*, principal *entidade*, ‘personagem’, desta etnografia.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO 1: “NEM TUDO É FESTA, MAS É FESTA...”</b>	<b>29</b>
1.1 “A MINA NÃO É ABC, NÃO É COLÉGIO QUE SE APRENDE A LER...”	31
1.2 PAI EDIVANEI DE OYÁ	47
<b>1.2.1 O encontro...</b>	<b>48</b>
1.3 TERREIRO DE MINA SANTA BÁRBARA	55
<b>CAPÍTULO 2: A CABOCLA MARIANA E A SUA CORTE AJUREMADA EM FESTA</b>	<b>62</b>
2.1 CATANDO FOLHAS E COLHENDO MITOS	64
2.2 “MACUMBA SEM EXU NÃO EXISTE...”	76
2.3 REUNINDO COM A CABOCLA MARIANA	82
2.4 <i>ORÔ</i> DA CABOCLA MARIANA	85
2.5 A FESTA: “ <i>CABOCLA MARIANA, A BELA TURCA QUE AQUI RAIU...</i> ”	95
<b>CAPÍTULO 3: SANTARÉM: ENCANTAMENTOS E ENCANTADOS</b>	<b>106</b>
3.1 UM POUCO DO LUGAR...	107
3.2 UM POUCO DOS CABOCLOS E ENCANTADOS NO PARÁ...	112
3.3 E AS ÁGUAS DE SANTARÉM?	114
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS: AGORA QUE A FESTA VAI COMEÇAR...</b>	<b>119</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>126</b>
<b>APÊNDICE (Glossário)</b>	<b>133</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>141</b>
“Marajó” – Dalcídio Jurandir	
“Etnopoesia” – Humbert Fichte	

## INTRODUÇÃO

*Te trago da minha terra  
O que ela tem de melhor  
Um doce de bacuri  
Um curió cantador  
Trago da minha cidade  
Tudo o que lá deixei  
Dentro do bolso a saudade  
E na mala o que sei*

*E eu sei tão pouco menina  
Desse planeta azul  
Sei por exemplo que o Norte  
Fica pros lados do Sul  
Sei que o Rio de Janeiro  
Deságua em Turiaçú  
Sei que você é pra mim  
O que o ar é pro urubu*

*Te trago da minha terra  
O que ela tem de melhor  
Tigela de açai  
Bumba-meu-boi dançador  
Trago da minha cidade  
Tudo o que lá deixei  
Numa das mãos a vontade  
E na outra o que sonhei*

*E eu sonhei tanto menina  
Londres, Estocolmo, Stambul  
Sonhei New York, Caracas  
Roma, Paris e Seul  
Mas hoje o Rio de Janeiro  
Ainda é Turiaçú  
Só você pra mim já é  
Leste, Oeste, Norte, Sul.*

(Composição: Nilson Chaves e Jamil Damous)

Mas tu sabes que...

*Certa vez de montaria  
Eu descia o Paraná  
E o caboclo que remava  
Não parava de falar*

*Me contou do lobisomem  
Da mãe d'água do tajá  
Disse do Jurutahy  
Que se ri pro luar...*

*E mangava de visagem  
E matou surucucu  
Jurou com pavulagem  
Que pegou Uirapuru*

*Caboclinho meu amor  
Arranja um pra mim  
Ando roxo pra pegar “unzinho” assim  
O danado foi-se embora e não quis me dar  
Vou juntar meu dinheirinho pra poder comprar*

*No dia que eu comprar  
Esse caboclo vai sofrer  
Vou desassossegar o seu bem-querer  
Ah, Ah, o seu bem querer  
Ah, Ah, ora deixa isso pra lá.*

(Compositor: Maestro Waldemar Henrique)

“Já tá todo mundo deitado na rede? Já posso apagar as lamparinas? Não quero vê ninguém com medo! *Jôvistes?*”. “Já!”, meus irmãos, primos e primas e eu respondíamos em coro para a vovó Maria. “Tá bom, já vou começar... Finada Gaída dizia...”, “quem é essa vó?”, “minha mãe, ah! se for pra ficar *empatando* não vou contar mais!” Ficamos em silêncio. Vovó Maria continua... “Ela contava que em um dia indo pra roça, no meio do caminho escutou um assobio, FIU-FIU! Então, ela parou, olhou pra trás e não viu nada, andou mais um pouco, e de novo, FIU-FIU! Mais um assobio, mais perto dela”. A essa altura meus primos já estavam todos embrulhados dos pés a cabeça com os lençóis, eu todo encolhido congelado de medo quando sinto alguém deitando na minha rede, começo a rezar uma Ave Maria, quando ouço uma voz bem baixinha, “mano, posso deitar contigo pra ouvir a história?”. Respiro fundo e respondo, “deita aí”. Minha avó continua, “então, dona Gaída anda mais um pouquinho e sente o assobio bem no ouvido dela, fazendo com que parasse de andar de tanto

tremer as canelas, foi então que desconfiou que pudesse ser uma *matinta perera*. Foi aí que a finada lembrou que tinha na sacola um pouco de tabaco e disse, “és tu *matinta perera*? Se fores tu, eu vou deixar aqui na estrada um *porronca* e tu me deixa chegar na roça, tá bom?”. Então, dona Gaída deixou o *porronca* no chão e seguiu andando, só assim ela chegou na roça”. No outro dia, meus primos, irmãos e eu só saíamos da casa com o tabaco que pegávamos escondido do vovô Antonio.

Toda noite era uma série de histórias que escutávamos e sabíamos que tudo era verdade, pois, nossos avós confirmavam, “olha, o que eu conto pra vocês tudo é verdade e ainda acontece, por isso que eu digo pra vocês, não vão ficar andando a toa aí pelo mato sozinho, porque tem muita coisa que pode *mundiar* vocês e deixar vocês *panema*. Deus o livre!”.

Eu sou o mais velho desse grupo de crianças, essas histórias ouvíamos todas as noites, deitados em nossas redes coloridas, armadas na grande sala da casa de madeira que ficava cercada em meio as árvores de manga, coqueiros, ingazeiras e palmeiras de açaí, que em noite de ventos, o balançar das folhas davam a sonoridade perfeita para as histórias que vovó nos contava, principalmente as que tinham *visagens* e *encantados*. As mais esperadas e temidas eram as que tinham a presença da *mãe do mato*, *mãe d’água*, *curupiras*, *cobra grande* e *matinta perera*.

O mês de julho era sempre esperado com muita ansiedade pelos meus irmãos e eu. Era o período das férias escolares e, no Pará, é conhecida como o verão Amazônico, época de deixarmos a capital e viajar para o interior. Belém fica praticamente vazia nesse período, os municípios do Estado voltam a receber seus antigos filhos e novos amigos. O nosso interior é a cidade de Ponta de Pedras na Ilha do Marajó, mas nosso destino final não era ficar na cidade, mas sim ocupar o sítio do vovô Antonio que carinhosamente recebeu o nome de Sítio Capoeira. É nesse sítio, que tem uma grande casa de madeira com uma cozinha coberta de palha, jirau e fogão de lenha, cercada por rios, igapós e igarapés, que passamos boa parte de nossas infâncias, onde conhecemos vários *segredos* e *encantos da floresta*.

Lembro de um fato que marcou uma de nossas férias, foi o dia que estávamos tomando banho de rio e fazíamos aquele *alvoroço*, gritando e pulando dos galhos do taperebazeiro. Árvore que ficava as margens do rio que em dias de maré alta utilizávamos como trampolim para saltar nas águas, mas meus avós e pais sempre diziam, “olha não fiquem gritando assim, vocês ainda vão acordar esse *povo do fundo do rio*”. Mas a gente nem ligava, era aquela algazarra pulando nas águas. Numa dessas *pulações* teve um dia que meu irmão gritou, “*Égua!* O que é aquilo boiando lá no meio?” Nossos olhos viraram para onde ele apontava e



avistamos, saltitando e esguichando água para todos os lados, o famoso boto. Saímos nos debatendo das águas, minhas primas choravam e gritavam quase que ao mesmo tempo, os gritos foram tantos que mobilizamos toda a família que estava nessa hora finalizando os preparativos para o almoço. Minha avó veio, “QUE FOI JÁ *PERQUENOS?*”, e nós, “É BOTO! É BOTO!”, e ela, “eu falei pra vocês não ficar gritando no rio! Ainda mais essa hora que é quase meio dia! Agora estão aí todos *mundiados!*”. No fim das contas, acabamos descobrindo que o boto tinha vindo atrás da minha prima mais velha que nesse dia tinha acabado de *virar moça*.



Continuo navegando nas memórias de infância, elas me mostram que os *seres encantados*, não se limitavam as histórias e vivências dos meus avós, mas surgiam e se manifestavam de outras maneiras, tornando-se mais presentes em nossa família. Lembro que todo mês de setembro, tinha um dia muito especial pelo qual minha mãe levava meus irmãos e eu, para pegar *bombons* na casa do nosso tio que morava no bairro do Telégrafo, em Belém. Gostávamos de ir para esse bairro nesse dia, primeiro por estar perto dos nossos primos e amigos, depois pela farra que era apostar quem iria pegar mais doces até o final do dia. Mas eu não entendia o porquê de nunca ficarmos até às seis da tarde na casa do nosso tio, o que nos causava uma certa frustração, pois as outras crianças, por terem mais tempo, sempre pegavam mais doces que nós. Minha mãe sempre nos levava de volta para nosso bairro antes desse horário, e geralmente quando já estávamos nos despedindo, chegavam à casa do nosso tio, umas mulheres vestidas com volumosas roupas brancas. Ele falava para minha mãe, “fica mana!”, ela sempre respondia, “eu hein! Tenho é medo e já vou embora!”, ele ria.

Só com um pouco mais de anos é que fomos descobrir que o nosso tio era *Pai de santo*, e a casa que sempre íamos pegar doces era um *terreiro*. Lugar de outros *seres* como *espíritos de índios, ciganos, caboclos, princesas e reis encantados* que moravam ali. Mas, os anos se passaram e eu nunca de fato busquei saber mais dessas histórias que cercavam o meu tio. Minha mãe sempre evitou falar com detalhes e quando perguntávamos sobre o *terreiro* do irmão, ela sempre nos respondia “que eram coisas que deveriam ficar em segredo”.



Massimo Mastrogregori (2006: 69) em seu artigo “Historiografia e tradições das lembranças”, refere-se à “memória” como a “história das tradições de nossas lembranças”, onde “tradições” tem o sentido de “trajeto”. Para o autor, narrativas, listas de nomes e de coisas, histórias, mitos, cerimônias, relatos, bibliotecas, coletânea de objetos, imagens, tudo isso são ações e resultados de tradições das lembranças, assim como a tentativa de destruição dessas, quando se pratica omissões, abandonos e ocultamentos. De acordo com Mastrogregori (2006: 71), levar essas experiências para a produção textual é perceber que existem ações combinadas dessas “lembranças, movimentada por forças concomitantes, embora distintas, que agem sobre nós, refletidas em nossas produções”.

As memórias de infância descritas nesta introdução são partes do “trajeto” das minhas lembranças, absorvidas em práticas de conhecimento vivenciadas com os meus pais e avós. Sobre as experiências relatadas no sítio em Ponta de Pedras, a vovó Maria compartilhava com os netos, o que considerou ter aprendido com os seres *encantados* dessa floresta: os conhecimentos necessários de respeitos e limites para uma possível convivência equilibrada com essas forças.

São experiências parecidas como estas que serviram de inspirações para Dalcídio Jurandir, escritor paraense, que escreveu em prosas e versos a vida amazônica. “Nas obras de Dalcídio, as vidas ligadas as águas, aos rios, aos lagos e as secas eram ressaltados”. (Coelho; Leite: 2007: 71) <sup>1</sup>.

Já o rio liso o enervava, o estirão da ilha defronte, a marcha de uma barraca noutra margem dentro do açazal. Seu pai era o dono daquele rio, daquela terra e daqueles homens calados e sonolentos que, nos toldos das canoas, ou pelas vendas, esperavam a maré para içar as velas ou aguardavam quem lhes pagassem a cachaça. Na cidade, longe da vila, quanta noite de champanhe espremido do suor e do sangue daqueles caboclos, dos vaqueiros que fediam a couro e a lama ouvindo nos campos os tambores do Espírito Santo (Jurandir: 1992: 7).

---

<sup>1</sup> Nasceu em Ponta de Pedras, Ilha do Marajó, em 1909. No mesmo ano seus pais mudam para a Vila de Cachoeira onde Dalcídio Jurandir passaria toda a sua infância. Em 1922, muda-se para Belém e se matricula no 3º ano elementar do Grupo Escolar Barão do Rio Branco. Em 1925, ingressa em um dos colégios mais tradicionais da cidade, o Paes de Carvalho. Em 1928 viaja para o Rio de Janeiro. Com dificuldades financeiras, trabalha como lavador de pratos e como revisor, não-remunerado na revista Fon-Fon. Em 1929, conclui “Chove Nos Campos de Cachoeira”. Em 1931 retorna para Belém, é nomeado auxiliar de gabinete da Interventoria do Estado e escreve para vários jornais e revistas. Militante comunista, foi preso em 1936, permanecendo dois meses no cárcere. Em 1937 foi preso novamente, e ficou quatro meses retido, retornando somente em 1939 para o Marajó, como inspetor escolar. Falece no dia 16 de junho 1979, na cidade do Rio de Janeiro, com a doença mal de Parkinson. O prefeito do Rio de Janeiro, Israel Klabin, dá seu nome a uma rua da Barra da Tijuca. Foi sepultado no Cemitério São João Batista – Botafogo – RJ.

O escritor procurou mostrar o amazônida na sua ‘totalidade’, “mais do que fazer um romance, ele trabalhou a figura do homem estendendo essa análise além das fronteiras dos conflitos sociais, atingindo as reflexões humanas” (Pereira: 2014b, sem paginação).

Sobre a segunda memória que descrevi, dos dias que meus irmãos e eu íamos pegar doces no bairro do telégrafo em Belém – depois ficamos sabendo que os doces eram distribuídos em homenagem ao São Cosme e Damião, ofertados pelo nosso tio, *Pai de santo*, e que sua casa na verdade era um *terreiro*, informações escondidas de nós, pois nossa mãe dizia que eram “coisas que deveriam ficar em segredo” – me fez pensar em mais um escritor: Huberte Fichte<sup>2</sup>, e acredito que os escritos de Dalcídio Jurandir são próximos aos pensamentos e atitudes deste autor que, experimentou um projeto literário considerado radical para a sua época.

Em seus trabalhos, Fichte fez da sua vida a sua obra: discutiu o passado nazista e sua vida de infância em espaços considerados marginalizados; realizou pesquisas em hospitais psiquiátricos, em aldeias do Togo e Senegal; estudos sobre o culto a Maria Lionza na Venezuela; e estudos dos banhos iniciatórios nos Candomblés da Bahia aos ritos da Casa de Mina no Maranhão. Desse ‘material’ fez experimentos linguísticos que por muitos pesquisadores foi interpretado como uma “cebola sendo desfolhada”, onde cada camada removida, mais se enriquecia o conteúdo. Com isso, o autor passou a ser visto como um “etnólogo poeta” ou “poeta etnólogo”. São experiências que fez o autor proclamar a “vida como estilo de escrita” e a “escrita como forma de vida”. “Meus livros não são disfarces. Descrevem um experimento: viver, para encontrar uma forma de expressão” (Fichte: 1987: 9).

Exercitando um certo ‘estilo’ de escrita nos moldes dos pensamentos de Jurandir (1992) e Fichte (1987), que fizeram dos seus conhecimentos de vida não apenas fonte de inspiração, mas laboratórios para produzir as suas obras<sup>3</sup>. É a maneira que eu também olho para as minhas memórias: são conteúdos, ou *forças*, que atravessaram a minha vida trazendo conhecimentos outros que, as somo com as experiências do campo afro-religioso em Santarém.

Esta pesquisa navega justamente nesse movimento: iniciando por caminhos aparentemente não cruzados, encontrando e desencontrando memórias, que, no entanto, se

---

<sup>2</sup> Nasceu em 1935 em Perleberg, Alemanha, filho de uma empregada de escritório e de um judeu emigrado e desaparecido. De 1942 a 1943 viveu num orfanato na Bavieira. Antes de se tornar escritor estudou agronomia e trabalhou como ator, além de ter sido pastor de ovelhas no sul da França e Suécia. Viajante, esteve nos Estados Unidos, Venezuela e Brasil. Aqui estudou as religiões afro-brasileiras em Salvador, Rio de Janeiro e São Luís do Maranhão. Morreu em 1986 em Hamburgo.

<sup>3</sup> Para se observar o estilo de escrita praticada por Jurandir (1992) e Fichte (1987), trechos das suas obras encontram-se em anexo nesta dissertação.

fizeram presentes durante a construção desta pesquisa onde descrevo “A Cabocla Mariana e a sua corte *ajuremada*: modos de pensar e fazer *feira* em um *terreiro* de Umbanda em Santarém, Pará”. Nesse espaço, outras memórias foram ativadas e *irradiadas* pelos *filhos de santo*, *Pai de santo*, e *entidades*. É o que será descrito nas próximas páginas desta dissertação.



Com o passar do tempo, outras memórias foram se formando com a chegada da fase adulta. No período de 2007-2010 em Belém, realizo minha primeira graduação<sup>4</sup>. Nesse curso fui bolsista com uma intensa participação em estudos e projetos que ligavam as concepções da Administração às práticas de ‘desenvolvimento humano’ e ‘social’, algo que naquele momento, ou talvez ainda hoje, não soubesse explicar muito bem. Nessas pesquisas, a temática central era a criança no contexto do Estatuto da Criança e Adolescente (ECA). No último ano da graduação, meu orientador me propôs produzir o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) a partir de um estudo de caso. Ele me apresentou como *lócus* a comunidade cristã *Ieshuá*<sup>5</sup>, localizada na periferia da cidade de Belém, que atendia crianças moradoras de rua. O desafio era tentar desenvolver um estudo na concepção da Administração, mas a partir dos entendimentos antropológicos, já que ele nesse período estava terminando seu doutorado em Antropologia Social, resolveu também influenciar minha pesquisa. Aceitei a proposta de desenvolver um trabalho de Administração pensado à “luz da antropologia” (palavras do meu professor), assim tive como produto final desse estudo “A Importância das estratégias do Marketing Social para o desenvolvimento das ações empreendedoras da Associação Cristã *Ieshuá*, no período de 2009 a 2010” (Pereira; Rolim: 2010).

Sou ciente que meu trabalho não estava conectado ao estudo sistemático do campo antropológico, mas o que considero como positivo, foram as conversas que o professor e eu tínhamos, principalmente quando ele me relatava sobre o seu campo de pesquisa, comentava sobre o seu trabalho etnográfico e outras curiosidades.

Em 2011, outras circunstâncias me levaram a sair de Belém e mudar para a Cidade de Santarém (região Oeste do Pará), ano em que a Universidade da região, a Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), passou a ofertar o curso de Graduação em Antropologia.

<sup>4</sup> Bacharelado em Administração pelo Centro Universitário do Pará (CESUPA, 2007-2010).

<sup>5</sup> Segundo as explicações do coordenador dessa associação, *Ieshuá* deriva do hebraico, que pode significar salvação ou salvador. Então para o coordenador o nome *Ieshuá* foi associado a Jesus, o salvador (Pereira; Rolim, 2010).

Resolvi então iniciar mais um curso. No início do ano de 2012, o Núcleo de Pesquisa e Extensão das Expressões afro-religiosas do Oeste do Pará e Caribe (NPDAFRO), lançou o edital de vagas para bolsistas participarem do Programa de Extensão Mapeamento das Casas/Terreiros de religiões de matriz Afro e/ou Ameríndia na cidade de Santarém/PA-Ufopa<sup>6</sup>. Fui selecionado e deste então comecei a participar das reuniões do projeto e ter mais familiaridade com a temática afro-religiosa.

Depois de dois meses no programa, debatendo e lendo algumas obras sobre a temática, tive a minha primeira ida em campo. Visitei um *terreiro* de Umbanda que neste dia estava em *festa* em homenagem a uma *entidade*. Eu estava bastante empolgado nesse dia, e para fazer uso dos aprendizados, exercitei o “trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever” (Oliveira: 2000). Comecei a observar e escrever tudo o que acreditava ser importante para a pesquisa: quantas pessoas tinham na *casa*, quem eram as prováveis autoridades, as músicas cantadas, a comida e a bebida servida as *entidades*, as cores das roupas usadas, até o cheiro do ambiente, eu anotei. No entanto, eu não estava entendendo absolutamente nada do que estava acontecendo naquele espaço, encontrava-me totalmente perdido.

Em certo momento do *festejo*, resolvi andar pelo *terreiro* e parei em frente a um ‘aglomerado’ de objetos e apetrechos, estatuetas de todos os tamanhos e cores que identifiquei como *altar*. Mas entre aos múltiplos objetos que estavam compondo aquele local, um me chamou a atenção, que no meu olhar nublado pelas informações visuais que estavam me confundido, aquele objeto me pareceu ser a peça centralizadora. Considerando importante, resolvi rabiscar no meu caderno de campo a figura do objeto.

---

<sup>6</sup> Coordenado pela professora Carla Ramos, o projeto fomenta a produção acadêmica e o debate plural, inter-religioso, político e aberto a comunidade, acerca do lugar ocupado pelas religiões de matriz afro-brasileira tanto na tradição dos estudos das ciências sociais, como também na própria memória social legada pela diáspora africana à região do Baixo Amazonas.



Desenho1: Rabisco do objeto (*Ibá*) que me chamou atenção no altar.  
Fonte: Autor, caderno de campo (2012).

Não sabendo do que se tratava e depois de alguns dias passados a esta *feira*, em uma das reuniões com a coordenadora do programa resolvi mostrar meu rascunho. Ela me falou que aquela figura remetia a *entidade* daquele *terreiro*, fiquei curioso em saber mais sobre aquele objeto e me propus a estudá-lo.

No mês de abril de 2012, fui assistir outra *feira* de *caboclo* no Terreiro de Mina Santa Bárbara, do *Pai de santo* Edivanei de Oyá, a *feira* era para a *Cabocla Mariana*. Nesse dia a *casa* estava cheia de *filhos de santo* e convidados, no *altar* desse *terreiro* havia muitas imagens que, inclusive, me fizeram lembrar o *terreiro* do meu tio, em Belém. O lugar estava tomado pelo estrondo dos tambores, o povo dançava e rodava no centro do salão.

Depois de muito dançar e cantar, a *entidade* homenageada cumprimentou todos os presentes e em seguida se dirigiu para o local onde estava seu *altar*. Em frente a este, *ela* se ajoelhou e cantou um pouco mais, mas agora colocava na parte interna do objeto, que se encontrava no centro daquele lugar, alguma coisa que não consegui identificar, mas que pelas circunstâncias parecia ser de muita importância para o momento.

A cena acima descrita despertou-me o interesse em compreender o que acontecia naquele espaço e porque certas pessoas apresentavam comportamentos e atitudes diferentes do considerado ‘normal’, e como aquelas ‘imagens’, ‘objetos’ e ‘cores’ emanavam certo domínio naquelas pessoas. Enfim, aquela *feira* contribuiu para despertar uma das lembranças da infância não muito clara para mim, a parte da história da minha família mantida pela minha

mãe como segredo, e foi determinante também, para o resultado de outro trabalho de fim de curso, “Mãe Mariana pede, a gente faz: Um estudo Antropológico da relação do Pai de santo com o altar da Cabocla Mariana” (Pereira: 2014a).

Deste modo, meu encontro com a religião afro-brasileira em Santarém, nasceu em 2012 vendo o *Pai* e os *filhos de santo baiando*, com os quais estabeleci amizades, e que me guiaram aos conhecimentos, das práticas e simbologias que operam nesse universo. Somadas as minhas memórias de infância sobre os *encantados* que a minha avó nos contava, e sobre os *encantados* que a minha mãe escondia, recordo as duas composições musicais que citei no início desta introdução: são as bagagens que “*Te trago da minha terra*”, ditas pelo “*caboclo*” que “*Não parava de falar*”, é o tom que irá compor esta dissertação.

Trata-se de uma etnografia, na qual descrevo a ritualização dos *preparativos* da *feita* para a *Cabocla Mariana*, entidade cultuada no Terreiro de Mina Santa Bárbara, localizado no Município de Santarém, região Oeste do Pará, evento pensado e realizado pelo *Pai de santo* Edivanei de Oyá e seus *filhos de santo*, anualmente, todo o mês de abril.



Parte da vida de um *terreiro* é movimentada por constantes momentos rituais que envolvem *preparos* de *oferendas*, *trabalhos*, *demandas*, *obrigações* e *festas*. A *feita* nesse caso é uma expressão que abriga quase todas as práticas citadas, no entanto, mais que um conjunto de todas as ações praticadas pelo *terreiro*, a *feita* dá fluidez ao espaço, movimenta as pessoas e a vida dos *filhos de santo*, cria e recria simbologias e significados religiosos, possibilita diferentes relações desses religiosos com as suas *entidades* devotadas e materializa as cosmologias dessas relações. (Contins; Gonçalves: 2009)

Mas, toda festa tem seu tempo “demarcado por meio de uma série de alterações espaciais, comportamentais, emocionais e fisiológicas, e de usos de objetos materiais, que estabelecem complexas relações no cotidiano” (Contins; Gonçalves: 2009: 15), vistas também, como partes do ritual.

De modo que, ao propor descrever os *preparativos* da *feita* do Terreiro de Mina Santa Bárbara, estou também descrevendo as práticas dos conhecimentos do *sacerdote* e seus *filhos de santo* em relação à *Cabocla* homenageada. Enfatizo os aspectos simbólicos expressados pelas verbalizações destes, pautadas em suas crenças, assim como, observo essas relações sendo tecida em outras atividades dos seus cotidianos que aparentemente não

estariam conectadas a religião. Vale ressaltar, que se incorporam no cotidiano dessas pessoas, além das *entidades* ou *espíritos*, outros encontros táteis e sensíveis que causam outros efeitos e possibilidades de transformações do presente (Cruz, 2014).

Minha relação com esse campo se iniciou com as minhas memórias de infância, reativadas na graduação no ano 2012, participando de grupos de pesquisa e indo com frequência ao *terreiro*, rendeu-me lindas amizades e um volumoso material de campo. Tarefa difícil foi sistematizá-las nas próximas páginas, pois foram muitos dias e horas, de idas e vindas ao *terreiro*, encontros e desencontros com o *Pai de santo*, prolongados momentos de silêncio, escutando e observando toda a movimentação dessas pessoas e suas *entidades encantadas* circulando nesse espaço. E claro, momentos de muito trabalho, braçal mesmo, carregando panelas, cortando e coletando folhas, varrendo o chão, comendo, bebendo, tremendo, rindo e chorando em outros. Por isso, digo que se trata também de uma “etnografia em movimento” (Ramos: 1990), tecida pelo tempo de envolvimento que mantive com o grupo. E mais ainda,

Em um registro menos acadêmico, sempre imaginei que as técnicas de trabalho de campo que, sem muito ou mesmo nenhum planejamento, acabei por utilizar [...] assemelhavam-se muito ao que se denomina no Candomblé de ‘catar folha’: alguém que deseja aprender os meandros do culto deve logo perder as esperanças de receber ensinamentos prontos e acabados de algum mestre; ao contrário, deve ir reunido (‘catando’) pacientemente ao longo dos anos, os detalhes que recolhe aqui e ali (as ‘folhas’) com a esperança de que, em algum momento, um esboço plausível de síntese será produzido (Goldman: 2006: 24).

Meio que de forma distorcida, foi mais ou menos desse modo que caminhou minha pesquisa. Fui “catando as folhas”, e na maioria das vezes uma por uma, e em outros momentos fui “desfolhando”, no sentido aplicado por Fichte (1987), olhando meu campo como uma “cebola”, tirando as camadas, para enxergar o cerne das questões. Mas como acho ruim comparar “cebola” com o meu campo, prefiro substituir por um “pastel folheado”, com suco de cupuaçu para acompanhar, é claro. Parecido com os quais eu comia com meu pai no mercado do Ver-o-Peso, em Belém, de tão folheados que fica até difícil de chegar ao recheio que, na maioria das vezes, nem sempre conseguimos sentir o sabor. Talvez essa seja uma boa metáfora para a minha pesquisa, estou nas ‘camadas do pastel’, ainda não senti o sabor do ‘recheio’. De modo que, entendo esta dissertação como um ‘ribeirinho’ em sua canoa que, vai remando entre rios e igarapés em um momento de consolidações das questões, para depois ganhar outros mares numa futura pesquisa em nível de doutorado. Vamos remando.



Sei que muito já se foi falado e escrito sobre a temática afro-brasileira, sobre os *caboclos* e *encantados* da Amazônia, com todas as suas *lendas*, *visagens* e *santos*. Como diz a vovó Maria, “ah meu filho, hoje, eu acho, que nem mais existe o *povo do fundo do rio* de tanta gente já ter remexido lá”. Eu serei mais um.

Desse *mundaréu* de escritos alguns serão citados no decorrer deste texto, outros nem tantos. Minhas escolhas se pautaram mais nos posicionamentos que esses pesquisadores tiveram em relação as suas pesquisas, principalmente quando apontam para a reflexão da experiência de campo em suas etnografias.

Ora, se adotarmos um ponto de vista um pouco diferente, podemos talvez ser mais diretos que o trabalho de campo e a etnografia deveriam deixar de ser pensados como simples processos de observação (de comportamentos ou de esquemas conceituais), ou como formas de conversão (assumir o ponto de vista do outro), ou como uma espécie de transformação substancial (tornar-se o nativo). Fazer etnografia poderia ser entendido, antes, sob o signo do conceito de *devir* – desde que, é claro, sejamos capazes de entender bem em que poderia consistir esse ‘devir-nativo’ (Goldman: 2006: 31).

Longe da ordem da imitação, imaginação, assemelhar-se ou ‘virar o outro’, esse ‘devir’, seria mais ou menos dizer que, na prática do campo, não estamos isentos das mesmas *forças* que afetam os nativos<sup>7</sup>. No entanto, não significa que com isso passamos a ter os mesmos conhecimentos ou ‘regalias’. O que vale ressaltar é que, uma modalidade de relação se conceda e uma conexão de comunicação seja estabelecida com o grupo (Goldman: 2006).

Trago essa questão na tentativa de deixar clara as minhas intenções e posições nesta pesquisa. Meu contato com as histórias dos *encantados* quando criança, obtidas através das falas da minha avó e pais, não faz de mim um ‘nativo’, mas um ‘devir caboclo’, no sentido que eles entendem do termo: ribeirinho, comedor de açaí sem açúcar e com peixe frito, e que entenda a “fala da floresta”. Foi com eles que tive contato com a *matinta perera*, *mãe d’água*, *Iara*, *mãe do mato*, esses *seres encantados da floresta*, e todo esse rico aprendizado que ficou armazenado em minha memória. No entanto, outros *encantados* também estão presentes nas histórias da minha família, esses que deveriam “ficar guardados”, como dizia minha mãe, que por causar ‘medo’ (pelo menos um medo diferente dos outros *encantados* das histórias da minha avó) não deveriam ser lembrados.

Minha morada em Santarém fez revigorar as lembranças não contempladas nas histórias que meus irmãos e eu ouvíamos quando crianças: os chamados *caboclos encantados*,

---

<sup>7</sup> “O nativo, nesse sentido, não é mais pensado simplesmente como aquele que eu fui (como ocorre no evolucionismo), ou como aquele que eu não sou (como ocorre no funcionalismo), ou mesmo como aquele que eu poderia ser (como ocorre no culturalismo): ele é o que eu sou parcial e incompletamente (e vice-versa, é claro)” (Goldman: 2006: 30).

*princesas* de reinos distantes que convivem em harmonia com outros *espíritos de índios e orixás* do reino africano que, por serem vistos e sentidos nos *terreiros* de ‘macumba’, dançando ao som dos tambores e se manifestando nos *terreiros* da cidade que, a muitos agradam e a outros causam medo. São por esses *seres*, os que causam ‘medo’, o meu interesse neste estudo. *Entidades* pertencentes à religião afro-brasileira, religião que por muitos já foi pesquisada e, no entanto, continua sendo muito mal vista, discriminada e perseguida por uma parcela da sociedade, tendo seus espaços desrespeitados, depredados e seus adeptos agredidos<sup>8</sup>.

Poderia aqui me colocar como defensor de suas causas, como militante, ou dar voz ao ‘nativo’. Mas, talvez agregue todos esses sentidos, ao me apresentar como antropólogo, aquele que deveria apontar para uma reflexão, as questões de seu campo em um texto etnográfico após passar pela experiência de um ‘devir nativo’.

Para citar Nilma Lino Gomes (2008:19), autora do livro “Sem perder a raiz”, ao se referir a sua pesquisa declarou: “sei que a leitura do ‘outro’ às vezes me pegará de surpresa ou, na sua relação com a minha escrita, será o texto aqui produzido que o flagrará na mesma situação”, e finalizou dizendo que muitas “Nilmas” escreveram seu trabalho. Dessa forma, assumo que ‘múltiplos’ ‘Andersons’ escrevem esta etnografia: paraense, negro, gay, filho de pais ribeirinhos, morador do subúrbio de Belém e aspirante a antropólogo<sup>9</sup>.

Apesar dessa ‘multiplicidade’, fiz uma escolha diante daquilo que me foi possível perceber, sentir e pesquisar: os *preparativos da festa da Cabocla Mariana*. Tento não fixar neste trabalho as ‘positividades’ ou ‘negatividades’ que recortaram a pesquisa, mas dou ênfase na dinâmica que essas ‘polaridades’ deram ao estudo. Essa dinâmica se expressa nas falas das pessoas e *entidades* que tive contato, nos espaços que me foi permitido acessar, nos

---

<sup>8</sup> Os dados do Disque 100, criado pela Secretaria Nacional de Direitos Humanos, apontam 697 casos de intolerância religiosa entre 2011 e dezembro de 2015, a maioria registrada nos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. No Estado do Rio, o Centro de Promoção da Liberdade Religiosa e Direitos Humanos (Ceplir), criado em 2012, registrou 1.014 casos entre julho de 2012 e agosto de 2015, sendo 71% contra adeptos de religiões de matrizes africanas, 7,7% contra evangélicos, 3,8% contra católicos, 3,8% contra judeus e sem religião e 3,8% de ataques contra a liberdade religiosa de forma geral. Dentre as pesquisas citadas, um estudo da PUC-Rio sugere que há subnotificação no tema. Foram ouvidas lideranças de 847 terreiros, que revelaram 430 relatos de intolerância, sendo que apenas 160 foram legalizados com notificação. Do total, somente 58 levaram a algum tipo de ação judicial. O trabalho também aponta que 70% das agressões são verbais e incluem ofensas como “macumbeiro e filho do demônio”, mas as manifestações também incluem pichações em muros, postagens na internet e redes sociais, além das mais graves que chegam a invasões de terreiros, furtos, quebra de símbolos sagrados, incêndios e agressões físicas. (Puff: 2016; Santos et al.: 2017).

<sup>9</sup> PEREIRA, Anderson Lucas da Costa. Preto, Gay e do Norte: Ações afirmativas na pele. Afro religiões em Santarém, 19 de jun. 2016. Disponível em: < <https://afroreligoes.wordpress.com/category/na-pele/>>. Acesso em: 11 de jan. 2017.

símbolos e imagens da *Cabocla Mariana* e outras *entidades* presentes no ambiente onde se desenhou o trabalho de campo, são dinâmicas que dão fluxos ao enredo etnográfico.

Então, dos ‘Andersons’ escolho ser um ‘caboclo’, que sai de Belém na “madrugada, a luz da lamparina pra *ilumiar*, beirando o rio em sua *montaria*, fumando um *porronca* e no descuido com o remanso” (Jurandir: 1992: 71), deságua em terras santarenas para encontrar outros *encantados* que, de longe chegaram e por lá *montaram* morada. E como bem fez Fichte (1987) em sua “etnopoesia”, exercito nesta dissertação um arranjo que, possa demonstrar cada frase das longas falas dos personagens deste estudo, como frases que expressam não apenas o ‘ponto de vista nativo’, mas as complexas formulações teóricas postas em práticas por eles, que fazem do chão do *terreiro* um espaço do conhecimento.



Optei nesta dissertação por um estudo propriamente etnográfico. De fato, abri espaço para pôr em prática o exercício descritivo, pois como se trata de um trabalho inicial que se pretende continuar e que para esta dissertação se teve um tempo e espaço limitado, impôs-me algumas escolhas. Dei preferência em ampliar a dimensão descritiva narrativa, mesmo sabendo que tive que sacrificar dimensões comparativas e elaborações teóricas merecidas.

Sobre as narrativas que abriram esta introdução que, chamei de memórias, não só ajudam a desenhar a construção do meu campo, mas como ajudam a pensar os papéis que se assume nesse campo. Meu exercício foi o de tentar orquestrar para que neste estudo ‘cada nativo’, também seja visto como um produtor de conhecimento, trocando ideias com o aspirante antropólogo, onde ambos constroem teorias, mas demonstradas em linguagens diferentes. O meu desafio foi o de tentar produzir uma narrativa interessante desses encontros. Pois, o fato de apresentar longas descrições das falas dos personagens no decorrer deste trabalho, não significa que eu esteja repetindo o discurso ‘nativo’, mas também não foi a minha pretensão produzir um discurso unicamente antropológico, cientificista, que pudesse marcar alguma espécie de separação absoluta nessa relação. Ou seja, esta dissertação acabou sendo um experimento de como escrever, sem cair no ‘sonho’ ‘naturalista’ de um ‘conhecimento espontâneo’, e sem cair no ‘pesadelo’ de um discurso cientificista que possa esmagar todas as experiências vivenciadas, incluindo as minhas.

Sobre meu trabalho de campo, digo que se insere no que se convencionou chamar academicamente de estudos das “religiões afro-brasileiras” (Prandi: 2007; Munanga: 2009;

Silva: 2011; Ortiz: 1986; Siebeneichler: 2009; Carneiro: 2014; Goldman: 2008). Conceito cercado por inúmeras controvérsias na antropologia e em outras áreas interessadas pela temática. Mas, o importante é notar que no decorrer das produções acadêmicas, reinvenções conceituais, teóricas e aplicações metodológicas foram se consolidando e marcando épocas que serviram de ‘inspirações’, ou não, para muitas outras pesquisas (Banaggia: 2008).

Em minha pesquisa, religiões afro-brasileiras, é vista como o resultado da reelaboração das ações e práticas trazidas pelos africanos que, mesmo sendo escravizados em solos brasileiro, ao longo das suas histórias resistiram a violência contra os seus corpos e crenças, e mais ainda, incorporaram, ou *encruzilharam*, outros elementos das cosmologias e práticas indígenas, do catolicismo popular e do espiritismo de origem europeia (Goldman: 2008).

Para ser específico, meu estudo se dá no campo das religiões do Tambor de Mina, uma das religiões afro-brasileiras (Campelo: 2008; Ferretti: 1985; Luca: 2003). E sendo mais específico, quando o *Pai de Santo* Edivanei de Oyá declara, “meu *terreiro* não é a *mina* do Tambor de Mina, mas uma ‘espécie de nação da *mina*’. Aqui a *mina* praticada é paraense e de Santarém, não sei como é nas outras *casas*, mas no meu *terreiro* é assim”. Esse é o meu campo.

Acredito que as declarações do *Pai* Edivanei de Oyá se aproximam das reflexões que o Alain Pascal Kaly (2012:8) fez ao analisar as práticas de devoção a Deus, em algumas religiões da África Ocidental dizendo que, “para cada sociedade existiria um só Deus com diversos nomes e diversas formas de adoração e veneração, mas que não há uma forma de veneração superior a outra como também, cada sociedade tem suas maneiras de praticar a religião”. É claro que são contextos diferentes, as declarações do *Pai* Edivanei e as análises do Alain Kaly (2012), mas não deixam de estarem próximas quando ambos, de alguma maneira, demonstram não estarem dizendo que existe uma prática religiosa melhor que a outra.



Dito isto, no primeiro capítulo intitulado “Nem tudo é festa, mas é festa...”, logo na primeira seção, “A mina não é abc, não é colégio que se aprende a ler...” Apresento os principais personagens desta etnografia, onde descrevo uma sequência de conversas ocorridas pós-reunião que tratou dos *preparativos* do *Orô* da *Cabocla Mariana*. O *Orô* pode ser entendido como um momento de atualizações do *Axé* da *casa* (ritual que será apresentado no segundo capítulo). Chamo a atenção para o momento pós-reunião que tratou desse ritual, pois

foi onde os ‘pontos de vistas’, sobre a dedicação à ‘vida’ religiosa, foram postos: as dificuldades, cansaços, desavenças e alegrias. Esses diálogos ofereceram à possibilidade de pensar a ‘festa’, além da ‘festa’, revelando outros momentos aparentemente não conectados a vida religiosa desse grupo. A próxima seção, “Pai Edivanei de Oyá”, trata da apresentação do *Pai de santo do terreiro* e meu encontro com ele que resultou nesta etnografia. E para finalizar esse capítulo inicial, a última seção “Terreiro de Mina Santa Bárbara”, apresento o *terreiro* em si e seus espaços destinados a uma variedade de ocupações.

No segundo capítulo intitulado, “A *Cabocla Mariana* e a sua corte *ajuremada* em festa”, trata dos modos da *preparação da festa* para a *Cabocla*. Inicia com a seção “Catando Folhas e colhendo Mitos”, onde descrevo o momento em que o *Pai de santo* relata o mito sobre a *Cabocla Mariana* e a *festa das entidades* que fundou o Tambor de Mina em terras amazônica. Em seguida a seção, “Macumba sem Exu não existe...”, descrevo os *toques* dedicados aos *Exu* e *Maria Padilha*, *entidades* consideradas responsáveis pelo dinamismo dos *trabalhos* desenvolvidos pela *casa*. A seção “Reunindo com a *Cabocla Mariana*”, descrevo as orientações sugeridas pela própria *Cabocla* de como os *filhos de santo* deveriam proceder no ritual do *Orô*. Prossigo na seção seguinte, “*Orô da Cabocla Mariana*”, descrevendo como se executou esse ritual, que teve as orientações sugeridas pela própria *Cabocla* em reunião passada com os *filhos de santo*. O ritual foi restrito ao público onde o *Pai de Santo* e seus *filhos alimentaram* suas *entidades* e renovaram as suas *energias* espirituais. Este segundo capítulo finaliza com a seção, “A *Festa: Cabocla Mariana, a bela turca que aqui raiou...*”, onde descrevo a festa aberta ao público e as homenagens que a *Cabocla Mariana* recebeu dos visitantes e *filhos de santo*, e toda a ambientação do espaço apresentada ao público e as relações que se teceram nesse dia.

O terceiro é último capítulo desta dissertação intitulado, “Santarém: encantamentos e encantados”, inicia com a seção “Um pouco do lugar...”, onde apresento alguns recortes de trabalhos e pesquisas de alguns historiadores, antropólogos e artistas, filhos do lugar, e outros pesquisadores arqueólogos, não ‘nativos’, mas que atuam na região. Eu os cito com anfitriões para apresentar a cidade de Santarém. Logo em seguida, A seção “Um pouco dos *caboclos* e *encantados* no Pará...”, componho meio que um mosaico de informações que resumem, muito rapidamente, a ‘formação’ do Tambor de Mina na Amazônia, em especial no Pará. E para finalizar o terceiro capítulo, a seção “E as águas de Santarém?”, apresento outras ‘histórias’ que sinaliza uma possível ‘gênese’ que explica a presença afro-religiosa na cidade.

Sobre o segundo e terceiro capítulo, esclareço alguns pontos: o mito que apresenta a *Cabocla Mariana* e a fundação do *Tambor de Mina na Amazônia*, além de ser compreendido

como “uma carta constitucional” da “sociedade nativa” neste estudo é vista também, como um “mapa” do “ponto de vista nativo”, que traça caminhos históricos e explicativos de inteligibilidade sobre a complexidade dos fenômenos, dos espaços e múltiplas experiências que criam e dão sentidos a esse “mapa” (Malinowski: 1993).

No terceiro capítulo, volto a falar muito rapidamente sobre a fundação do Tambor de Mina na Amazônia e uma possível ‘gênese’ do seu surgimento em Santarém a partir de outro “mapa”, a do “ponto de vista” de alguns historiadores e antropólogos. Ressalto que não estou fazendo comparações entre os “mapas”, mas mostro as opções dos caminhos e possibilidade de entendimento que esses “mapas” nos oferecem. Então, o mito entendido como “mapa” apresentado pelo *Pai de santo*, e o “mapa” dos pesquisadores, são opções de “cartografias” que, talvez não usem a mesma língua, mas apresentam algumas ‘coordenadas’ para se chegar às compreensões.

Os sentidos de uso que aplico ao “mapa” e “cartografias” surgiram da interpretação da leitura da obra, “Magia, Ciência e Religião” de Bronislaw Malinowski (1993), onde o autor demonstra como as sociedades que analisou, pensam os mitos que constituem suas crenças e religiões – não como algo apenas necessário para explicar os fenômenos da religião ‘nativa’ – mas,

El mito, como veremos, no es simbólico, sino que es expresión directa de lo que constituye su asunto; no es una explicación que venga a satisfacer un interés científico, sino una resurrección, en el relato, de lo que fue una realidad primordial que se narra para satisfacer profundas necesidades religiosas, anhelos morales, sumisiones sociales, reivindicaciones e incluso requerimientos prácticos. El mito cumple, en la cultura [...], una indispensable función: expresa, da bríos y codifica el credo, salvaguarda y refuerza la moralidad, responde de la eficacia del ritual y contiene reglas prácticas para la guía del hombre. De esta suerte el mito es un ingrediente vital de la civilización humana, no un cuento ocioso, sino una laboriosa y activa fuerza, no es una explicación intelectual ni una imagería del arte, sino una pragmática carta de validez de la fe [...] y de la sabiduría moral (Malinowski: 1993:36).

Dito isto, os mitos, os cânticos litúrgicos, *toques*, *doutrinas* e *cantigas*, descritas ao longo desta etnografia, constituíram-se em importantes fontes para a compreensão dos ritos que acompanhei. Material que faz jus a uma análise mais detalhada futuramente.

Os desenhos que abrem os capítulos e algumas seções no decorrer do texto, foram produzidos mesmo antes de se iniciar a escrita, técnica que me ajudou a recuperar fatos esquecidos relacionados ao campo. Meus desenhos são simples, e não tenho talento suficiente para dar conta da amplitude da vivência do *terreiro*, mas foi um recurso importante para produzir a escrita.

## CAPÍTULO 1.

### “NEM TUDO É FESTA, MAS É FESTA...”

*A Mina não é abc, não é colégio que se aprende a ler  
eu vi rolando, na folha seca, eu vi rolando até o romper do sol,  
eu vi rolando na folha seca eu vi rolando até o romper do sol.*

*Boboromina aê aê, Boboromina eu vi chegando agora,  
olha a Mina não é abc, não é colégio que se aprende a ler,  
eu vi rolando na folha seca, eu vi rolando até o romper da aurora.*

(Doutrina da Mina cantada pelo Pai Edivanei de Oyá em dia de gira para os Encantados)



Desenho 2: Cabocla Mariana montada no Pai Edivanei de Oyá conversando com os filhos de santo, um dia antes do seu Orô (ritual que atualiza e fortalece o Axé da casa). Ao fundo se vê a cabana, local onde geralmente o Pai de santo recebe seus clientes e em dias de preparação das festas serve como dormitório para os filhos de santo.

Fonte: Autor (2016).

As duas ilustrações, musical e imagética, descritas anteriormente, é o tom que este momento da pesquisa se propõe: mostrar os ‘pontos de vistas’ das pessoas que vivem a experiência de dedicar os seus tempos à ‘vida’ do *terreiro*. Apresento então, uma sequência de conversas ocorridas pós-reunião, que tratou dos *preparativos* do *Orô* da *Cabocla Mariana*.

Em uma explicação muito breve, o *Orô* pode ser entendido como um momento de atualizações do *Axé* do *terreiro*, cerimônia que apresentou uma sequência de rituais de *oferendas*, *sacrifícios* e *toques* oferecidas as *entidades* cultuadas pelo *Pai de santo* e seus *filhos* (ritual descrito no capítulo 2). A reunião da *Cabocla Mariana* com os *filhos de santo*, onde a própria *Cabocla* esquematiza como o seu *Orô* deve ser realizado, também recebeu um tópico específico no segundo capítulo.

O que destaco neste primeiro capítulo é o momento pós-reunião sobre os preparativos do *Orô*. Ocasão que me deu a oportunidade de observar os diferentes ‘pontos de vistas’ sobre a dedicação à ‘vida’ religiosa nesse *terreiro*. Foi nesse momento que as dificuldades, cansaços, desavenças e alegrias expressadas pelos *filhos de santo* foram colocadas, questionadas, ora entres os *filhos de santo*, ora entre os *filhos de santo* com a *própria entidade*. Esses diálogos ofereceram à possibilidade de pensar a festa, além da festa, revelando outros momentos aparentemente não conectados a vida religiosa desse grupo.

O primeiro capítulo continua na próxima seção onde apresento o *Pai de santo* do *terreiro* e meu encontro com ele que resultou neste estudo. E para finalizar, em um último tópico apresento o *terreiro* e seus espaços destinados a uma variedade de ocupações. Não apresento detalhadamente a *Cabocla Mariana* e as outras entidades citadas, a partir do segundo capítulo as apresentações serão mais detalhadas.



### 1.1 “A MINA NÃO É ABC, NÃO É COLÉGIO QUE SE APRENDE A LER...”

A reunião da *Cabocla Mariana* sobre o seu *Orô* com os *filhos de santo*, terminou por volta das 20:30h, fiquei um pouco mais no *terreiro* e esperei a *Cabocla subir*, pois ainda desejava falar com o *Pai Edivanei* (*Pai de santo* do *terreiro* que recebe a *Cabocla Mariana*). Passaram-se alguns minutos e vejo o *Pai Edivanei* saindo do *barracão*. Caminho em sua direção e quando me aproximo falo que a *Mãe Mariana* (maneira carinhosa que o *Pai de santo* se refere à *Cabocla*) tinha me pedido de presente uma grade cerveja da marca que ela mais gosta, a do *pissirinho* (passarinho, antártica), peço a ele para me arranjar as garrafas vazias, para eu poder comprar logo e aproveitar a carona dos carros de algumas pessoas que ainda estavam no *terreiro*. *Pai Edivanei* me empresta a grade e saio para comprar as bebidas.

Não demorou muito, retorno ao *terreiro* com as cervejas e aviso que era bom colocá-las logo no freezer, pois já estavam geladas. *Pai Edivanei* reclama com um “ai meu Deus! Como estou cansado”, e mandou um garoto guardar as cervejas. Em seguida *Pai Edivanei* começa a preparar a cera quente para tirar a barba do seu Luiz (um dos *filhos de santo* da *Casa*)<sup>10</sup> e a todo instante tinha uma criança que, corriqueiramente, falava “eita lasqueira!”.

Dona Cleide (esposa do *Pai Edivanei*) estava cortando o bolo de aniversário da Maria (filha deles que tinha festejado o aniversário de três anos na noite anterior) e oferecia para quem estava no *terreiro*. Outros *filhos de santo* estavam cuidando dos afazeres da festa da *Cabocla* e os preparativos do *Orô*. Ícaro é o nome da criança que mais uma vez fala, “eita lasqueira!” *Pai Edivanei* repreende a criança, e pede que essa palavra não seja pronunciada dentro do *terreiro*, pois pode “chamar coisa ruim”.

Seu Luiz, já de rosto liso, resolve pegar um celular para tocar umas cantigas de Candomblé enquanto se dedica as tarefas. Passados alguns minutos, ele comenta que talvez não venha para a festa da *Cabocla Mariana* por estar sem roupa de *macumba*, *Pai Edivanei* olha para ele e fala, “para já com a tua graça!” Seu Luiz rir.

Uma vizinha do *Pai Edivanei* entra na *casa* para avisar que uma galinha voou para o quintal dela e que talvez pertença ao *terreiro*, *Pai Edivanei* pede ao Ícaro para ir buscar a galinha... Os *toques* de Candomblé continuam tocando no celular do seu Luiz que, sonoriza todo o ambiente. Ícaro volta com a galinha e mais uma vez é repreendido pelo *Pai Edivanei* por estar usando uma camisa de cor preta. Mais uma mulher entra no *terreiro* com uma criança no colo querendo falar com o *Pai de santo*, ele recebe a moça e a convida para entrar

---

<sup>10</sup> *Pai Edivanei* também depila o rosto para receber a sua *Cabocla*, principalmente quando se aproxima os festejos do *terreiro*.

no *barracão*. O celular do seu Luiz continua com os *toques* de Candomblé que passa a ser a trilha sonora dos seus afazeres.

Depois de um tempo, o *Pai de santo*, a moça e a criança saem do *barracão*. Eu falo para a moça que o cabelo da criança é lindo, todo encaracolado. A moça diz que a criança é a sua filha, e que tem um grande cuidado com o cabelo dela. *Pai Edivanei* fala para a mãe da criança seguir com fé, pois nada de ruim iria acontecer com a criança. A mãe da criança agradece e pergunta pela filha do *Pai Edivanei*, ele responde que a Maria “está estirada na cama vendo o DVD da Frozen”. Os *toques* de Candomblé continuam intensos no celular do seu Luiz e o som vai acompanhando os diálogos que acontecem no *terreiro*.

Começo a andar pelo *terreiro* com a minha maquina fotográfica e fico tentado fazer algumas fotos das galinhas d’angola que estão soltas. Dona Rosa (*filha de santo*)<sup>11</sup> me pergunta se eu não quero sentar, respondo que estou bem e procurando coisas para fotografar, então ela me pergunta “na tua faculdade, o pessoal acha importante tu tirar foto de picota é? [galinha d’angola]”, eu dou risadas. Volta e meia dou algum tipo de explicação sobre a minha presença no *terreiro*, sempre digo que estou fazendo uma pesquisa sobre a religião, o interessante é que essa explicação já me rendeu vários ‘títulos’ indicados por eles: “esse é o menino que quer ser macumbeiro”; “ele é o fotógrafo do *Pai Edivanei*”; “ele estuda a *Mãe Mariana*”, mas o título ‘oficial’ é quando o *Pai Edivanei* me apresenta dizendo, “esse é o seu Anderson, meu pesquisador”.

Continuo andando pelo *terreiro* e paro próximo onde está o seu Luiz cortando frutas e legumes em uma mesa que fica de baixo de uma árvore, digo que ele já poderia participar do ‘masterchef’, ele me pergunta “o que é isso menino?”, eu respondo que se trata de um programa de televisão onde tem várias pessoas participando de um campeonato para demonstrar quem sabe cozinhar melhor. Então ele pergunta por que deveria estar lá, eu respondo que a primeira prova no programa é justamente sobre tipos de cortes em legumes e frutas e que ele estava fazendo muito melhor que muitos participantes que se diziam cozinheiros profissionais. Ele me respondeu, “ah mano, aqui já são anos cortando essas coisas, e olha que essa faca não tá boa como eu gosto”.

Em outra parte do *terreiro* está seu Augusto (*filho de santo*) costurando uma roupa para *caboclo*, na sua mesa tem um copo de café e um cigarro, que volta e meia, ele vai alternando em goles de café e fumo, enquanto costura. Nesse instante, dona Cleide chama

---

<sup>11</sup> *filha de santo* do *terreiro* que recebe a *cabocla* Flora. Dona Rosa é considerada pelo *Pai Edivanei* e dona Cleide como uma pessoa de muita confiança deles.

pela Paula (irmã do Ícaro), para ela observar e aprender com o seu Luiz como cortar os legumes.

Os sons dos *atabaques* continuam intensos no celular do seu Luiz e as crianças começam a brincar no *terreiro*, Maria é a menor e fica correndo atrás do Ícaro e da Paula. Seu Luiz já está quase terminando de cortar as frutas e pergunta para o *Pai Edivanei* como é que deve ser cortada a melancia, o *Pai de santo* responde que a fruta deve ser cortada em quatro fatias e para ele cortar rápido, pois o tempo já está se esgotando. Os *toques* de candomblé continuam tocando no celular.

Agora toca o celular do seu Augusto, ele atende e fala que vai dar a resposta para quem ligou por WhatsApp e que estava muito ocupado no momento cuidando da comida do *terreiro*. Dona Rosa manda o Ícaro ir tomar banho, pois já está ficando tarde. Seu Luiz continua cortando as coisas e ao mesmo tempo canta os *toques* de Candomblé que ecoa do som do seu celular. O celular da dona Selma (*filha de santo*, novata no *terreiro*) faz uma chamada de WhatsApp, mas ela diz que não vai nem olhar, “é bem o povo que quer fofocar e eu tô sem tempo para isso”. *Pai Edivanei* está na cozinha e mostra o braço para dona Rosa, dizendo que está inchado e se queixa de dor.

Não demorou muito, *Pai Edivanei* me chama, “meu filho, pega essa panela e coloca aqui para mim em cima dessa mesa, meu braço tá doendo muito”. Dona Rosa entra na cozinha para mostrar a roupa que o seu Augusto fez para a sua *cabocla* usar na noite da  *festa*, eu digo que a roupa ficou muito bonita. Continuo na cozinha e o *Pai Edivanei* me pede para eu abrir os pacotes de *manijoba* e por em uma panela grande, depois ele pede à dona Selma que comece a temperar a carne de bode com alho, sal e pimenta do reino. Ele avisa que quando voltasse da mata, a carne já é para estar temperada e no fogo. *Pai Edivanei* me avisa que vai rapidamente para *mata arriar* as *oferendas* para um *trabalho* de um cliente, eu respondo que vou esperar a sua volta. Então ele entra no *barracão* e não o vejo mais. Nesse intervalo dona Rosa preparou uma comida rapidamente e serviu para todos.

Não demorou muito começamos a ouvir vozes vindas do *barracão*, dona Rosa nos avisa que se trata da *Maria Padilha*, “É ela que vai levar as coisas para arriar na estrada”. No *barracão* alguns *pontos* dedicados à *entidade* são *puxados*. Após alguns minutos, sai do *barracão* seu Luiz carregando duas galinhas e em seguida o Rafael (sobrinho do *Pai Edivanei*) levando as bacias com frutas e por fim, sai do *barracão* a *Maria Padilha*. Todos vão direto para um carro que estava esperando por eles estacionado na frente da *casa*. Eu sigo para a *cabana* onde fico sentando ao lado da dona Rosa e da dona Selma esperando a volta deles.

Na *cabana* tem uma televisão e a dona Rosa sintoniza um canal que esta passando uma novela. Estamos sentados assistindo à programação e somos interrompidos com a chegada de um rapaz que deseja falar com o *Pai Edivanei*. Ele deseja também falar com urgência com a *Cabocla Mariana*. Dona Rosa avisa que hoje a *Cabocla Mariana* já tinha vindo, mas se o rapaz tivesse com muita urgência era para ele esperar o *Pai de santo* chegar. O rapaz resolve esperar e senta conosco na *cabana*, ele aparenta estar muito aflito e inquieto, dona Rosa percebe o seu comportamento e oferece um copo com água para o rapaz e pede para ele entrar no *barracão*, eles ficam lá até a chegada do *Pai de santo* que após algum tempo retorna ao *terreiro*. Ao chegar *Pai Edivanei* é avisado do acontecido e segue para o *barracão*.

Eu continuo sentado na *cabana*, seu Augusto senta ao meu lado e muda o canal da TV para assistir outra novela, foi neste instante que escutamos uma voz bem alta e aguda vindo de dentro do *barracão* “Eeh!, Eeh!, Eeh, hum!”... Em seguida foi possível escutar um “boa noite! Ouxi, que já, já vai xiresolve esse angu”. Pelo sotaque e maneira de falar acredito ser a *Cabocla Mariana* que mais uma vez *desceu* nesse dia. Tenho dificuldades de escutar melhor o que está acontecendo no interior do *barracão* devido ao som da televisão que está bem alta, mas tivemos certeza que se tratava da *Cabocla*, pois a mesma começa a *puxar* um *toque*, “eu sou Mariana e Princesa da Turquia...”. Os minutos se passaram e o rapaz sai do *barracão* com uma aparência bem melhor, ele passa por nós dando boa noite e segue para a saída do *terreiro*.

Ouçõ a *Cabocla Mariana* chamar a dona Cleide, ela entra no *barracão*, em seguida escuto a *Cabocla* receitar um remédio para tratar das dores do *Pai Edivanei*. Dona Cleide chama pelo Ícaro para ele levar uma caneta e um caderno para ela anotar as orientações da *Cabocla*. Maria entra no *barracão*, escuto ela falar, “benção vovó Mariana”, “Oxalá te abençoe, que quiança bonita!”, respondeu a *Cabocla*.

Continuo sentando na *cabana*, alguns *filhos de santo* de outros *terreiros* dos municípios vizinhos que vão acompanhar os *preparativos* da *feira* começam a chegar, muitos vão ficar alojados na *cabana* até o dia da *feira* aberta ao público. Um deles me pergunta quem é que está no *barracão* eu respondo que é a *Cabocla Mariana*.

“Meu filho você está aqui o dia inteiro, não tá com fome?” Me perguntou dona Rosa, respondo que estou bem e peço só um copo com água. Dona Rosa avisa que a *Mãe Mariana* está atendendo e acha que a *Cabocla* vai demorar a *subir*, “Ah meu filho, nem sei que horas vamos descansar, quando *Mariana* vem assim, demora ir e prende todo mundo aqui”. Em outra cadeira está sentado seu Augusto, ele me fala que não perde nem uma novela... Não

demorou muito, de dentro do *barracão* a *Cabocla Mariana* grita, “Seu Degustu [se referindo ao Seu Augusto]”, ele responde “senhora!”, “venha cá fazi favor”. Responde a *Cabocla*. Seu Augusto pede para a Paula, que também esta assistindo a TV, pegar uma bata amarela que está estendida no varal, ele veste a bata e segue para o *barracão*.

Intensamente se inicia um entra e sai do seu Augusto do *barracão* para pegar coisas pedidas pela *Cabocla*. Seu Augusto depois de um tempo sai do *barracão* e senta novamente ao meu lado e fala, “nossa! Eu tô muito cansado”. Eu digo, “esses dias tem sido puxado né?” Ele responde, “não só isso, tô cansado dessa vida mesmo... não é fácil, a gente vive pra isso [se referindo a vida religiosa], nunca termina, sabe, tem dia que eu não tenho tempo pra mim mesmo sabe... sei lá, eu não to dizendo que eu não goste, eu sei que tem seus benefícios, mas é que é muita cobraça, muita responsabilidade, a gente tem que abrir mão de muita coisa sabe”.

Dona Rosa também está do nosso lado e diz, “ah meu filho... E eu que já tenho anos de estrada, só para encurtar vou dizer uma coisa para você. Quando eu conheci o Edivanei ele era um moleque, uma criança, franzino de dá dó, ele tava iniciando essa casa aqui, aprendendo a mexer com as coisas... E a casa que tinha macumba, lá estava nós. Até que de pouquinho e pouquinho ele chegou onde está hoje, mas não foi fácil não, mas quem disse que nossa vida é fácil? É muita dedicação para aprender, se quiser aprender também, pois tem um monte de gente por aí que se diz da religião, que diz que sabe fazer isso e aquilo, mas na hora do pega pra capar, do vamo ver mesmo! Aí, é que são elas... Mas é isso, é gente que pensa, o que a gente faz é brincadeira”. Seu Augusto responde, “não dona Rosa, não to desdenhando não... Eu sei das cobraças, eu sei que é uma vida de dedicação. Mas eu sou ser humano né, tenho minhas falhas, mas eu falo isso no momento de cansaço mesmo, eu sei das minhas responsabilidades, e sei das coisas boas que já ganhei também me dedicando, mas dá um momento de cansaço sim”. A novela continua passando na TV, os cachorros do *Pai Edivanei* começam a latir, outras pessoas começam a entrar no *terreiro* trazendo algumas sacolas para entregar para o *Pai Edivanei*. Dona Rosa avisa que quem está no *terreiro* é a *Cabocla Mariana*.

Depois de um tempo, a *Cabocla* sai do *barracão* e atravessa o *terreiro*, “Boa Nhoite!”, saúda todos nós, ela se dirige para baixo de uma mangueira pede uma cadeira e senta. Todos os cachorros vão atrás dela e ficam aos seus pés. Ela chama seu Luiz e diz “seu Luizí vá comprar uma pumosa pra mim”, seu Luiz responde, “mas mãe tem aqui no freezer, eu pego para senhora”. Ela responde, “não senhor! essa pumosa aí é para zaminha festa, eu

quero outras pari hoje”. Seu Luiz então se afasta dela e segue para a cozinha, pega algumas garrafas de cerveja vazia e segue para um depósito de bebidas que fica logo no final da rua.

Algumas pessoas seguem para onde está a *Cabocla* e começam a se despedir dizendo que estarão presente em sua  *festa*. Eu ainda estou sentado na  *cabana* ao lado de algumas pessoas que estão assistindo a novela. A  *Cabocla* fala bem alto, “Não demora seu Luiz com a pumosa!” Ela começa a cantar, “e eu sou uma arara cantadora faladeira..., eu sou a Mariana, a princesa curandeira, mas eu subi o morro...” Em seguida para de cantar e diz, “dona Selma, é para senhora vim cedo a minhã, di nove hora diminhã”, a TV continua com o volume alto e a  *Cabocla* pede para desligar, “Ei! Desliga este estribilim aí já!” Ela retoma a conversa com a dona Selma, “dez zora diminhã seu Edivanei vai precisar da ajuda de tudo povo, então venha! Traga sua rupinha limpa, toma um banho e venha. Que aminhã vai começar todas as iscoisas”.

Seu Luiz retornou ao  *terreiro* com as cervejas, passando por nós, segue para a cozinha e armazena as garrafas no freezer.  *Mãe Mariana* pede para seu Luiz servir um copo para ela e para a dona Selma, “mas senti aí dona Selma, não vá si borá agora não, tome uma pumosa cumigo”. Dona Selma é uma filha de santo que está recentemente se cuidado com o  *Pai* Edivanei, ela tinha me dito em outro momento que estava frequentando outro  *terreiro* e que resolveu mudar de  *casa* devido não se sentir bem no antigo.

Eu continuo sentando de baixo da  *cabana*, foi quando a  *Cabocla Mariana* me olha e grita “seu Andison! se aproxiegue, sentisi aí nesta cadira”, eu me aproximo e sento ao seu lado. Em volta da  *Cabocla* já estava a dona Selma, a dona Rosa e eu.  *Mãe Mariana* volta a falar com a dona Selma dizendo, “Teve um dia que como esse, chegou aqui em minha Casa um moço lá de fora [outra cidade], um senhor juiz, ele foi transfirido pra dona Santarém [referindo-se a cidade] quando chegou de lá do Belemzeiro [referindo-se a cidade de Belém] disseram para ele que tinha a casa do seu Edivanei, que ele podia ir, já que ele gostava dessas iscoisas né, [referindo-se a religião] e ele veio em um dia como esse, eu tava sentada... Assim, aí ele chegou: ‘boa nhoiti’, aí todo mundo ‘boa nhoiti’, ‘gostaria de falar com seu Edivanei que trabalha com a Dona Mariana’, aí eu respondi – ta falando com ela e seu Edivanei eu estou em cima. Ele se aproximou deu a benção, pedi que a deusa abençoasse e sentou em uma dessas cadeiras, deu umas horas aí ele falou, ‘mãe’, eu ‘sim!’- ‘Eu sou um juizis [juiz]... meu tempo tá curto e gostaria de ser atendido’, eu falei – ‘o senhor é juizis? Aonde o senhor é juizis?’ – Aqui de Santarém (respondeu ele), eu disse – o senhor é juiziz lá! Na minha Casa quem manda sou eu. Ele ficou calado né, esperando..., não demorou muito eu atendi ele. Sabe seu Andison, quando esse moço se aproximou de mim caiu no berreiro, chorou e mais chorou, aí ele falou, – hoje sim eu encontrei a minha mãe amada! que a muito tempo eu não via”.

Dona Selma escuta atentamente a fala da *Mãe Mariana* e concorda dizendo que quando chegou ao *terreiro* do *Pai Edivanei* teve uma sensação muito boa de acolhimento. Seu Luiz aparece com a cerveja e serve primeiramente à *Cabocla* e depois dona Rosa, dona Selma e eu. *Mãe Mariana* continua falando que foi dessa maneira que ela ensinou o seu *filho*, “trabalhar para fazer o bem às pissoas”, disse que tudo o que o *Pai Edivanei* aprendeu foi para oferecer bem-estar às pessoas, “mas digo mais meus filhos... muita gente fala do meu filho, coisa boa e coisa ruim, mas sabe de uma coisa, duvido vocês um dia virem seu Edivanei se exaltando ou se mal dizendo...”, enquanto *Mãe Mariana* esta falando toca o celular de alguém, “mas que diacho é isso já! esse pipi, pipi, pipi”, dona Selma fala, “é um celular mãe”, “e eu lá quero saber o que é cerurar!” responde a *Cabocla*... “Seu Andison que dizer que o senhor veio pra vê minha festa foi?”, eu respondo que sim, “certo! Então tira uma foto minha com essa sua careteira [máquina fotográfica]”.

Não demorou muito dona Cleide se aproxima e senta conosco, *Mãe Mariana* pergunta pela Maria e dona Cleide responde que já estava dormindo e que a criança tinha brincado o dia inteiro e quando chegou a noite só deu tempo de tomar banho, comer um pouco e dormir.

A *Cabocla* pede para servirem mais cerveja para nós, dona Rosa avisa que já vai embora e que está preocupada, pois tem que resolver algumas coisas em sua casa, a *Cabocla* responde que tudo vai ser resolvido no tempo exato, mais rápido do que dona Rosa possa imaginar, “minha filha eu já dei a volta nesse mundo, e nada é fixo, tudo movimenta, as iscoisas vão se encaixando conforme o tempo, tudo, tudo tem o seu lugar, não adianta afobamento, correria, não! As coisas se arranjam... Seu Degustu pega um pitu pra mim [cigarro]”.

“Mas eu subi o morro eu desci ladeira, eu sou filha de um turco, sou uma arara cantadeira...” Cantou mais um pouco a *Cabocla*. Em seguida seu Augusto entrega o cigarro e mais cerveja para ela. *Mãe Mariana* volta a falar, “eu pensei que seu Degustu si pideu, não vi mais ele”, então a *Cabocla* pede para ele se aproximar e tomar cerveja com ela, seu Augusto responde que não sabia que era para ele tomar também, pois tinha entendido que era para somente servir, a *Cabocla* responde “pari com a sua tulhici e tome a pumosa, senti aí!”.

*Mãe Mariana* me chama, “seu Andison, me diga uma coisa, cadê a dona Bia, a prefissora Carla, a dona Telma?” eu respondo que todas estão bem, que Bia está morando e estudando em Brasília; a professora Carla realizando uma pesquisa na Bahia e que Telma estuda comigo no Rio de Janeiro, mas que no momento se encontrava em Santarém e que

inclusive, ela tinha acompanhado o *Pai Edivanei* na *catação dos matos* junto comigo. “Foi! Que coisa boa seu Andison, fico agradicida”, respondeu a *Cabocla*<sup>12</sup>.

*Mãe Mariana* toma mais um gole de cerveja e em seguida direciona a conversa ao seu Augusto para lembra que no dia seguinte será a realização do *Orô*. “Seu Degusto, meu Orô vai ser aminhã apartir das dezi horas di minhã?” Disse ela, “e porque não pode ser hoje? Se já tem tudo aí”, perguntou Seu Augusto. “Porque eu não quero!”, respondeu a *Cabocla*. A *Cabocla* demonstra um certo aborrecimento com a indagação do *filho de santo* e prossegue com a fala em um tom de chamar a atenção: “Eu já fiz Orô nessa casa, começar di nove horas da minhã, di dirrubar boi, di dirrubar cabra, bode, suíno, di dirrubar trinta penosa, trinta galo, vinti pato... e quando desse mei dia pra uma hora, tava tudo pronto! O custo foi só cortar os temperos e botar no fogo... eu já falei pro Edivanei que vou voltar a tomar tendência da minha casa, quero vê se isso não vai entrar nos eixos... O que eu digo, o que está faltando para seu Edivanei é voltar as origens da vida dele! As origens de vida desta casa, onde este berraco aqui foi construído”. *Mãe Mariana* olha para o seu Augusto e pede mais cerveja, ele a serve e ela prossegue com a fala, “vou dá um jeito nesta casa. Ah! Se vou! Vou acabar com toda essa putaria, isso vai mudar”.

Percebo que a *Cabocla Mariana* se expressou de forma tão dura devido ao fato de alguns *filhos de santo* e o próprio *Pai Edivanei* terem se iniciado no Candomblé. Segundo a *Cabocla*, essa atitude soa como um desrespeito aos seus conhecimentos, pois ela aponta que certas atitudes dos *filhos* em tentar modificar algumas coisas do ritual praticado em sua *casa*, são devidas as influências que estão recebendo do Candomblé. Após observar a reação da *Cabocla* foi que me dei conta que o seu Luiz tinha desligado o seu celular que estava tocando músicas de *terreiro* do Candomblé, talvez já soubesse que a *Mãe Mariana* não iria gostar.

“Viu dona Selma? Me de licença com todo caminho, toda a eligância, toda a existência, mas me perdoe o palavriado... mas vá pá puta que partiu... o povo tem que vê que cada casa com seu fuzo, e cada porca com seu parafuso... e vou falar de uma iscoisa, seu Edivanei não toca candobé na casa dele, seu Edivanei é iniciado no candobé, mas ele não toca na casa dele, não vive de candobé, se ele vivesse do candobé eu não existia aqui nessa casa. Seu Edivanei vive da umbanda dos caboquinhos, de exu, de pombogira, é que dá vida e que dá existência e esta casa, pombogira dá caminho... Olha, seu Edivanei, passou vinte e seis anos... mãe de santo dele é nossa senhora, pai de santo dele é o nosso senhor, e a existência da

---

<sup>12</sup> Bia e Telma são duas amigas que junto comigo realizamos pesquisas em Santarém sobre a religião afro-brasileira praticada na cidade, Carla foi nossa professora e orientadora na época da graduação e responsável por desenvolver as pesquisas conosco. Sobre a catação de folhas será dito com mais detalhes no segundo capítulo.



vida dele é eu, seu Zé Raimundo, seu Zé mineiro, seu Onorato, a Dona Tereza légua, a Dona Nega Ana. Finaliza no contexto da existência, para dá caminho e estradas abertas que as portas que estivessem fechadas se abrissem, se chama Senhor Tranca Rua, Seu Maioral, Dona Rose e Maria Padilha... Que quando seu Edivanei via que as iscoisas tá ruim ele corria pra dentro da casa do Exu e gritava por eles. Seu Edivanei só não tem muita intimidade com Seu Maioral porque com o Maioral, Edivanei nunca foi frequente, de três em três anos de dois em dois anos ele dá o ar da graça dele, mas quando ele apericia as coisas tudo fluía...”.

*Mãe Mariana* continua a chamar atenção dos *filhos* da *casa* e dá como exemplo a vida do *Pai de santo* do *terreiro*... “seu Edivanei se iniciou no santo [Candomblé], eu não queria, mas ele foi pra ter uma estabilidade de mente, porque meu filho, o caminho quem dá é os exus as pombogiras. Por isso que eu sempre digo que gosto do seu Degustu, porque seu Degustu gosta mesmo é da pombogira, e ele confia na mulher que ele carrega, que caminha com ele, que dá estabilidade de vida para ele”. Seu Augusto comenta, “mas mãe, a senhora tem que ver que o orixá, para nós filhos de santo é importante e não podemos sair desconsiderando não, a importância que o Candomblé tem para nós”. A *Cabocla* responde, “seu Degustu o senhor vai mi discupar, que como eu disse eu não desconduo do candobé... Como eu disse, seu Edivanei se iniciou no candobé pero um caminho para cuidar da mente dele”, “mas mãe, o orixá dá equilíbrio espiritual também”, responde seu Augusto.

A *Cabocla* continua respondendo ao seu Augusto, “Mas seu Edivanei, passou foi vinte e seis anos sem virar cabeça de rola [raspada], sem ficar ticado, sem nada dessas iscoisas sem precisar ficar encrausurado... Me intindi, não digo dá religião do seu candobé, simplesmente seu Edivanei só caiu em mãos erradas, porque se seu Edivanei tivesse caído em mãos corretas... hoje seu Edivanei oh! [fazendo gestos com as mãos imitando um voo de pássaro] voo, construiu uma vida melhor pra ele, teve um conhecimento em outros lugares, teve um caminho melhor de vida, mas foi comigo...”.

Percebo que a *Cabocla* tenta demonstrar aos seus *filhos* uma crítica não ao Candomblé em si, mas às pessoas que o *Pai* Edivanei teve contato quando se iniciou no Candomblé, alertando para os possíveis erros de cair em mãos erradas. Então, a *Cabocla* prossegue demonstrando os supostos erros, prosseguindo com os exemplos de vida do *Pai* Edivanei... “Mas bastou o seu Edivanei dá o primeiro passo... se misturar com o povo do candobé, não digo a religião, mas com o povo, que fique bem claro, não com a nação e nem com a religião e a santa dele, mas sim com os povo, isso deu problema..” Seu Augusto responde, “mas a gente nunca deve julgar ninguém né mãe”, prossegui a *Cabocla*. “Mas eu não tô julgando seu Degustu eu tô falando o que eu vi”. Seu Augusto diz, “É porque pai de

santo é tipo assim, os problemas são os mesmos, só muda de endereço”. “Olha seu Degustu, vou lhe dizer uma coisa, são quatro coisa de errado nessa vida que tem: advogado, balança, pai de santo e relógio... só presta pra si, e o *filho* só presta se tiver isso, [*Cabocla Mariana* fazendo gesto com as mãos insinuando dinheiro] se você tiver isso meu *filho*, você é um lorde, ou você é uma rainha, mas se você não tiver... meu *filho*, você vai ser o rei ou a rainha do pano de chão. Sabe o santo que o senhor vale hoje no candobé? Erre [R] e cifrão [\$], se você tiver erre e cifrão, você vale”. Respondeu *Mãe Mariana*.

Depois desse tenso dialogo entre a *Cabocla* e seu Augusto, um pequeno silêncio se estabelece, e bem de longe se ouve levemente o som da televisão competido com o som do balançar das folhas das arvores quando bate o vento. Mas o silêncio é rompido quando *Mãe Mariana* volta a conversar com a dona Selma. “Dona Selma, pode passar o sebo nas canelas que aminhã vai ser meu Orô, e depois a festa, e como no outro dia seu Edivanei não vai ter nada, eu quero aproveitar bem a minha festa”. Dona Selma responde, “e a minha casa? como fica sem eu lá? e meus filhos?”, a *Cabocla* responde, “com Deus e Cristo e eu, cuidando. A senhora não confia não? Tá duvidando de alguma coisa dona Selma?”.

A *Cabocla* toma mais um gole de cerveja e fica mais uma vez em silêncio, todos nós a acompanhamos sem dá uma palavra, repentinamente ela se volta para mim e pergunta como está minha pesquisa, respondo que está tudo bem e mais uma vez agradeço por ela ter permitido eu acompanhar os *preparativos* da sua *festa*... Minha fala é interrompida quando a *Cabocla* volta a falar da Umbanda praticada no *terreiro* do *Pai* Edivanei.

“Deixa eu dizer uma coisa para o senhor seu Andison, a religião da Umbanda aqui nesta casa é pariense [paraense], é de cabôco, curandeiro, de encantado, é do povo da floresta”. Dito essas palavras a *Cabocla* se dirige ao seu Augusto, “agora seu Degustu, e todos vocês aqui... Sei que todos tem seu problemas e suas fraquezas, tristezas, angustias, medos... Mas meus filhos, eu posso dizer que também seu Edivanei sente tudo isso, ou vocês acham que o seu Edivanei já não pensou em desistir de muita coisa? Mas meus filhos eu não deixei ele só em nem um momento... quando ele mais precisou, e é o que eu digo para vocês, nesta casa aqui vocês não vão encontrar o mal, porque meus filhos, o que eu mais prezo e ensino para o Edivanei é fazer o bem para quem quer que seja. Seu Edivanei pode estar nessa casa com um único prato de comida, mas se chegar alguém com fome e pedir comida pra ele... Pode ter certeza que ele vai dividir, ou até dá tudo pra vê a pessoa satisfeita. É isso que eu quero para esta casa, fazer que todos que estejam aqui, se sentirem bem”.

A *Cabocla* continua falando... “Agora como eu digo, as pessoas só não são mais felizes porque só vem comigo quando precisa. Então eu digo para vocês, vivam a Deus,

vivam em Cristo, que Deus de a paz, o caminho e a felicidade para vocês, o alicerce e a proteção divina... que possam encher a alma, a mente e o corpo de vocês. E que a paz reine em seus lares... Nas horas abertas, nas horas calmas e nas horas agitadas, que a alegria sempre vos enchem a alma. Digo mais, o importante é que todos possam conduzir suas vidas como quiserem e tudo que desejam se realizem, e os objetivos sejam alcançados, e podem contar com seu Edivanei e principalmente comigo, esta turma velha aqui”.

Dona Selma que durante a conversa se manteve em silêncio em grande parte respondeu, “*Mãe Mariana* se não fosse o seu filho, se eu não tivesse escutado as sabedorias dele, me dedicado a ouvir as instruções e sentir a energia da sua casa, talvez hoje eu seria uma das excluídas, eu sei que estou em boas mãos...”.

*Mãe Mariana* escutou atentamente a fala da dona Selma e em seguida disse, “meus filhos, casa de santo, seja ela da Umbanda, seja da Quimbanda, seja do Jeje, seja Nagô, seja o que seja...é que nem porta de igreja, as pessoas comentam diferente iscoisas, são instruídas para falar disso, disso ,disso... o que lhe servem... mas disque já soube que as igrejas por aí só vivem chamando pelo nome do diabo, aqui ele não entra não. Espírito imundo na minha casa não, mas eu comparei com a igreja para dizer que aqui as portas estão abertas, mas para quem quer viver o bem... Mas seu Degustu, me dá uma pumosa e pitu que já, já vou mi borá”.

Seu Augusto serve a bebida e acende o cigarro para a *Cabocla. Mãe Mariana* continua falando, “Olha eu vou dizer uma coisa meus filhos, as pessoas tem deixado a malícia, a mesmice de se acharem superior de mais... a vida não é isso, tem outros caminhos para serem conduzidos uma vida melhor... Pois é, vou começar a tomar de conta da minha casa, vou dá umas puxadas de orelha no Edivanei... Mas sabe meus filhos, eu fico feliz e mi sinto muito feliz mesmo, com todos os problemas, quando vejo meus filhos tendo um progresso, mesmo que depois não falem nem de mim nem do seu Edivanei, eu fico feliz mesmo assim, mesmo com a ingratidão das pessoas... eu sabendo que meus filhos estão bem, prosperando, tão quiando e firmando um alicerce firme, forte e seguro... e saber que eu tive um pouquinho que seja ajudando nessa caminhada, eu já fico feliz. É como eu sempre digo... teve um dia que chegou uma moça aqui dizendo para eu vê o presente, o passado e o futuro para ela, eu disse, olha minha filha, o futuro eu não falo, o presente é o que a senhora tá vendo agora, e o passado não importa, porque a água que passa de baixo da ponte não volta nunca mais e a água que move o moinho também nunca é a mesma, mas se a senhora quer um conselho para se preparar, pivinhir ou como se deve caminhar nesses três tempos, aí sim eu posso ajudar, e estou aqui para isso...”

*Mãe Mariana* toma mais um gole de sua bebida, fuma mais um pouco e continua falando, “essa casa aqui vai fazer mais de 27 anos... nunca foi punhado praca [placa] e esquito [escrito] nada na frente do terreiro, aqui vem o pobre, vem o rico, vem o ralado vem o esfolado, o faminto, o bom, vem o doente, vem até os metido a pica grossa... Vocês sabem o que significa esse termo?, significa que é gente que finge que tem din din, mas não tem é coisa nenhuma, não tem nem o que o periquito roa, o estomago tá pra grudar no espinhaço, mas a pose continua, bem vestido, bem calçado faz a capa... Mas aqui eu recebo todo mundo, quando eu não estou, seu Edivanei esta aqui, e olha que seu Edivanei não é letrado, seu Edivanei... Dizem que ele tem uma palavra boa, mas ele não é letrado, mas o que eu ensinei para ele, ele faz bem. Seu Edivanei tem a cabeça oca pra aprender, mas eu... Ah meu filho! o que eu já corri esse mundo nada mais me espanta ou assusta, e o que eu aprendi vou passando para o seu Edivanei”.

A *Cabocla* inicia mais uma cantiga, “rei da Turquia já içou sua bandeira, venha ver como é bonito ver seus filhos na trincheira, venha ver como é bonito ver seus filhos na trincheira...”, ela para de cantar e continua a falar, “Seu Degustu que horas tem na terra do pecado?”, seu Augusto responde que já são quase 23:00h, “tá bem, me traga mais um pitu seu Degustu”. Seu Augusto acende o cigarro para a *Cabocla*, ela dá um trago no fumo, bebe mais um pouco de cerveja e logo em seguida segura as mãos do seu Augusto e começa a cantar mais uma *doutrina* para *caboclo*, “eu dou um tiro quero ver cair, sai, sai, sai, boa noite meus senhores, sai, sai, sai, boa noite peço licença ... e ele disse camarada que ele vinha na sua aldeia...”, dona Selma que estava sentada conosco começa a cambalear e a sua respiração começa a ficar ofegante. *Mãe Mariana* para de cantar e dá uma saudação de “Ê Cabocô!”, e pede para o seu Augusto levar a *entidade* que acabou de chegar para dentro do *barracão*.

Seu Augusto não demorou muito e sai do *barracão* sentando novamente do nosso lado, “o senhor não tá tomando mesmo não?”, perguntou a *Cabocla Mariana*, seu Augusto responde que a bebida não foi oferecida à ele. A *Cabocla* responde, “mas filho de uma égua! Eu disse para todos nós beber a pumosa”. O celular de alguém toca, e mãe Mariana fica incomodada, “de quem é esse fuxiqueiro? Se eu pegar isso vou tacar a mão de pilão nele, nem que depois eu fazi seu Edivanei pagar outro, mas eu quebro esse fuxiqueiro... Eu já quebrei um do seu Edivanei, essa coisa fica me azucrinado”.

A *Cabocla Mariana* volta a conversar conosco, e mais uma vez afirma dos cuidados e compromissos que as pessoas devem ter ao se dedicarem a vida religiosa. “Sabe meus filhos, eu procuro zelar e cuidar das pissoas da minha casa toda, meu menino faz tudo pra agradar todo mundo, mas disque, Deus que é Deus não agradou gregos e troianos, então quem

é seu Edivanei né para agradar... Fazer o que né? Meus filhos, a gente pode fazer o possível ou impossível para agradar, tudo e a todos, mas nunca vai agradar cem picento. Então, como eu já sou macaca velha, já sou barroca sambada... Dia 12 eu fiz 35 anos em cima do seu Edivanei, a comemoração vai ser depois de aminhã, nessa festinha que tamos preparando, não vai ser aquela festança como vocês já presenciaram em outros momentos... Seu Edivanei passou por problemas difícil, a irmã, a mãe dele, a esposa dele a filha dele, ele mesmo também, estavam tudo doente... que quando um dia, eu cheguei aqui, nunca tinha visto seu Edivanei com um negócio duro daqui até aqui, [ela apontado para a perna do seu Edivanei que tinha sido imobilizada devido ao acidente que tinha sofrido semanas anteriores], Ele não podia nem puxar um pitu, que tudo doía nele, mas teve um hora que eu peguei ele e pá!, estalei todo corpo dele, foi aí que começou a melhorar e ajudar o povo dele que tava tudo ruim. Ele teve muito gasto meus filhos, então ele veio falar comigo, me pedir desculpa que a festa ia ser simples... Mas meus filhos eu sei de tudo, a única coisa que eu peço é respeito pelo chão desta casa, respeito para fazer as iscoisas simples, mas com dedicação... É só isso que peço.”

A *Cabocla Mariana* começa a dizer que está gostando muito desse momento de conversa, diz que rir, chorar, contar piada também faz parte da vida em família, após dizer essas palavras ela levanta da cadeira e segue para o *barracão* para conversar com a *entidade* que tinha *montado* em dona Selma. Dona Rosa nos fala que Dona Selma é novata na *casa* e está desenvolvendo a mediunidade, então a *Mãe Mariana* estava fazendo as apresentações para a *Cabocla* da dona Selma e explicando os motivos do seu *cavalo* estar frequentando o *terreiro* do *Pai* Edivanei. Não demorou muito *Mãe Mariana* sai do *barracão* com a *Cabocla* que já esta *montada* em dona Selma, *Mãe Mariana* pede para a *cabocla* se apresentar. Ela saúda todos com um boa noite e se apresenta dizendo que se trata da *Cabocla Jarina* que tinha acabado de chegar. *Mãe Mariana* pede para a *Cabocla Jarina* fazer sala enquanto ela vai atender a dona Cleide que está com dores no corpo.

A *Cabocla Jarina* senta ao nosso lado e começa a conversar conosco, “que dizer que vocês são aqui de Santarém?”, eu respondo que sou de Belém, mas que moro em Santarém e estou no *terreiro* do *Pai* Edivanei fazendo uma pesquisa, as outras pessoas ao nosso lado respondem que são de Santarém e que alguns são *filhos* da *casa*. A *Cabocla Jarina* nos fala que sua *filha* ainda estava aprendendo as coisas da religião e que por ter passado por mãos ‘erradas’ estava ainda com poucos conhecimentos, “pois é, minha filha é novata nesta casa, ela ainda tá engatinhando, é igual uma criança quando nasce, primeiro vai engatinhando bem devagarzinho, aprendendo a falar... assim é o caboclo quando tá em uma casa nova, e aqui é a

escola, vamo aprendendo, aprendendo, aprendendo... Vocês sabiam que eu sou uma índia? sou dá mata, não gosto de falar muito, a turca Mariana que gosta... É isso, aos poucos minha filha vai aprendendo, o importante que minha filha está se sentindo bem aqui... Se ela ficasse mais um pouco na outra casa, ela ia ficar maluca da cabeça, lá ela ia ficar toda escangalhada... E lá, ela não desenvolveu nada, nadinha, aqui ela tá aprendendo”.

*Mãe Mariana* sai da casa do *Pai Edivanei* e volta a se aproximar do local onde estamos e pede para a *Cabocla Jarina* acompanhá-la ao *barracão*. Então a *Cabocla Jarina* se levanta e já vai se despedindo de todos. Enquanto as *caboclas* estão no *barracão*, seu Augusto senta ao meu lado dizendo que está quase indo a algum bar, eu pergunto para ele se não está cansado, pois já esta tarde e na manhã seguinte já teria que acordar cedo para a realização do *Orô*, ele responde, “mano, são quase 17 anos que eu tenho de terreiro aqui Edivanei, eu entrei nessa vida... Eu tenho 42 anos de idade, trabalho desde os 14 anos, vou te contar uma coisa... eu estou cansando... Vai ter a comemoração dela né? [se referindo a *Cabocla Mariana*] eu particularmente, tô aqui quase cinco meses morando mesmo no terreiro, já tô querendo ir embora de Santarém, não tô falando mal do terreiro... Sabe, nessa festa não sei se vou participar da roda”. Nessa hora seu Luiz interrompe a fala do seu Augusto dizendo que essa atitude vai deixar a *Cabocla Mariana* triste, seu Augusto responde, “Luiz, eu vou participar de tudo, de todas as preparações dessa festa, amanhã eu vou estar na preparação do *Orô*, vou ajudar o que puder na festa... Mas... eu tô cansado. Essa vida suga muito a gente, eu quero ir para outros lugares, quero poder sair, conhecer outras pessoas, faz muito tempo que eu não sei mais o que é final de semana... E tem outra Luiz, eu sei que é uma vida que também já me deu muita coisa, eu sei disso, mas é muita dedicação é muita cobraça... A gente cansa também”. Seu Luiz responde, “mas Augusto é pra isso que as entidades nos escolheu, e é por isso que eles nos dão Axé... para superar essa barreira, eu acho que não é para ser fácil mesmo não, porque se fosse fácil, teria um monte de gente nos terreiros né não?”.

A *Cabocla Mariana* sai do *barracão* sem a companhia da *Cabocla Jarina*, logo em seguida sai a dona Selma ainda se recompondo, após ter recebido sua *cabocla*. “Olá meus filhos pelo andar das horas já vou mi indo... Aminhã tem muito trabalho nesta casa e meu menino tem que acordar cedo. Vão tudo descansar agora... e olha meus filhos, não duvidem, não duvidem de nada, tudo, tudo, tudo nessa vida tem resposta... É só enxergar que ela taí. E tem mais uma coisa, seu Edivanei também esta tisti, eu sei muito bem, mas eu tô aqui e vou dá um jeito nisso tudo... Mas na minha festa, nessa brincadeira que sempre meu menino faz para mim... Eu venho, e não vou deixar ninguém tisti”, disse *Mãe Mariana*.

A *Cabocla* começa a cantar logo em seguida, “Eu sou uma arara cantadeira faladeira...” Cantando ele entra no *barracão*... Após alguns minutos, sai do *barracão* o *Pai Edivanei*, aparentemente muito cansado, segue para a cozinha do *terreiro* e toma um copo com água, eu fico de pé e vou a sua direção para me despedir, digo que logo cedo estarei de volta ao *terreiro* para acompanhar o *Orô* da *cabocla Mariana*, nos despedimos e caminho para sair. Ao atravessar o *terreiro* vejo os outros *filhos de santo* que vão passar a noite na *casa*, atando suas redes na *cabana* e outros debaixo das árvores, algumas pessoas já estão deitadas. Na saída do portão encontro dona Selma, ela me pergunta se eu estarei no dia seguinte, respondo que sim, e digo também que conheci a *Cabocla Jarina* que ela carrega. Dona Selma riu, e me deu um abraço dizendo, “vai com Deus e que os turcos te proteja... *terreiro* é assim mesmo, nem tudo é festa, mas é festa”.



Compreender a formação dos laços entre os *filhos de santo*, do *Pai de santo* com *seus filhos*, e a criação dos laços deles com as suas *entidades* requer uma observação mais ampla, “não apenas identificar os seres que são admitidos, mobilizados e/ ou constituídos [...] como também, e sem dúvida mais importante, explorar os modos e os procedimentos pelos quais eles se entrelaçam e se afetam ao longo do tempo” (Rabelo: 2014: 22) e desse modo perceber como se fazem e se transformam na convivência.

De acordo com Miram Rabelo (2014) ao observar em seu campo a convivência tecida no mundo do Candomblé dos *terreiros* que analisou (incluindo a sua convivência de pesquisadora e depois adepta), deu a possibilidade de entender como se tecem os laços entre as pessoas humanas e seus santos. A autora percebeu que a questão que conectava essas relações foi a noção de “aprendizado”, “das habilidades e sensibilidades que tornam as pessoas capazes de identificar e responder aos apelos que povoam o espaço do *terreiro*, e a questão da ética que se gesta a partir desse aprendizado” (idem: 2014:22).

Neste estudo não realizo comparações com outros *terreiros*, e não tenho espaço suficiente para aprofundar as discussões sobre as teorias antropológicas, mas trago as reflexões de Miram Rabelo (2014) para ajudar na compreensão dos diferentes modos de pensar e agir dos *filhos* e *Pai de santo* sobre as suas experiências de vivências/convivências cultivadas no *terreiro*, em especial, em um momento que poderíamos chamar de ‘coesão

social<sup>13</sup>, que foi a preparação da *feita* da *Cabocla Mariana*. No entanto, a construção dessa ‘coesão’ foi marcada por variados níveis de tensões e sentida em diferentes ondas de reciprocidade pelo grupo.



Passemos agora a uma breve descrição, cheia de lacunas a preencher, da trajetória de vida do *Pai* de Santo Edivanei de Oyá, fundador do Terreiro de Mina Santa Bárbara, e de meus encontros e desencontros com ele, que acabaram resultando na efetivação deste estudo.

A história de vida do *Pai* Edivanei (maneira que me refiro a ele em nossos encontros), é marcada por uma temporalidade regida pelas manifestações mediúnicas que afetaram a sua vida, citando poucas datas e mais fatos que marcaram sua trajetória como *filho de santo* e depois como *Pai de santo* são as referências temporais que ordenam a história contada nesse tópico. Sou ciente da impossibilidade de se exprimir uma vida em algumas páginas. Por isso, ressalto que se verá mais a criação do personagem etnográfico do que a pessoa do *Pai de santo* (Veras: 2015). O personagem etnográfico “é o elemento decisivo da verdade dos seres fictícios, o princípio que lhes infunde vida, calor e os faz parecer mais coesos, mais apreensíveis e atuantes do que os próprios seres vivos” (Candido: 2011: 80).

Entretanto, “trazer a trajetória de vida de um único sujeito para a etnografia, aqui, não significa exaltação da subjetividade em detrimento da objetividade, nem a revanche do indivíduo sobre a sociedade e suas estruturas culturais” (Veras: 2015: 12), também não é esquecer a “Sociedade” para olhar para o “Indivíduo”. Mas sim, perceber a ação dessas forças<sup>14</sup> agindo.

<sup>13</sup> Meyer Fortes (2014) ao observar os festivais rituais entre os tallensi, no Golfo da Guiné (África Ocidental), percebeu que os festivais rituais produzidos em ‘conjunto’ pelos diferentes grupos poderiam ser entendidos como mecanismo de significação de coesão social. O autor descreve que ao analisar dois grupos participantes do festival, ambos apresentavam muitas características potencialmente desfavoráveis para uma convivência amigável. No entanto, os festivais eram de suma importância para a sobrevivência desses grupos, pois os sacrifícios e oferendas oferecidos aos deuses como forma de agradecimento pelas dádivas alcançadas, ofertadas pelos grupos aparentemente rivais, se complementavam. O autor chega a conclusão que as divergências cativadas no decorrer dos dias antes festivais eram acirradas, mas necessárias, já que as rivalidades se estendiam aos rituais, quando os grupos se esforçavam para oferecer as melhores oferendas, e com isso acionavam um mecanismo que potencializava os rituais. Fortes compreendeu que os festivais rituais eram formas de se chegar ao equilíbrio ritual e social apropriado, pois as oferendas e sacrifícios realizados nesses festivais, em meio as divergências, eram potencializadas, o que garantia a prosperidade dos grupos pós-festivais. O autor conclui que os festivais rituais (traçada por diferentes tensões) era, nesse caso, o mecanismo necessário de coesão social. (Fonte original: FORTES, Meyer. *Ritual festivals and the ancestors*, p. 37-65. In: *Religion, morality and the person. Essays on Tallensi Religion*. Cambridge, 1987. Ed. by Jack Goody).

<sup>14</sup> Como exemplo sobre esses divisores é válido algumas reflexões: Marcio Goldman & Tânia Lima (1999) comparando o “grande divisor” com o racismo, mesmo sabendo da sua existência e o desejo de não praticar, não impede a sua existência e a efetivação da sua prática entre nós e eles. Bruno Latour, em *Jamais fomos modernos*



Em resumo, é isso que a história de vida do *Pai de santo* Edivanei de Oyá desenha, o indivíduo sendo atingido por múltiplas forças que tensionam a sua relação com o mundo. Descrevo então, como a trajetória do *Pai* Edivanei lida com essas forças e de que modo a sua experiência dialoga com o ritual, a *feira da Cabocla Mariana*.

## 1.2 PAI EDIVANEI DE OYÁ

- Benção Pai?
- Mãe Mariana abençoe!
- Quem é já que tá entrando aí?
- Sou eu *Pai*, o Anderson!
- Mas olha já! Todo cabeludo assim, nem conhecia mais. Entra meu filho...

Depois de estar morando doze meses no Rio de Janeiro, tempo que me dediquei ao curso de mestrado em Antropologia Social do Museu Nacional, lendo um monte de autores europeus, destes principalmente, os de sotaque francês e outros da antropologia norte americana, foi o intervalo necessário para eu começar a entrar em contato com as leituras que me pudessem fazer compreender um pouco mais sobre o que é ‘fazer antropologia’, e tempo suficiente para o meu cabelo crescer. No final do ano letivo do curso retorno para o Norte do país. Primeiro passo em Belém, para dá um cheiro nos meus pais, abraçar meu povo e tomar açaí com charque frito, e de lá sigo para Santarém.

No dia onze de abril de 2016, retorno ao *terreiro* do *Pai de santo* Edivanei de Oyá, e o seu espanto ao me rever é devido ao tempo que estive frequentando a sua *casa*, o meu cabelo ainda era muito curto e agora está bem maior.

Voltei para Santarém para retomar a pesquisa que eu já tinha iniciado na época da graduação, e a data do meu retorno no mês de abril foi uma escolha especial, pois se trata do mês que o *terreiro* realiza a *feira* para a *Cabocla Mariana*. Mas antes de falar dessa *feira* é preciso falar do *Pai de santo* responsável por esse *terreiro*, principal personagem desta etnografia, e como se deu meu encontro com ele que ocasionou uma abertura para a pesquisa e amizade.

---

(2009) dilui esses grandes divisores a partir do que chamou de antropologia simétrica. Boaventura de Sousa Santos refletiu sobre essa divisão, a partir do conceito de ‘Pensamento abissal’ (2007). Argumentando sobre os dualismos Eduardo Viveiros de Castro (2007: 104) diz ser necessário desfazê-los, “porém, é importante evitar a armadilha que consistiria em negá-los ou contradizê-los; é preciso sair deles ‘calculadamente’, ou seja, sempre pela tangente – por uma linha de fuga”.

### 1.2.1 O encontro...

Quando despertou o meu interesse em estudar as manifestações afro-religiosas de Santarém, o Terreiro de Mina Santa Bárbara foi a segunda *casa* que visitei ainda como aluno de graduação da Ufopa, participando do NPDAFRO. Foi no dia 16 de abril de 2012, em uma noite quente de Santarém que, tive a oportunidade de presenciar a *Cabocla Mariana* do *Pai Edivanei* de Oyá em uma noite de *festa*. Quando cheguei ao *terreiro*, os *ogãs* já estavam tocando e a *Cabocla Mariana* já estava presente. Ao findar a *festa*, Carla que na época era minha professora e orientadora, falou com o *Pai de santo* para agendar uma futura visita, muito gentil ele respondeu que poderíamos voltar o dia e hora que achássemos melhor.

Passados algumas semanas após essa *festa*, entramos novamente em contato com o *Pai Edivanei* e marcamos um retorno. Então, no dia 29 de maio de 2012, faltando vinte minutos para as cinco horas da tarde, chegamos ao *terreiro*. Confesso que fiquei espantado ao voltar e encontrar aquele espaço muito diferente do dia que ficou marcado em minha memória: a *festa* com todo aquele movimento de pessoas comendo e bebendo, tomados pelo som dos atabaques que tinha encantado todos os presentes, e agora, ao contrário, eu não via mais aquele movimento. Fiquei me perguntando como é que aquele espaço até uns dias atrás era tão glamoroso e agora me parecia tão parado e sem movimento? A pergunta ficou guardada e só depois, com o decorrer da pesquisa, é que comecei a compreender a dinâmica da vida do *terreiro*.

- Boa tarde *Pai Edivanei*!
- Obá! Boa tarde! Venham pra cá!

Carla e eu caminhamos até onde ele estava, deitado em uma rede armada de baixo de uma *cabana* coberta de palha, que pela quantidade de árvores que tem no terreno causava um ambiente agradável naquela tarde quente. Então nos apresentamos, falamos um pouco das nossas intenções e iniciamos a conversa.

“Como sempre diz a Mãe Mariana, sinta que lá vem história”. Foi o que *Pai Edivanei* falou logo de início. “Meus filhos, meu *terreiro* sempre foi aqui, neste terreno há mais de quarenta e dois anos...”. Então, ele começou localizando o *terreiro*, informando que fica na Travessa Moraes Sarmento, entre Borges Leal e Marechal Rondon, bairro Santa Clara, área central da cidade. “Na verdade, meus filhos, foi aqui que tudo começou, de baixo dessas árvores quando eu tinha meus dez pra onze anos e sofrendo muita pressão familiar...”, ele nos

relata que devido apresentar ainda desde de muito cedo a sua mediunidade e por sua família ter adeptos de outras religiões como católica e evangélica, sempre foi visto com repulsa por parte dos parentes. “Na minha família tem gente que é Testemunha de Jeová, Adventista do Sétimo dia, da Assembleia de Deus, e mesmo católica. Mas, mesmo eles não aceitando, a minha família toda tem um *lado* pras *coisas* de *santo*, mas eles se escondem atrás do catolicismo ou do evangelho né, como eles dizem que são evangélicos, eu não!”. Ainda muito criança, *Pai* Edivanei procurou ajuda para entender o que estava sentido e na maioria das vezes fazia essa procura escondido da sua família.

“Eu era criança, e quando comecei a sentir as coisas, sem apoio e sem conhecimento de nada, decidi sair pra procurar umas pessoas de *terreiro*, a primeira que fui buscar ajuda foi até de lá da *Casa da Mãe Conceição Moraes, Obacilê*. Lá passei cinco anos da minha vida, depois eu saí, fui procurar outros caminhos, outros conhecimentos, mas pra mim me entregar mesmo foi com meus 14 pros meus 15 anos, que foi mais forte [mediunidade]”. *Pai* Edivanei começa a nos falar como foi que percebeu que tinha essa mediunidade. “Quando eu tinha 10 anos fui em um *toque* na *Casa da Mãe Obacilê*. Lá é muito grande o *barracão* e tem uma arquibancada onde a gente senta né. Com 10 anos eu estava lá sentado quase no último degrau da arquibancada. Eu sei que eu estava sentado quando começou o *toque*... E quando terminou já era três horas da manhã e eu lá no meio [*barracão*] girando. Todos hoje ainda lá diz que viram só o meu zimbolê, eu rolando as arquibancadas. Foi aonde tudo começou, a minha trajetória espiritual sobre os cultos afro-religiosos na minha vida”.

Foi enfrentando a família e buscado orientações as escondidas que, acabou se aproximando de uma vizinha que carinhosamente a considera como madrinha, ela começou a acompanhá-lo nas idas ao *terreiro* da *Obacilê*, mas *Pai* Edivanei nos diz que mesmo ficando por aproximadamente cinco anos frequentando esse *terreiro*, não criou nem um vínculo de *iniciação* ritual que firmasse seu compromisso com a religião. “Eu participei cinco anos lá, mas não dei *iniciação*, não fiz *bori*, *obidá de água*, não fiz *feitura* nenhuma. Lá, a única coisa que eu conheci, foi saber quem é os meus *caboclos* né, daí então foi o tempo que eu saí de uma vez e fui pra Manaus”.

Sua fala nos deixou dúvidas sobre o *terreiro* da *Obacilê*, pois já tínhamos ouvido falar que lá se praticava um ‘legítimo’ Candomblé, expomos essa dúvida e ele nos disse que lá sempre foi uma *casa* de Candomblé, mas que também se cultuava os *caboclos da Umbanda*, “é como a *Mãe Obacilê* sempre diz, ela pode ser do Candomblé, mas ela jamais deixará os *mestiços, catiços, marinheiros...*, ela não deixa o *povo* de onde ela se iniciou, pois quando ela

se iniciou foi na *Umbanda*. Hoje, parece que ela tem trinta e quatro anos de *santo* só no Candomblé”.

*Pai* Edivanei nos diz que quando completou 18 anos de idade foi para Manaus e lá passou a frequentar o *terreiro* da Dona Zumira, que segundo ele, foi lá que conheceu a Umbanda e depois a *Mina*, pois a *casa* passou a praticar também. “Passei cinco anos lá, mas também não criei vínculos de responsabilidade com o *terreiro* dela. Eu ia pra lá quando era dia de *trabalho*, eu era um tipo de adepto, mas sem vínculo de responsabilidade, eu tava lá buscando conhecimento, buscando entender, e acima de tudo compreender o que estava acontecendo comigo”.

Depois de passar alguns anos em Manaus, *Pai* Edivanei antes de retornar para Santarém, fica por um período no município de Itaituba, cidade natal de sua mãe de sangue, e nessa cidade passa a frequentar a *Casa de Mina* do *Pai* Zezinho e depois a *Casa* de Silá baiana, ambos já falecidos. Em 1990 *Pai* Edivanei volta para Santarém para fundar o seu próprio *terreiro*. “Não foi uma decisão simples abrir essa *casa*, não mesmo! Ainda mais como eu já falei, a pressão da minha família, sempre foi contra... E aqui onde construí, o terreno é grande né, mas não é só meu, é dos irmãos, e como eu disse tem os parentes protestantes e evangélicos”. Mas ele também esclarece que, atualmente nesse terreno só mora ele com sua esposa e filha, tirando o *barracão* e a sua residência, a outra casa é habitada por sua sobrinha e o companheiro dela, é nesta casa que os parentes quando estão em Santarém ficam hospedados.

“Então, foi assim, eu bati pé para abrir minha *casa*, até mesmo, porque antes eu já *trabalhava* aqui no quintal. Antes existia muitas árvores, mais do que tem hoje, mangueira, jutaizeiro, jatobazeiro... Eu *trabalhava* debaixo delas, fazendo meu *culto*, abrindo meus *pontos*. E foi que eu disse, já que estou todo esse tempo aqui mesmo, no quintal debaixo das árvores, então vou construir. Primeiro foi de madeira, coberta de palha, bem simplesinho mesmo, só mesmo pra ter um canto. Aí foi o tempo que eu me firmei aqui em Santarém e não viajei mais pra fora. Então começou aparecer os primeiros *filhos* da *casa*. Tudo foi bem devagarzinho”.

Em outro momento, *Pai* Edivanei nos revela que além dos problemas com sua família, teve outros relacionados com legalização da sua *casa*, pois ele nos disse que sofreu perseguições da Federação<sup>15</sup>. “Então foi na época que a pressão foi muito grande para ter

---

<sup>15</sup> Antigo órgão regularizador das religiões afro de Santarém que chegou na cidade ameaçando as *casas* que não fossem reconhecidas pela Federação. No terceiro capítulo se falará um pouco mais sobre o papel desse órgão e como era vista pelos *pais* e *mães de santo* da cidade.

licença para manter *casa* aberta aqui na cidade, e eu não tinha alvará de funcionamento, eu não tinha *mãe de santo*, não tinha *pai de santo*. Foi aí que procurei a Mãe Nazaré Rufino, cheguei com ela e falei - olha mãe Nazaré tá se passando isso, isso, isso comigo - expus o meu problema para com ela. Na época ela era presidente da Federação aqui em Santarém, representante né. Então ela me falou - não seja por isso meu filho, você já tem *casa* aberta, traga só xerox do seu documento e uma fotografia, comprovante de residência – e ela tirou meu alvará e se responsabilizou como minha *Mãe de santo*”.

A *Mãe de santo* Nazaré Rufino de Oyá, natural de Belém, sendo a representante regional da Federação, passou então a ‘tutoriar’ o *Pai* Edivanei, frequentando a *casa* e estando presente em alguns rituais importantes realizados por ele. No entanto, a orientação que se tinha era que para manter *casa* aberta tinha que *raspar o santo*, mas *Pai* Edivanei protela nesse primeiro momento, e não *faz o santo, feitura* que realizou anos depois. “Eu escolhi buscar o Candomblé, pois vi que eu realmente estava precisando dá caminho para o meu orixá, fazer minhas *obrigações* no Candomblé, porque na Umbanda meus filhos, como diz o povo, eu to caquético, com o joelho largando o couro pelo tempo que eu já pratico”. Então, no final do ano de 2011, ele viaja para Manaus e se inicia no Candomblé, na *Casa da Mãe* Betânia de Oxalá Funfun, se *recolheu e fez o santo*, sendo *filho* de Oyá com Xangô. “Foi uma bela experiência, e estou bem! Hoje eu não estou mais com a *Mãe de santo* que me *iniciou*, eu acho que vou retonar a *casa* onde eu comecei a manifestar minha mediunidade, e acho que é o lugar que eu não deveria ter saído [a casa da Obacilê], mas graças a Deus ela não tem nem uma queixa de mim nem eu dela [Mãe Obacilê], por todos esses anos que eu passei fora da *casa* dela, a gente sempre manteve o contato, eu vou na *casa* dela, ela vem na minha, é tanto que agora no começo do ano, do mês de janeiro, minha esposa se *iniciou* no *santo* lá. Sendo *filha* de Oxum *Opará*”.

Depois de falar um pouco dessa sua trajetória marcada por relações diversas, de pessoas, *entidades* e religiões, ele nos fornece alguns caminhos para compreender o próprio cenário afro-religioso de Santarém. “Sobre Tambor de Mina, Umbanda, e Candomblé aqui na cidade o que eu sei é que *mina, mina* mesmo, não existe, eu já ouvi falar de *umbanda-mina*. É porque, meus filhos, o povo gosta de misturar mesmo né. Tem o Terreiro da Mãe Brígida, ela também é de Oyá, e lá podemos ver um pouco do Tambor de Mina, porque a Mãe dela de *santo* e de sangue é do Maranhão. Mas tem também, a Dona Zuleide tericozeira, ela sim é do Maranhão mesmo, e talvez lá, podemos encontrar alguma pureza da *mina*”.

*Pai* Edivanei esclarece que mesmo tendo o nome do seu *terreiro* como, *Terreiro de Mina Santa Barbara*, isso não significa que o *terreiro* dele seja da *mina*. O nome do seu

*terreiro* foi uma sugestão da Mãe Nazaré Rufino, que antes de ter sido praticante do *Candomblé*, foi por muitos anos da *mina* praticada em Belém. Então, ela sugeriu para o *Pai* Edivanei colocar no nome de sua *casa* também a *mina*, pois segundo a Mãe Nazaré Rufino (relatou *Pai* Edivanei), a mudança que aconteceu com ela (de passar para o *Candomblé*) seria quase que natural acontecer com o *Pai* Edivanei. Mas *Pai* Edivanei prefere dizer que seu *terreiro* não é *mina*, mas pertencente a uma espécie *de nação da mina*.

Sobre a questão de um dia mudar sua *casa* para o *Candomblé*, ele acredita que será muito difícil que aconteça. “Eu busquei o caminho da nação, da religião *Candomblé* pra eu cultivar meu *santo*, meu *orixá*, meu *pai* e *mãe* de *cabeça*, e não para eu botar em prática na minha *casa*. Poderei sim, tocar um *Candomblé* na minha *casa* quando for para fazer a apresentação da minha *santa* e quando *minha mãe de santo* chegar e falar - meu filho tá na hora de ter um *candomblé* na sua *casa* - aí sim, posso até fazer isso. Mas eu sempre vou cultivar a minha *Umbanda*. Pois tudo que eu tenho, tudo por onde eu andei e conheço foi através dos *catiços*, dos *mestiços*, *índios* e *encantados* que eu carrego com meus *caboclos*. Minha relação com o *Candomblé* é mais um cuidado espiritual, muito particular da minha parte e não tem haver com o mudar as práticas do meu *terreiro*. Não vou mudar nada, vou continuar como eu comecei”.

Percebe-se que ele é muito grato a sua religião, e fala com orgulho das conquistas que já obteve, pois como o mesmo fala que não conseguiu terminar o ensino primário, mas que vivendo com a *Umbanda*, suas *entidades* nunca deixaram lhe faltar nada, inclusive as várias viagens que já fez, são devidas as suas atividades relacionadas a religião. “É como eu sempre digo, gente a minha escolaridade é muito pouca, mas a minha escola foi o mundo, mas foi por causa da minha *Cabocla Mariana* que eu conheci a Venezuela e fui pra Colômbia, cheguei a morar um ano na Colômbia por causa da *Mãe Mariana*. Ela cuidou de muita gente por lá, até na Bolívia, ela já me levou”.

*Pai* Edivanei tem a fama entre os religiosos da região por ter a *mão boa* para cozinhar, costurar e *jogar cartas*. São habilidades que diz ter herdado da sua mãe de sangue, inclusive saber *jogar as cartas*, mesmo sua mãe não tendo declarado uma ligação com a *Umbanda*, mas ele afirma que ela é uma grande intérprete das cartas, “falo com orgulho e bato no peito e com a boca cheia, o que eu aprendi e muito bem, é jogar cartas. Não é tarô, não é baralho cigano, é no baralhozinho normal, mas graças a Deus até hoje essas cartas nunca me falharam”. Outra habilidade revelada é a facilidade que tem para fabricar e *preparar* louças de barro para rituais, talento esse que atrai muitas pessoas do *povo de santo* para fazer encomendas desses objetos.

Sobre a quantidade de *filhos de santo* que pertencem a sua *casa*, ele nos disse que já chegou a ter trinta *filhos*, mas que atualmente só está com doze. “Foi um tempo que eu tive que ficar quase seis meses fora de Santarém, foi quando eu fui pra Venezuela tratar de umas pessoas. Quando eu voltei, os *filhos de santo* estavam brigando um com outro, fazendo *porcaria* um pro outro, então eu disse, quer saber de uma coisa? É melhor cada um ir procurar o seu rumo, já que vocês não estão se sentindo bem aqui em *casa*, então vão procurar as melhoras de vocês, porque pra mim ninguém é dono de *filho de santo*, como ninguém é dono de cliente. Eu penso assim, se você vai na minha *casa* e se sentir bem, você fica, mas se não tiver bem, não é obrigado ficar. Pois todo ser humano tem o seu direito de ir e vim, e não só direito, como também, tem a livre escolha para procurar as suas melhoras”.

Para realizar as *festas* ou fazer grandes *trabalhos*, *Pai* Edivanei, recorre a sua rede de relacionamento, solicitando a ajuda e apoio de amigos de outras *casas*, e com isso acredita estar fortalecendo os laços de amizade com o *povo de santo* da cidade, “quando eu faço uma festa, também é pra fazer a junção, unir mais as *casas* que a meu ver ainda são desunidas”.

Sobre o calendário das atividades do seu *terreiro*, o *Pai* Edivanei nos informa que se inicia em janeiro com as *obrigações* dedicadas a *Maria Padilha*; no mês de abril é a *festa* para a *Cabocla Mariana*; agosto é para a *Legbara Bombogira Rose*; e o mês de outubro é dedicado ao seu *Ogun Rompimato*. Esses são os eventos mais importantes realizados pela *casa*. “Mas tem o *toque* que a gente faz pro seu *Zé Mineiro* no mês julho, mas não são festas obrigatórias, geralmente também faço quando o *caboclo* pede. Algumas vezes, no último domingo de cada mês eu faço uma *gira de caboclo*, convidando os irmãos, mas isso não é toda vez que faço”. Semanalmente, o *terreiro* fica aberto para atender as pessoas que precisam dos *trabalhos* do *Pai de santo*, somente aos domingos, que não seja um dia de *festa*, é que o *terreiro* fica fechado.



Minha relação com o *Pai* Edivanei foi se estreitando com o decorrer do tempo, e a partir desse primeiro encontro, passei a frequentar sua *casa* com mais frequência. *Pai* Edivanei se mostrou sempre solícito, a ponto de permitir ao NPDAFRO realizar em seu *terreiro* o primeiro grande evento de extensão do projeto, a ‘Oficina de toques e cantigas do repertório das casas e terreiros de Santarém’, atividade que foi realizada em parceria com a Coordenação de Educação e Diversidade Racial, da Secretaria Municipal de Educação do

município. Realizamos esse evento nos dias onze e doze de agosto de 2012, para um público variado de alunos, professores e outras autoridades religiosas da região.

Paras esse evento, e os posteriores realizados pelo grupo de pesquisa, eu sempre improvisava alguns convites para promover as atividades, o *Pai* Edivanei viu alguns e perguntou a Carla quem produzia, ela disse que era produzido por mim. Então foi quando na primeira semana do mês de abril de 2013 ele perguntou se eu podia fazer o convite da *feira* da *Cabocla Mariana*, pedindo também se eu poderia fazer as fotografias do evento. A partir desse primeiro pedido, deste então todos os convites das *feiras* realizadas pelo *terreiro*, sou eu que venho produzindo.

Com o passar do tempo, minha presença foi ficando costumeira em sua *casa*, ao ponto de muitas pessoas acharem ser eu um novo *filho de santo* que estava se *iniciando*, mas o *Pai* Edivanei respondia que não, “seu Anderson é pesquisador do meu *Terreiro*”. Outros fatos foram me colocando ainda mais próximo deles, lembro que foi na *feira* do ano de 2013 para a *Cabocla Mariana* que, dona Cleide sentiu as dores para ter sua filha, a Maria. No ano seguinte, quando a Maria fez seu primeiro ano de vida, eu também que fiz o convite do seu aniversário. Meu atual retorno à Santarém se deu dois dias antes do aniversário da Maria, para essa festa eu não cheguei a tempo para confeccionar os convites, mas ajudei a encher as bexigas que decoraram a sua festinha.

Ressalto que, dos olhares que eu tive sobre as *feiras* da *Cabocla Mariana* nos anos que acompanhei, para mim, a desse ano, foi a que eu mais olhei coisas. Talvez por estar ‘contaminado’ pelas leituras do mestrado, alguma coisa me fez enxergar de uma maneira diferente o que antes já considerava ter visto.

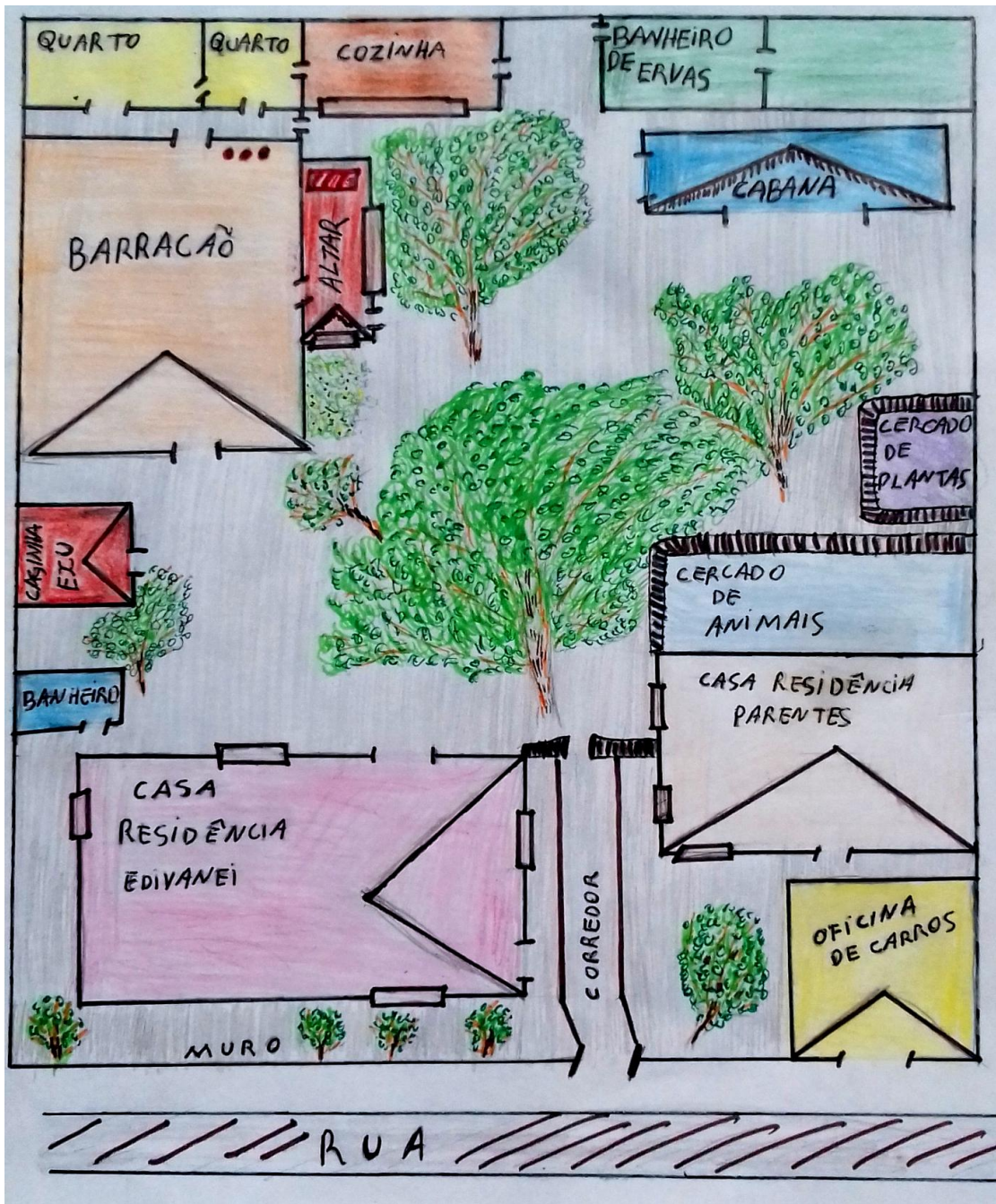
Mas antes de começar a descrever os preparativos da *feira*, primeiro apresento os espaços que constituem o *terreiro* do *Pai* Edivanei. Espaços que precisei compreender e perceber os seus vários sentidos de ocupações que se entrelaçam, e dão abrigo a uma variedade de pessoas, objetos, seres e corpos que dão forma ao *terreiro*.

A geógrafa Doreen Massey (2005:183) definiu o espaço como “simultaneidade de histórias”, constituído pelo encontro de diferentes trajetórias. É nesses termos que quero pensar o *terreiro* do *Pai* Edivanei, um espaço de encontro de convivência, onde diferentes ‘forças’ continuamente negociam suas permanências (Rabelo: 2014).



### 1.3 TERREIRO DE MINA SANTA BÁRBARA

*Meu filho, as pessoas vêm aqui na casa do seu Edivanei, e depois saem falando - poxa a gente chega na casa do seu Edivanei cheia de problemas, cheia de reclamações, mas depois a gente sai tão bem, tão sereno, tranquilo... (Cabocla Mariana, relatando como algumas pessoas expressam suas sensações quando estão na sua Casa, Santarém, PA. 2014).*



Desenho 3: Croqui do Terreiro de Mina Santa Bárbara  
Fonte: Autor (2013).

Como a minha intenção é falar dos espaços que dão sentido ao *terreiro*, começo falando da *rua*. Considerado um espaço constituinte da cosmologia religiosa, é na *rua* que as *Pombagiras, Ciganas, Seu Zé Pelintra, Tranca Rua e Exu trabalham*. “Meu filho, essas *entidades* são as responsáveis pela comunicação das pessoas com os *espíritos*, são eles que dão movimentação e dinamismo na vida e todos os *trabalhos* que fazemos, são eles que encaminham”. Olhando da rua podemos avistar o muro que cerca o *terreiro*, com 20 metros de frente e um pouco mais de 60 metros de fundo, aproximadamente são os limites da área. No meio do muro, está a porta que dá acesso ao *terreiro*. Ao entrar, já é possível avistar uma casa de madeira, residência do *Pai de Santo*, e ao lado dessa casa está outra, que é habitada pelos seus familiares. Essas duas casas são separadas por um corredor comprido que dá acesso a uma pequena porta de madeira envelhecida pelo tempo, ao passar por ela se chega ao *terreiro*. A casa residencial é considerada pelo *Pai de santo* como um refúgio que tenta separar dos outros espaços específicos às atividades religiosas.

O *terreiro* tem uma grande quantidade de árvores, plantas, e flores, mas a que mais chama atenção é uma enorme mangueira que fica logo na entrada, para o *Pai Edivanei* a árvore abraça todo o *terreiro* com os galhos compridos cheios de folhas verdes.

Outro espaço que identifiquei é o *barracão*, local onde acontecem as *festas, os toques* para os *caboclos* e manifestações espirituais. No *barracão*, o público pode entrar em contato com os *caboclos*, podendo em dias de *toques* ou *festas* conversar com essas *entidades*, pedir conselhos, orientações ou agradecer as graças alcançadas à sua *entidade* devotada. Saindo do *barracão* podemos avistar a *cabana*, trata-se de um espaço muito agradável coberto de palhas e refrescante em dias de muito sol, pois este local recebe um sombreado muito bem-vindo das árvores. O local é todo aberto, e é nesse espaço que o *Pai de santo* recebe seus clientes ou visitas cotidianamente. Considero este espaço como um bom local de interação social.

Outros espaços conectados ao *barracão* estão o *quarto dos caboclos, o banheiro de ervas* e a *cozinha*. Esses são espaços que, segundo o *Pai de santo*, não podem ser expostos, pois os mesmos são locais específicos para atendimentos considerados particulares, como por exemplo, o *quarto* é local de atendimento particular, onde os clientes podem ter acesso aos *caboclos* e realizar suas consultas ou pedir conselhos de maneira mais reservada. Nesse *quarto*, também estão guardadas as roupas dos *caboclos*, e uma mesa com várias imagens de *entidades* da *Umbanda* e velas acesas para cada uma delas. Na parede podemos avistar quadros de santos católicos e fotografias dos *caboclos* registradas em dias de *feira*. É desse *quarto* que a *Cabocla Mariana* e as outras *entidades* saem vestidas com as roupas rituais.

O espaço identificado como *banheiro de ervas*, como o nome sugere, trata-se de um banheiro, local onde o *Pai* e os *filhos de santo* limpam seus corpos para receberem as *energias* de suas *entidades*, também é nesse local por ordem do *Pai de santo*, que alguns clientes podem ser *banhados* em caso de *tratamentos espirituais*. A *cozinha* é um espaço específico para os preparos alimentares considerados *sagrados*. É na *cozinha*, ao comando de uma pessoa previamente escolhida pelo *Pai de santo*, a comida ritual é preparada, e saem prontas para serem servidas às *entidades*, aos visitantes e *filhos de santo* em dias de *festejos* e *obrigações*.

Logo a frente do *barracão* está localizada a *casinha de Exu*, esse é um espaço restrito ao público, e só pode ser aberta pelo próprio *Pai de santo*, geralmente ele abre em dias específicos de comemorações, *obrigações* ou *oferendas* oferecidas aos *exus* que moram lá. O *Pai* Edivanei e seus *filhos*, geralmente quando passam em frente à *casinha* costumam tocar o batente da sua porta repetindo algumas palavras em voz baixa.

Localizado ao lado direito do *barracão*, outro espaço em evidência no *terreiro* é o *altar* da *Cabocla Mariana*. Lugar onde se concentra grande parte das materialidades consideradas *sagradas*. Para o *Pai* Edivanei, esse local representa um importante espaço, é nele que se faz presente as representações escultóricas das entidades cultuadas no *terreiro*. “O que posso dizer é que aqui está concentrado o *Axé*, e daqui esse *Axé* alimenta toda a *casa*” comenta o *Pai de santo*. Os objetos religiosos são cuidadosamente expostos no *altar* a partir de uma gramática litúrgica que institui esse território como *sagrado*. Na concepção do religioso, o *altar* representa o mais importante espaço *sagrado* e o conjunto dos seus *elementos* se mostram disposto em obediência a padrões hierárquicos e ritualísticos, tornando-o um potente aglutinador de *forças* dentro do *terreiro*.

O *altar* da *Cabocla Mariana* é formado por três grandes degraus de concreto que lembra uma escada; o espaço e sua ambientação são cheios de *objetos* simbólicos da religião, tais como estátuas de *entidades*; vários e diferentes *elementos* da religião, tais como, copos com água, *pedras*, e outros *líquidos* específicos para cada *entidade* que compõe o *altar*. Nela estão *assentados* os *elementos* e *objetos* que são consagrados para a religião, e especificamente *ligados* aos *fundamentos* de *iniciação* do *Pai de santo* da *casa* com a *entidade*. Ao lado de cada um desses *santos* (chamados dessa maneira pelo *Pai* Edivanei) encontramos *talhas* (vaso de madeira), *quartinhas* (vaso de barro) e *quartiões* (vasilha de barro), que devem conter um dos *elementos* preciosos para a religião, como a água. Elemento presente em quase todos os rituais: no *banho de iniciação* de um *filho de santo*, na *lavagem das guias*, e no *descarrego* de maus fluídos. Essa água pode ser de mares, rios, chuvas e

poços, e a sua aplicação terá um emprego diferente nas *obrigações*, de acordo com as especificidades do *trabalho*.

Das materialidades presentes no *altar do terreiro* está o *Ibá da Cabocla Mariana*, que para o *Pai de santo*, é mais que uma representação material e pessoal, ela é a própria *Cabocla*, captando e irradiando as *forças* necessárias para as pessoas e a sua *casa*. Segundo o *Pai Edivanei*, “no *Ibá da Mãe Mariana*, dentro do que a religião me permite falar, temos elementos da natureza, búzios, barro, ferro, pedras semipreciosas que para *Mãe Mariana* são *elementos de força*. O peixe, feito com os búzios que veste ela, representa as *forças* das águas, a ancora é a ligação que ela tem com essas águas, e as estrelas é a ligação com os astros que ela tem, e claro também, dois remos, que representa as *forças* das águas da nossa região, como os rios e igarapé, tudo isso está vestindo o *Ibá*”.

Velas, flores, perfumes, joias e tecidos, obedecendo as cores preferidas da *Cabocla* (vermelho, rosa ou azul) estão presentes neste espaço. Cestos de palha e imagens de *entidades caboclas* como as de seu *Ogum Rompe Mato*, *elementos* como *barro* e *pedras* e *assentamentos* referentes aos *espíritos* dos antigos *tuxauas* e das *Caboclas Dona Jarina e Dona Erondina, Seu Ubirajara, Seu José Tupinambá, Seu Flecheiro, Seu Pena Branca, Seu Pena Azul, Seu Pena Verde*, ligadas à *linha indígena* se fazem presente neste espaço. As velas que estão sempre ao lado das esculturas das *entidades*, na grande maioria são brancas, em outros momentos, pode-se usar a vela de cor rosa que remete aos assuntos amorosos, já que a *Cabocla Mariana*, também tem o domínio sobre o assunto, surgindo como conselheira.

As flores e perfumes são outros *elementos* de importância que compõem o *altar*. Por remeterem proximidades com a natureza e o *belo*, que segundo o *Pai de santo*, irradia alegria, alimentam as abelhas para produzir o mel, elemento de valor para a religião. O perfume presente no *altar*, além de aromatizar o ambiente é para a *Cabocla Mariana*, maneiras de exaltar a *beleza* e a *limpeza* do corpo, de acordo com o *Pai Edivanei* “uma das virtudes da *Mãe Mariana* é estar sempre limpa e agradável para receber seus filhos”. As joias, afirma ele, que são de extrema importância para a *entidade*, principalmente, por se tratar de uma *princesa* que deve ostentar *poder* e enaltecer a *beleza*.

Outro *elemento* presente no *altar da Cabocla Mariana* (em especial no *Ibá*) é o *Egé*, o sangue. O *Egé* é um elemento sagrado oriundo dos *sacrifícios* de animais utilizado em especial, em dias de *Orô*. Trata-se de um ritual muito delicado e de muita responsabilidade, sendo efetuada pelas mãos especializadas do *Pai de santo* com a ajuda de outros religiosos com igual conhecimento e responsabilidade. Este é um ritual particular aos religiosos da *casa* que por vários motivos, doutrinários e receio de outras pessoas tirarem conclusões

equivocadas, a cerimônia não é aberta ao público. Mas vale destacar que no Terreiro de Mina Santa Bárbara “se celebra a vida e as *energias* da natureza, materializadas nas pessoas e *objetos* consagrados pelas *forças do Axé*”, ressalta o *Pai Edivanei de Oyá*.

Outras informações são importantes para compreender os sentidos dos espaços que formam o *terreiro*. Por exemplo, ao adquirir as imagens que representam tais *entidades*, o *terreiro* traz para seu ambiente um novo ‘material’, que até então pertencia ao mundo ‘impuro’. As esculturas necessitam então *renascer* e adquirir novos sentidos nesse novo campo, o do *sagrado*. Para que isso aconteça são acionados diversos rituais que são executados somente por aqueles religiosos autorizados pelas próprias *divindades* a fazê-los. Segundo informações concedidas pelo *Pai de santo*, as imagens escultóricas adquiridas pelo *terreiro* precisam ser *consagradas e imantadas energeticamente* por meio de *Axé*. Para isso, as esculturas que representam as *entidades/divindades* são lavadas com água do mar e demais *elementos* que representam o *Axé* da *entidade/divindade* em questão. Logo depois são lavadas com ervas específicas que também vão variar de acordo com as peculiaridades de cada uma.

Após secar, as imagens são riscadas com *pemba* na parte inferior, rito normalmente realizado pelo *Pai de santo*, finalizando o processo de *consagração da imagem*. Por meio desse ritual que se divide em etapas, esses *objetos* adquiridos pelo *terreiro* são transformados em *objetos* para o mundo *sagrado*, pois permanece, após esse processo e a partir dele, cheio da *força* mística da *entidade/divindade* que representa visualmente.

Todo esse complexo e rico processo de transformações faz do *altar* um espaço essencialmente importante para o *terreiro* como um todo. O *altar* se torna o campo concentrador das *energias vitais* para o funcionamento social e mágico dos afro-religiosos, todas as ações e representações mais significativas para o grupo emanam desse espaço considerado por isso, *sagrado*.



As informações aqui apresentadas não só tentam esclarecer os sentidos dos espaços que constituem o *terreiro*, como também servirão de base para compreender o próximo capítulo. Trata-se dos preparativos da *festa à festa da Cabocla Mariana*. Complexo ritual e cerimonial marcado por diferentes momentos de relações e negociações do *Pai de santo* com seus *filhos de santo*, e de todos estes em relação a *Cabocla*.

O segundo capítulo intitulado, “A *Cabocla Mariana* e a sua corte *ajuremada* em *feira*”, descrevo os modos de pensar e fazer *feira* no Terreiro de Mina Santa Bárbara do *Pai de santo* Edivanei de Oyá. Falarei da *feira* não como um produto final de um grande empreendimento, mas das partes que a constroem, não só dos processos, mas do cotidiano do seu *preparo*, e das situações que talvez possam ser consideradas não convencionais aos estudos dos ritos.

Nas palavras de Stanley Tambiah (1985), ritual pode ser entendido como “dinâmico e flexível”, um sistema cultural múltiplo de expressões comunicativas. Para o autor, o rito pode se expressar por meio de palavras e atos combinados em graus variados de formalidade, estereotípia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetições) (idem: 1985). Por outro lado, não podemos definir claramente os domínios que demarcam aquilo que é ritual do que não é ritual, pois os rituais podem existir em todos os lugares, em todos os tempos, das mais diversas maneiras (Rodrigues: 2014).

No cenário das ideias citadas acima, o tópico “2.1 Catando folhas e colhendo mitos” inicia o segundo capítulo, onde descrevo o que considero o início da *feira* da *Cabocla Mariana*. Trata-se do dia em que fui *catar folhas* com o *Pai de santo* na *mata*, um dia antes do primeiro ritual que abriu os trabalhos em homenagem a *Cabocla*. Eu poderia ter escolhido outros momentos do campo para iniciar esta etnografia, no entanto considero esse dia muito especial para minha pesquisa, pois foi durante a *catação das folhas* que pude observar vários momentos, no qual o *Pai de santo*, talvez não estivesse conectado ao conteúdo religioso, como também foi durante a *catação das folhas* que ele me contou com mais detalhes sobre o mito que explica as origens da *Cabocla Mariana* e a fundação do *Tambor de Mina na Amazônia*.

Como Já havia apontado na introdução deste estudo, o mito é compreendido como um “mapa”, desenhado pelo *Pai de santo* a partir dos seus conhecimentos adquiridos após longos momentos de experiências que, lhe permite teorizar explicações de inteligibilidade sobre a complexidade dos fenômenos e dos espaços que dão sentidos as existências constitutivas do grupo ao qual pertence (Malinowski: 1993). No terceiro capítulo, volto a falar sobre a fundação do *Tambor de Mina na Amazônia* e a possível ‘gênese’ do seu surgimento em Santarém a partir de outro “mapa”, a do ‘ponto de vista’ de alguns historiadores e antropólogos. Não tenho interesse em fazer comparações entre os “mapas”, apenas os indico com opções de “cartografias” que, talvez não usem a mesma língua, mas indicam algumas coordenadas para se chegar as compreensões.

No caso das religiões afro-brasileiras, onde a grande parte dos conhecimentos se repassa pela oralidade, escutar um mito é prática importante para um *filho de santo*<sup>16</sup>. Eu não sou *iniciado*, mas fazendo uso da prática da escuta, foi um dos caminhos que me ajudaram a acessar os sentidos que dão vida ao *terreiro*. Dessa forma, o segundo capítulo prossegue descrevendo os *preparativos* da festa da *Cabocla Mariana* distribuídos em mais quatro seções a destacar.

A seção “2.2 Macumba sem Exu não existe...” descrevo o momento do *toque* dedicado ao *Exu* e *Maria Padilha*, entidades consideradas responsáveis pelo dinamismo dos trabalhos desenvolvidos pela *casa*. Segundo *Pai Edivanei*, agradá-los primeiro é a garantia de salvaguardar o sucesso da festa. Na seção “2.3 Reunindo com a *Cabocla Mariana*”, exponho o momento em que a *Cabocla monta* no *Pai Edivanei* para orientar os *filhos de santo* de como a sua festa e o seu *Orô* devem ser realizados.

A próxima seção “2.4 *Orô da Cabocla Mariana*”, descrevo como se executou esse ritual, que teve as orientações sugeridas pela própria *Cabocla* em reunião passada com os *filhos de santo*. Nesse ritual, o *Pai de Santo* e seus *filhos alimentam* suas entidades e renovam suas *energias* espirituais. O ritual foi restrito ao público, e se exigiu muita concentração e compromisso parte dos adeptos, pois o *Orô* é considerado como um momento de atualização e confirmação do *Axé da casa*.

O segundo capítulo finaliza com a seção “2.5 A Festa: *Cabocla Mariana, a bela turca que aqui raiou...*”, onde descrevo a festa aberta ao público e as homenagens que a *Cabocla Mariana* recebeu. E mais ainda, toda a ambientação do espaço apresentada ao público e as relações que se teceram nesse dia.

As últimas seções que compõem este segundo capítulo, receberam títulos que fazem referências aos momentos da *preparação da festa*, e como se verá, estão subtitulados por datas. As datas são referentes aos dias sequenciais que estive no *terreiro* acompanhando os *preparativos*. As mantive no corpo do texto para ajudar a compor na ‘linearidade’ do enredo etnográfico. A presença das datas não significa afirmar que a festa apresenta início, meio e fim, mas sim são tempos que se somam ou se aglutinam para formar um corpo maior, os modos de pensar e fazer festa no *terreiro*.

---

<sup>16</sup>Durante a *iniciação*, no convívio do *terreiro* que o *filho de santo* é submetido ao exercício da atividade oracular, onde aprende as histórias que relatam fatos de um passado mítico que se repetem no dia a dia na vida dos religiosos, adaptadas as realidades rituais de cada *terreiro* e de cada *filho de santo*. (Prandi:2001; Goldman: 1987). É conhecendo o mito que se passa a compreender a heteroglossia religiosa presente “nos objetos rituais, nas cantigas, cores das roupas, nos rituais secretos e danças, nos arquétipos ou modelos de comportamento do filho de santo, que recordam no cotidiano as características místicas da entidade do qual se crê descender” (Prandi: 2001: 19).



## CAPÍTULO 2.

### A CABOCLA MARIANA E A SUA CORTE AJUREMADA EM FESTA

*No rio Negro  
Os mururés  
Viraram flores!  
Na mata Virgem  
O rouxinol cantou!  
É ela a cabocla Mariana  
A bela turca  
Que aqui raiou*

*(Ponto para Cabocla Mariana)*



Desenho 4: Representação do mito que conta a chegada da *Cabocla Mariana* e as suas irmãs após passarem pelo *portal da encantaria*, chegando nas terras amazônicas. O desenho faz referência ao momento em que a *índia Tapuia*, na praia do Lençol recebe as *princesas turcas encantadas* na nova terra. Encontro que marca o processo de *ajuremação* dos turcos, e *turcoação* dos índios.

Fonte: Autor (2016).



Segundo o *Pai Edivanei*, a palavra *jurema* é um nome indígena da planta utilizada com mais frequência pela *pajelança* nos cultos dedicados aos *espíritos da mata* (espíritos de índios ou animais), destaca ainda que existem várias espécies de *jurema*, como por exemplo: *Jureminha*, *Jurema Branca*, *Jurema Preta*, *Jurema da Pedra* e *Jurema Mirim*. A utilização da planta varia de acordo com os objetivos rituais dedicados a cada *espírito*.

O verbo *ajuremar* que aparecerá no decorrer desta etnografia, talvez tenha níveis de relações semânticas com a palavra *jurema*, mas essa não é a questão. Sugiro então, uma possível análise que ainda precisa ser aprofundada, onde o verbo *ajuremar* pode ser compreendido como um processo em escalonamento, no sentido de níveis em ondulações, de transformação corporal, psicológica e cultural, que se acumulam no *ser* de quem entra em contato com outras ‘forças’ diferentes as da sua. Ou seja, quando o *Pai Edivanei* relata que as *princesas turcas* se *ajuremaram*, “deixaram suas ‘roupas’ e vestiram a ‘personalidade’ indígena”, acredito que ele não esteja se referindo a “mudança” no sentido de que os *seres* deixaram de ser o que eram antes, mas talvez, mostrar que esses *seres* estão acessando outros níveis de experiências. Por isso, o processo é escalonado, distribuído em níveis de graduações, pois no contato com os *índios*, cada *turco* sentiu as ‘transformações’ de maneira diferente, e seus corpos reagiram de diversas formas como se verá nos relatos no decorrer deste capítulo.

O processo das ‘transformações’ desses *seres* ocorre em ondulações, podendo até ser vista como linear, mas com muitos altos e baixos em um tenso vai e vem, ora aceitável e ora perturbador, para quem está passando por essa experiência. O processo todo pode ser considerado acumulativo, pois as ‘transformações’ adquiridas ao longo do contato não anulam as experiências passadas, ao contrário, elas se somam e se potencializam no decorrer do tempo. O mesmo sentido de escalonamento pode ser aplicado quando o *Pai Edivanei* se refere ao momento do convívio dos *índios* com os *turcos*, tempo suficiente para que “índios se batizassem e se *turcoassem*, tomando a ‘personalidade’ de turco”. Ressalto que o processo pode ser semelhante, mas sentidos de diferentes maneiras pelos *seres*.

A explicação acima precisa mergulhar mais a fundo nas análises, no entanto é o começo para pensar “o modo como os terreiros de matriz afro-brasileira se constituem espaços de articulações de saberes e construção de conhecimentos os mais diversos” (Moura: 2016: 01). São discussões em andamento, que no momento não cabem neste estudo, mas acredito que essas informações ajudarão na leitura deste capítulo.

## 2.1 CATANDO FOLHAS E COLHENDO MITOS

*Meu filho o que eu sei e posso dizer, e é o que muitos que vivem nossa religião ensinam, que o tambor de mina é a religião dos orixás, voduns, encantados e caboclos, negros, brancos e índios, príncipes e sultões que vivem aqui na Amazônia, e foi a mais de mil anos que tudo começou (Pai Edivanei de Oyá, catando folhas, 12 de abril de 2016).*

Acordo às oito horas da manhã para acompanhar o *Pai Edivanei* na *catação das folhas* que serão utilizadas tanto na decoração do *barracão*, quanto para os *preparados* dos *banhos*. Nesse dia, Telma foi conosco e ofereceu o seu carro para ajudar no transporte dos matos. Seguimos para o *terreiro* para buscar o *Pai de santo* e o seu sobrinho Rafael, que tinha acabado de chegar de outro município para ajudar na colheita das folhas e nas tarefas que surgirão no decorrer dos dias de *preparação da festa*.

A floresta onde vamos colher os matos fica na rodovia que dá acesso a Alter do Chão (balneário muito conhecido no Pará, por suas extensas praias de água doce). É numa parte dessa estrada que o *Pai Edivanei* colhe os galhos da árvore ‘pau de ferro’, destinadas a decoração do *barracão*, pois considera ser uma planta mais resistente ao tempo, mesmo depois de ter sido colhida; e ‘flor do campo’ é a outra planta que vamos colher, essa usada no *preparo de banhos e defumação*.

### ***Buscando Pai Edivanei***

No carro, Telma coloca algumas músicas do estilo sertanejo, Rafael faz comentários referentes aos cantores que mais gosta e das músicas que “tocam” mais o seu coração, rimos nesse momento, pois seu rosto se contorcia ironicamente para insinuar que eram trilhas musicais que fazia lembrar seus antigos relacionamentos amorosos, “essas músicas quando a gente escuta machuca até o coração”, dizia ele.

*Pai Edivanei* entra no carro com um terçado de aproximadamente 50 centímetros, ele é o único habilitado a utilizar a ferramenta. Nossa ajuda se restringia apenas a colher os matos. “Eita! que já vem o Edivanei armado”, falou o Rafael, “eu tô armado até os dentes!”, respondeu o *Pai Edivanei*. Nesse dia, tinha acabado de cair uma forte chuva na cidade, e o tempo continuava fechado, mas seguimos para a estrada do mesmo modo.

Entramos no carro e outra música é tocada, o estilo dessa vez foi o forró da banda ‘Calcinha Preta’, e o *Pai Edivanei* começou a cantar, “Quem não te quer sou eu, o meu coração dilacerou, e tudo se perdeu...”. Telma interrompe o canto para perguntar se o local

para onde vamos era o mesmo das outras vezes, “é minha filha, já faz muitos anos que só vou nesse lugar pegar os matos” respondeu ele. Seguimos...

*Pai Edivanei* olha no seu celular e faz uma cara de chateado e diz, “olha só, deixei o celular lá fora [se referindo que antes de entrar no carro tinha esquecido o aparelho em um lugar que o dificultava escutar as chamadas] e nem vi que estavam me ligando, era o Luciano. Esse meu telefone tá um ó e sem crédito!”, Rafael pergunta, “não caiu não a promoção?”, “ainda não! Mas também nem tive tempo de mudar o plano do celular, não tive tempo para nada, esses dias nem sei como é que to me mantendo em pé, não sei mais nem o que é dormir”, respondeu o *Pai Edivanei*.

Telma e eu estávamos uns bons tempos fora de Santarém, e não estávamos notando as mudanças nas rotas e novos sentidos das ruas na cidade, essa nossa desatenção fez Telma ficar perdida, *Pai Edivanei* vendo nossos erros na estrada foi nos guiando, “sobe a rua sete de setembro, e depois pega a rua Bartolomeu...”. O telefone dele toca, “alô! Oi Luciano! Bom dia, tem um presente para o *Mãe Mariana*? Oi? Diga? Eu estou bem, tirando o cansaço da vida, to no meio da estrada agora, indo pro mato, e você? Como é que está por aí? Vixe! Nossa Senhora, cruz credo, Ave Maria! Eu tomei um remédio, uma injeção, graças a Deus até agora a dor ainda não deu. É! O importante é a gente se sentir bem...”.

Conseguimos sair da cidade e chegamos à rodovia que nos leva para a estrada que dá destino a mata, no caminho passamos em frente a um grande supermercado que recentemente foi inaugurado, Telma comenta que no dia da inauguração o estabelecimento estava tomado por muitos clientes, “é, ontem foi a inauguração dele a gente passa depois aí, parece que tudo tá mais barato, na volta a gente passa aí. Vou comprar algumas cervejas e mais algumas coisas”, comentou o *Pai Edivanei*.

### ***Entrando na Mata***

Passados alguns minutos chegamos ao local onde o *Pai de santo* colhe os matos, Telma lembra que no ano passado ela tinha estacionado o carro em cima de um ninho de ‘formigas de fogo’ e no momento enquanto estávamos arrumando os matos, as formigas estavam nos dando uma coça, *Pai Edivanei* nos interrompe e fala, “ano passado não, foi ano retrasado, ano passado vocês estavam no Rio de Janeiro a muito tempo”.

Descemos do carro, e o *Pai Edivanei* pegou o seu terçado e saiu na frente entrando na mata, fomos em seguida enfileirados atrás dele, “ai *Mãe Mariana*, me dê força nesse braço para que eu não sinta dor e possa assim fazer a sua festa, me ajude!”, falou o *Pai Edivanei*

levantando as mãos para os céus. No caminho, eu aproveito o momento e pergunto ao *Pai Edivanei* se ele pode falar um pouco da *Cabocla Mariana*, sobre a história do pai dela e das irmãs que se *encantaram* em terras amazônicas. Ele me olhou, e disse em seguida, “mas tu hem Anderson? Olha vou contar só dessa vez!”, eu rindo respondi, “tá bom!”.

### ***Colhendo mitos***

*Pai Edivanei* começa dizendo que tudo teria se iniciado por volta dos anos de 1099, em um momento no qual as tropas cristãs da primeira cruzada teriam conquistado Jerusalém. E os turcos também derrotados, teriam conseguido, mesmo que momentâneo, resguardar algumas cidades litorâneas dessa invasão, e em uma dessas cidades o *Sultão Dassalã*, resistindo aos inimigos, manteve a esperança de reconquistar o seu reinado. *Dassalã* é considerado nesse enredo como o grande glorioso do Islã. *Pai Edivanei* conta que numa certa manhã, o servo *Dulugã*, deu a triste notícia ao *Sultão*: que para salvar o legado do reinado, as três princesas *Mariana*, *Erundina* e *Jarina*, deveriam partir imediatamente da Turquia.

*Pai Edivanei* continua caminhando e seguiu com o mito dizendo que a medida tomada pelo *Sultão*, sugerida pelo chefe das tropas real, foi a de embarcar as três princesas e enviá-las ao reino amigo situado na Mauritània, mas segundo o *Pai de santo*, as princesas nunca chegaram ao seu destino, os emissários teriam ficado na praia a esperar horas, dias e meses, mas as princesas estariam em alto mar, perdidas, caminhando para os seus destinos místicos. “Foi nessa viagem que elas passaram pelo Estreito de Gibraltar, local que às vezes surge um portal para outros mundos, e sem perceberem deixaram o mundo real, para entrar no mundo dos *encantados*”, disse *Pai Edivanei*.

Enquanto estamos andando, mais uma vez seu celular toca, ele atende e vai caminhando pela trilha e nós vamos seguindo os seus passos. “Oi, bom dia! Axé! E aí bicha *rapeira* mentirosa! Tu és muito fuleira, olha não tem desculpa não... É a festa da *turca*, olha! não vai dá furo, tá bom então! Vou te esperar mais tarde lá no meu *barracão*”, disse ele finalizando a ligação.

Terminado de atender o celular, eu volto a perguntar sobre a viagem das princesas, então ele retorna dizendo que se passaram muitos anos, e as princesas dormiram todo esse período até acordarem na foz do Rio Amazonas, próximo da Ilha Grande de Joanes, onde encontraram a velha *índia Tapuia*, que chorava a falta dos seus parentes levados por “homens estranhos e brancos”. As princesas então teriam saltado da embarcação e foram em direção a velha *índia*, que em meio a lágrimas e sussurros de choro, a *tapuia* falou, “o vento é meu

lamento, minhas lágrimas são o rio. Eu sou a barreira do mar, eu sou a *Pororoca*. Defendo o meu povo contra a maldade que vem do mar, mas vocês podem entrar *Princesas encantadas*”, *Pai Edivanei* fazendo a voz da índia.

Segundo o *Pai Edivanei*, as três princesas confusas com a situação, não estavam compreendendo suas novas realidades. “Meu filho como eu posso te dizer? A *encantaria* é como se fosse uma região que a gente entra e jamais pode voltar, e elas, ao chegarem nesta dimensão, ainda iam demorar um pouco para perceber a nova vida que estavam levando”. Segundo ele, os *portais das encantarias* existem em matas, nos espelhos das águas, nas rochas, podendo ser localizadas em vários lugares e países, mas ninguém sabe o local certo, dia e hora do aparecimento.

*Pai Edivanei* prosseguiu com o mito dizendo que depois de passar pela *Pororoca*, a embarcação que levava as princesas, volta a navegar pelos rios da região por vários dias e noites, “o que ocorreu nessa viagem, nada é afirmado, mas é eu que conheço a personalidade dessas princesas e posso dizer que, *Mariana* talvez estivesse sempre no convés, no lugar do comando, porque assim ela foi criada, para comandar, para governar, para dirigir; já a *Jarina*, que é a caçula das irmãs, deveria estar chorando as saudades dos pais e das terras da Turquia; agora, *Erundina*, com certeza já estava se apossando dos perfumes aromáticos da Amazônia, ela que foi a primeira das princesas a se *ajuremar*”.

Continuamos caminhando, devido a chuva que tinha acabado de cair, o solo estava bastante encharcado se tornando mais um obstáculo para nós, volta e meia atolávamos nossos sapatos na lama. *Pai Edivanei* nos alerta para tomarmos cuidados com os tocos de árvores, raízes e principalmente, com algum material cortante que poderia estar ali com o lixo jogado ilegalmente naquele local, só foi ele terminar de nos alertar e Rafael tropeça em um toco, ficando todo sujo de lama. *Pai Edivanei* reclama que infelizmente a cidade esta adentrando ainda mais nas matas e com isso a sujeira também vai se espalhando.

Depois de nos alertar, ele pede um cigarro ao Rafael e continua falando das três princesas no mundo da *encantaria*. Ele conta que após a longa viagem pelos rios da Amazônia, as princesas e sua comitiva chegam à aldeia do *Caboclo Velho* em um dia de festa, e o chefe da aldeia convida as três moças para dançar com ele. Segundo *Pai Edivanei* foi nessa festa que o *Caboclo Velho* recebeu um espírito ancestral conhecido como *Xaramundí*, e com esse espírito as princesas *turcas* começaram a ter os primeiros conhecimentos do mundo da *encantaria*.

*Pai Edivanei* conta que após a festa, as princesas permanecem por vários dias na aldeia, tempo suficiente que lhes deu a oportunidade para se *ajuremar*, “deixando suas roupas

e vestindo a ‘personalidade’ indígena; e tempo suficiente para que índios se ‘batizassem’ e se *turcoassem*, tomando a ‘personalidades’ de turcos. Esse tempo foi importante para que *turcos encantados* e *índios* pudessem perceber que eram *irmãos* nesse novo mundo”.

O *Pai de santo* conta que passados esses dias, as princesas e sua comitiva partiram da aldeia de *Caboclo Velho* e seguiram viagem. Enquanto isso, em terras turcas, derrotados pelas cruzadas, o *Sultão Dassalã* é obrigado a abandonar o reino. Mas sem saber, o seu trono real foi guardado numa gruta pelos fiéis soldados, sendo o *Ludugã* a única testemunha do sacrifício dos bravos guerreiros. *Ludugã* leva então ao *sultão* uma mensagem, “Senhor tenho uma história para lhe contar, o seu povo é fiel, confia e tem fé. De baixo da terra, ao lado do trono, estão os seus fiéis soldados à espera da sua volta”, *Pai Edivanei* fazendo a voz do soldado.

Ao receber a mensagem, o *Sultão* teria ficado muito feliz e emocionado, começa a chorar lágrimas de diamantes das quais presenteia os soldados como forma de gratidão. E foi naquela noite que ele partiu da cidade levando consigo a confiança do seu povo e com a promessa de um dia retornar com suas filhas. De acordo com o *Pai Edivanei*, a partida de *Dassalã*, junto com o chefe da guarda real *Ludugã*, é celebrada pelos religiosos como o início, por eles chamado, de *anéis da cobra grande* que fundam o *tambor de mina* na Amazônia, segundo eles são três anéis.

*Pai Edivanei* fuma mais um cigarro e continuamos a caminhar até chegarmos a um ponto alto da mata que mais parece uma serra, e eu começo a tirar algumas fotos do *Pai Edivanei*, “menino para de tirar foto de mim nesse estado, todo destruído, para se não eu não falo mais o resto da história”, eu digo que não vou tirar mais fotografias e que, por favor, continuasse contando.

*Pai Edivanei* retorna ao mito chamando a atenção para um fato considerado como algo extraordinário: é a presença de um certo homem branco, que por passar por caminhos muito parecido com os das princesas, fez com que antes delas, já estivesse vivendo entre os índios ao ponto de se *ajuremar*, recebendo o nome de *Sumé*. Este é apontado como o responsável por ensinar aos indígenas as leis do mundo do branco. *Sumé*, também já estaria *encantado* e numa certa manhã, nas praias de água doce da Amazônia, entrou na maré e sumiu. Mas, os índios acreditavam que um dia ele voltaria.

O mito conta que *Dassalã* passou muitos anos tentando encontrar suas princesas e sem saber, ele e sua comitiva, acessaram o *portal da encantaria* e dormiram, acordando tempos depois em terras amazônicas, onde conheceu o *Caboclo velho*. Na aldeia do velho chefe, *Dassalã* é visto pelos indígenas como o *novo Sumé* e por eles foi avisado que não

voltaria mais a Turquia. O *Sultão* não deu muita atenção às palavras do chefe indígena e depois de alguns dias resolveu continuar a busca das suas filhas. Com a partida de *Dassalã* da aldeia, dias depois teria chegado a Ilha Grande de Joanes, onde foi reconhecido também como o *novo Sumé*. As notícias teriam se espalhado com as forças dos ventos que batia nas folhas e pelos pássaros que cantavam as boas novas. De acordo com o *Pai Edivanei*, a felicidade foi considerada tão especial, que na Ilha, *Dassalã* foi coroado pelos índios como *rei Marajó*. É destacado no mito que o fato da princesa turca *Erundina* ter sido a primeira a se *ajuremar*, e o *Sultão Dassalã* ter sido coroado como *rei Marajó*, fosse entendido como o fechamento do primeiro *anel da cobra grande* da formação do *tambor de mina* na Amazônia.

Outro fato considerado importante nesse enredo acontece na *Praia do Lençol*, é o encontro da *Princesa Mariana* com um suposto soldado da cruz. Ela por ser considerada a mais valente das princesas ordena a este soldado a se apresentar, então o cavaleiro desce da sua montaria e tira a sua armadura, dizendo a princesa para não temer mais, pois ela estaria agora em solos *encantados* de *Dom Sebastião*, que um dia já teria sido rei de Portugal e inimigo dos turcos, mas tornou-se senhor da *encantaria* das *praias do lençol* e ordena a paz entre os reinos no mundo *encantado*. Dito isto, o soldado ofereceu hospitalidades a princesa turca e suas irmãs e todos os luxos que poderiam servir a elas, em nome de *Dom Sebastião*.

No entanto, diante de toda a extravagância oferecida pelo *Dom Sebastião*, duas das princesas agradeceram e não aceitaram a oferta. Pois, a *princesa Mariana*, já estaria se apossando do mar, sempre naquela esperança de um dia poder encontrar o seu pai *Dassalã*; *Erundina*, já *ajuremada*, teria ido para as matas e de lá não quis mais sair. Nesses desencontros, apenas a caçula das princesas, *Jarina* desfrutaria do encontro com o pai.

Na concepção do *Pai Edivanei*, o *Sultão Dassalã* teria conseguido encontrar sua filha *Jarina*, ao aceitar a hospedagem de *Dom Sebastião*, ficando em suas *terras encantadas*, mas ressalta também, que teria sido nesse novo reino que o *Sultão* passa a entender as novas vidas experienciada na *terra das encantarias*, revelação que causa muitas dúvidas ao *Dassalã*. De acordo com o *Pai Edivanei*, uma guerra interna se cria no coração de *Dassalã*, pois ele não conseguia esquecer a promessa feita ao seu povo no momento que partiu da Turquia, mas ao mesmo tempo, sair do mundo dos *encantados* ficava cada vez mais impossível.

A aproximação dos reinos português e turco, antes inimigos, e no mundo da *encantaria* virando amigos, é vista como o fechamento do *segundo anel da cobra grande* que irá fundar a religião do *tambor de mina* em terras amazônicas.

### *Catando Folhas*

Depois de andarmos bastante, chegamos a um ponto e paramos. *Pai* Edivanei nos avisa para ficarmos esperando enquanto vai cortar os matos, e quando já tiver cortado a quantidade suficiente, vai nos chamar para carregarmos os montes. Dito isto, *Pai* Edivanei entra mais um pouco na mata e faz um pedido de licença para *Oxossi* e *Ossaim* e depois canta para seu *Rompe Mato*, e entra na floresta. Do local onde estamos, escutamos apenas o som do terçado cortando o *pau ferro*. Nesse tempo, Telma, Rafael e eu iniciamos a colheita da *flor do campo*, planta de pouca espessura que nasce em áreas com grande incidência de sol. Por ser uma planta rasteira, a colheita é realizada de joelhos, motivo para o Rafael fazer uma piada, “só assim, que agora todo mundo vai rezar”.

*Pai* Edivanei começa a montar os montes de folhas que cortou e nos chama para carregar, conforme tinha nos dito antes os montes estavam espalhados pelo caminho deixado por ele. Com os montes de folhas prontos, fomos carregando até onde estava estacionado o carro. O caminho da volta parecia mais longo, acredito que devido ao peso dos matos e do chão que estava escorregadio com a água da chuva. *Pai* Edivanei pega mais um monte e fala para o Rafael, “olha, taí sua carga! pode levar”, Rafael olha o monte e diz, “tem um monte maior não?” *Pai* Edivanei responde, “não reclama, se não ponho é mais”. Rimos.

Eu faço um monte com uma grande quantidade de folhas e começo a carregar, *Pai* Edivanei me vendo fala, “Rafael, tira uma foto do Anderson!”, eu digo, “eu, não *Pai!*”, “claro que vou tirar!” disse ele, “tem que tirar foto sim! Pra mostrar que você está participando, e tu tem que dizer lá no teu trabalho – olha, eu fui pro mato, fui colher o *pau ferro*, *flor do campo*, fiquei todo sujo e molhado da chuva”, eu respondo, “tá bom *Pai*, mas então, vai na frente que eu já esqueci o caminho de volta, não sei mais onde está o carro”. Ele riu.

Chegamos na estrada, exaustos jogamos as folhas no chão. *Pai* Edivanei vai ao carro e pega uma garrafa de refrigerante e serve para nós. Sentamos um pouco no chão, e ele fala, “Anderson, se eu não tivesse cortado meu cabelo, hoje ele estaria maior que o teu”. Eu respondo, que sim, que quando o conheci o seu cabelo já era bem comprido. Ele faz mais um comentário, “quando eu chegar em casa, vou dá um trato nele [referindo-se ao seu cabelo], Mãe Mariana vai gostar, o bom é que eu mesmo trato do meu cabelo, corto, ajeito, não pago cabeleireiro, minha cabeça eu não entrego para ninguém”. Eu aproveito que estamos sentados e pergunto como é que se desenrola a história das princesas para chegar ao terceiro *anel da cobra grande*.



### ***Voltando a colher mitos***

*Pai Edivanei* retorna dizendo que nas terras dos *encantados* habitadas por *índios*, *portugueses* e *turcos*, fez com que se sobressaísse nos *rituais de pajelança* a presença de três jovens da corte de *Dom Sebastião* conhecidos por *Sebastiãozinho*, *Aruaninha*, e *Iguaízinho*, que descobriam a possibilidade de se manifestarem nos salões de *Pajelança*. No lado do povo da *Turquia*, a primeira que teve esse privilégio foi a princesa *Erundina*, já se manifestando como *cabocla*, escolhendo como morada o *reino do Juncal*; e em seguida *Dona Jarina*; e por último, a *turca Mariana* que não deixou a sua personalidade turca, mas passou a exercer uma grande liderança no *tambor de mina*, tornando-se uma das mais queridas deste ritual. No entanto, de todos os *encantados* da *praia do lençol*, *Dassalã* era o único que ainda resistia à *ajuremação*, pois sempre se lembrava da promessa que fez ao seu povo de um dia voltar à *Turquia*.

*Pai Edivanei* ressalta que algo estava faltando para fechar o último *anel da cobra grande*, ciclo que vai se fechando com a chegada às terras amazônicas povos vindos de *Daomé*, *Angola*, *Guiné* e *Cambina*, trazidos de maneira forçada para esta terra. *Dassalã* teria assistido à chegada e o sofrimento desses povos, mas enxergou que ao lado daquelas pessoas estavam também suas divindades. *Dassalã* avista, então, a força de *Ogum*, a leveza de *Iemanjá*, a nobreza de *Dadarô*, mas de todos o que mais teria impressionado ao *Sultão* foi *Verequete*, considerado aquele que vai a frente, que enxerga longe e desbrava caminhos.

*Pai Edivanei* destaca que *Dassalã* fica confuso, mesmo vendo negros, índios, portugueses e turcos irmanados espiritualmente, as divindades africanas só se manifestavam nos africanos. *Verequete* percebeu que essa ‘divisão’ não poderia acontecer, ele passa então a se manifestar nas *casas de caboclos* e *encantados*, levando consigo as entidades africanas, fazendo-as assim conhecidas entre os *caboclos* e *encantados*. Com essa atitude, *Verequete* passa a ser visto na *mina* como o responsável pelas *alianças* entre esses povos espirituais.

### ***Voltando ao carro***

*Pai Edivanei* interrompe o relato sobre o mito e começa a arrumar os matos no carro. Eu comento que talvez o carro não tenha espaço suficiente para acomodar a quantidade de folhas, ele começa a arrumar e me responde, “meu filho são anos de mato, eu sei as quantidades certas de tudo. Abre essa mala do carro, mas primeiro, Rafael! Me dá um cigarro aí!”.

Enquanto fuma o cigarro, ele nos relata que tinha sofrido um acidente umas duas semanas passadas, e com isso acabou machucando a costela e o braço direito, disse que estava no sítio da sua mãe que fica na cidade de Itaituba, contou que estava na carona da moto do Rafael e que o mesmo, não conseguiu avistar a tempo um buraco que estava na estrada e acabou desviando a moto bruscamente para o mato. “Meu filho, inda bem que Mãe Mariana jogou a gente pra cima de uns galhos, se não hoje eu não tava aqui falando com vocês”.

Depois do cigarro e das conversas, ele termina de arrumar as folhas no carro restando apenas um pouco de espaço para entrarmos. Depois que estamos acomodados entre as folhas ele pergunta se teríamos coragem de acompanhá-lo ao supermercado estando mesmo sujos, respondemos que sim. Dentro do carro eu estava levando nas mãos as flores do campo com o todo cuidado para não as machucar, peço a Telma para acomodá-las próximo ao banco do motorista, foi então que o *Pai* Edivanei disse, “o Anderson tá tendo o maior cuidado com essas flores, se tu soubesses pra que vai servir isso”, eu respondo que é para decorar. Ele ri e diz que as flores serão usadas no *preparo* da *defumação*.

### ***Finalizando a colheita dos mitos***

Como todos nós já estávamos acomodados no carro, peço ao *Pai* Edivanei voltar a falar o que aconteceu com o *Dassalã*, e o que ele tinha decidido afinal das contas? Então ele retorna ao mito e diz que em um certo dia, *Verequete* resolveu convidar a todos para uma grande festa no centro da floresta Amazônica: *Caboclos*, *Encantados*, *Voduns* e *Orixás*, todos são chamados, inclusive a *família da Turquia*.

Segundo o *Pai* Edivanei, nessa festa organizada por *Verequete*, uma grande roda é formada no centro da floresta. No centro do ciclo teriam ficado as *anhangas* e *jurupari* (divindades amazônicas da floresta), logo em seguida, os *caboclos* e *pajés*; e em volta, os *encantados*; depois os *senhores de toalhas* e *vodunços*; e por última as divindades africanas.

De acordo com o *Pai* Edivanei, nessa festa, todos esses seres compartilharam suas energias, e *irmanados* fizeram surgir uma nova *força*. “Meu filho, o impossível estava acontecendo, reunindo tradições e pensamentos diferentes, aí fecha-se todos os anéis da cobra grande. É o grande momento da fundação do Tambor de Mina na floresta amazônica”.



Desenho 5: Festa na Floresta organizada por Verequete, momento que funda o Tambor de Mina em Terras amazônicas. Grande roda formada por *anhangas* e *jurupari* (divindades da floresta); *caboclos* e *pajés*; *encantados*; *senhores de toalhas* e *vodunços*, e por última as divindades africanas.  
Fonte: Autor (2016).

*Pai Edivanei* finaliza o mito dizendo que nessa festa, *Dassalã* muito feliz e impressionado com o que estava vendo, chega a uma decisão: ele ordena que *Ludugã* procure uma pessoa com as qualidades necessárias para futuramente *recebê-lo* como *entidade*. A negra *Anastácia* teria sido a escolhida quando estava ainda no ventre de sua mãe. Ela, após ser preparada dentro da *casa* do africano *Manoel Teu Santo*, funda a *casa da Turquia*, onde todos os *turcos* passaram a se manifestar e constituir os *fundamentos* da *família imperial da Turquia*.

*Anastácia* é tida como a única a *incorporar Dassalã*. E as três princesas passaram a seguir caminhos diferentes como *entidades encantadas*, mas sempre que chamadas pelos *filhos de santo*, elas se apresentam e se congratulam em dias de *trabalhos* ou *festas* nos *terreiros*. “O que eu posso dizer é isso, se vocês quiserem saber mais, só entrando na religião”, finaliza *Pai Edivanei*.

### *Do mato e mitos ao supermercado*

Rafael vendo que estávamos todos sujos comenta que tinha levado outra blusa e antes de entrar no supermercado a colocaria, foi então que *Pai Edivanei* interrompe dizendo que ninguém iria trocar nada, e que todos vão entrar como estão. “Queria que tu visses um dia, como eu estava quando eu entrei no Shopping, do jeito que eu tava, entrei e saí. Só chamei a atenção dos seguranças, todos me olhando, eu tava de branco... Mas meu filho, eu tava todo respingado de sangue, eu tinha acabado de tratar de mais de 20 galinhas para o festejo da *Mãe Mariana*, mas eu entrei assim mesmo nesse shopping, pra comprar uma garrafa de champanhe de uma marca que só vendia aí. Então, eu entrei de cabeça erguida, queria vê quem é que ia me parar. Mas eu acho que a *turca* tava comigo nesse dia, ninguém me parou, eu pensava, esse povo deve imaginar que eu bem matei alguma pessoa, ah! E eu ainda estava descalço, mas também meu filho, não só a *turca* estava do meu lado, mas nada mais e nada menos, do meu lado estava o Doutor Aldemar, então eu disse, se o Juiz que é o juiz não está se incomodando de andar do meu lado, eu lá vou me incomodar com quem está me olhando. Do jeito que eu entrei, eu saí”.

*Pai Edivanei* continua relatando que na *festa* para a *Cabocla Mariana* realizado no ano anterior, tinha ido ao centro comercial da cidade comprar tecidos para confeccionar a roupa da *cabocla*, disse ele. “Eu estava de sandália havaiana, uma bermuda toda rasgada, e uma camiseta toda encardida que eu uso em casa. Entrei na loja, quando cheguei lá uma vendedora toda, no toc – toc [imitando o som do salto alto da vendedora], nem deu a mínima pra mim, fez de conta que nem me viu. Aí veio outro vendedor, que alias é um menino que sempre me atende lá, foi nessa hora que entra na loja uma metida a baroa, toda de chapelão com a chave do carro na mão, toda maquiada com uma bolsona do lado, aí eu falei, essa aí o que ela deve ter de pose é o que ela não tem de dinheiro... Então, pedi para o vendedor vê meu limite do cartão, o vendedor me respondeu dizendo que, meu limite era bom e que eu podia comprar até sete mil reais. Sabe o que aconteceu? Comprei meus panos, tudo deu uns cinco mil reais só de pano, e a besta lá que não quis me atender porque eu estava todo maltrapilho, ficou sem a comissão. Eu falei comigo mesmo, mulher besta essa, mal ela sabe que sou filho de uma princesa”.

Chegamos ao Supermercado, estacionamos o carro e entramos. *Pai Edivanei* olhou os preços e comprou cervejas e refrigerantes. Depois de pagar voltamos ao carro para arrumar um lugar para acomodar dez pacotes de refringentes de dois litros e as quatro grades de cerveja da marca que a *cabocla* gosta, estas para servir apenas a *entidade*. “Bom, agora não dá

mais nada no carro, vamos voltar pro *terreiro* pra deixar essas coisas e depois tenho que ir na feira comprar mais algumas coisas, para os *preparos* dos *banhos quentes e frios*, vocês podem ir comigo?”, respondemos sim.

Ao chegarmos ao *terreiro*, fomos logo tirando os matos e as compras do carro, mas para essa tarefa contamos com a ajuda de outras pessoas que já estavam no *barracão*, prontas a ajudar. Tiramos tudo e seguimos para a feira.

No caminho, aproveito o momento para perguntar um pouco mais sobre a importância das ervas para diferentes rituais religiosos, “meu filho essas ervas servem para *banho*, para *obrigação*, tudo leva erva meu filho, tudo, tudo”. Prossigo perguntando quais ervas serão usadas, “tem lacre, tem a mirra do campo, das duas qualidades, da branca e da rocha, tem manjerição, pau de angola, incenso de Jurema, erva cidreira, pataqueira... algumas eu tive que pegar no mato e outras eu já tinha em *Casa*”. “Mas o que são exatamente *ervas quentes e ervas frias*”, continuo indagando. “Meu filho, as ervas frias pode usar elas amaceradas, esfregadas a mão ou batidas ou pisadas, as ervas quentes são ervas fortes que tem que ser cozida, mas também tem ervas quentes que podem ser amaceradas, vai depender para que ela vai ser usada”.

Chegando à feira o *Pai de santo* vai direto ao boxe onde estão sendo vendidas as morangas. Durante algum tempo ele se dedica a escolher atentamente a melhor moranga. Depois de pegar numa e noutra ele acaba encontrando uma com um formato que faz lembrar muito nitidamente uma coroa. Ele pede então que a vendedora escolha cinco morangas com aquele mesmo formato. Isso resolvido, ele vai em direção aos outros boxes e compra quatro mamões, quatro abacaxis, duas melancias e meia dúzia de batata doce e dois cupuaçu. Algum tempo depois, pegamos as sacolas, colocamos no carro e voltamos ao *terreiro*.

De volta ao *terreiro*, o *Pai Edivanei* pediu para o seu Luiz preparar o *banho* de *ervas fria*, e para outras pessoas que estão na *casa*, ele pede para que deem início na decoração do *barracão*.

Após distribuir as tarefas, *Pai Edivanei*, se ocupa com a depilação do seu rosto. Ele começa a tirar a barba com cera quente de abelha, considera o melhor método para depilação. Eu pergunto “isso não dói Pai?” E ele afirma que não, “ixi! Já estou acostumado. No dia da festa *Mãe Mariana* vai estar com o rosto bem lisinho”.

Já com o rosto depilado e o *barracão* quase todo decorado, *Pai Edivanei* pede para todos irem descansar, pois no dia seguinte se daria o prosseguimento dos *preparativos* da *feita*, iniciando com o *toque* dedicado ao *Exu* e a *Maria Padilha*.



## 2.2 “MACUMBA SEM EXU NÃO EXISTE...”



Desenho 6: *Toque para Maria Padilha. Exus e Pombagiras. Povos da rua, donos dos caminhos e estradas, responsáveis pelas comunicações e bons fluidos das ações humanas. Agradando-os primeiro, é a garantia do sucesso nas atividades que se pretende realizar.*

Fonte: Autor (2016).

**13 de abril de 2016,**

Chego ao Terreiro por volta das três horas da tarde, ofegante e transpirando bastante devido aos meus passos largos que mais parecem corridas, imaginando estar atrasado e lamentando por perder a oportunidade de presenciar o início do *toque* para *Exu*. Mas, para meu alívio e não mais com sentimento de culpa, o *toque* ainda não tinha começado. O *Pai de santo* da *casa* está deitado em uma rede estendida debaixo de uma mangueira localizada as proximidades do *barracão*, e ao contrario de mim, não parece estar com pressa e muito menos atrasado.

Ao redor da rede estão outras pessoas sentadas em cadeiras brancas de plástico esperando o início do *toque*, aproximo-me do grupo e falo, “boa tarde!”, uma senhora muito simpática responde, “o boa fica ao gosto do freguês”. Aproximo-me do *Pai Edivanei* que se

encontra fumando um cigarro, parecendo estar bem relaxado e confortável onde está; peço sua bênção e ele imediatamente responde, “Mãe Mariana te abençoe”. Pergunto, “o senhor está muito cansado *Pai*?” ele responde, “Ah! Meu filho... passei o dia inteiro andando no centro [centro comercial de Santarém], tô com as pernas doloridas de tanto andar procurando as coisas pra festa da Mãe Mariana”.

De baixo da árvore as pessoas conversavam com o *Pai* Edivanei. Os assuntos são os mais variados: novidades noticiadas no jornal local, o aumento do preço dos alimentos da cesta básica, sobre os constantes assaltos que estão acontecendo na cidade e as novidades da nova novela exibida na TV. Outros assuntos mais próximos a eles também surgem, como o de uma pessoa do ciclo religioso que está doente. Pela conversa percebo que estão se referindo a um *filho de santo* que não cumpriu com certas *obrigações* com sua *entidade* e acabou ficando *doente*. Fofocas, piadas, risadas vão se desencadeando, mas o assunto do dia foi a festa de aniversário da Maria. Estão comentando dos convidados que comeram demais, os que pegaram mais brindes da aniversariante, e sobre os *penetras* que apareceram na festa. Após, cerca de duas horas de conversa comigo e com as pessoas que estão em volta da rede, *Pai* Edivanei levanta-se e fala aos *filhos de santo* da *casa* (que nesse tempo estão chegando aos poucos). “Borá! Borá! Todos tomando banho já, já começa o *toque*”.

Continuo sentado na cadeira debaixo da mangueira. Observo o movimento dos *filhos de santo* que vão chegando a *casa* e se direcionam para o *banheiro de ervas* de onde estão saindo vestidos com as indumentárias adequadas para o ritual. Após uma hora acompanhando a circulação dos *filhos de santo* pelo *terreiro*, vejo dona Cleide entrar no *barracão* com a filha no braço e, em seguida o *Pai* Edivanei reaparece vestido com as indumentárias adequadas. Ele entra no *barracão* usando um *ójà* de cabeça de cor branca, calça e bata dourada, transpassada pelo pescoço uma *guia de caboclo*, alternando as cores em preto e vermelho.

Depois de presenciar toda essa movimentação no *terreiro*, por volta das 22:00h, entro no *barracão* junto com as pessoas que estão debaixo da mangueira e outras que também vão chegando neste momento. Na parte interna do *barracão*, sento de frente para os *atabaques*, considero o melhor local de observação, ao lado dos instrumentos fica a porta por onde o *Pai* e os *filhos de santo* entram cantando e *baiando*.

Antes do *toque* ser iniciado, aproveito o tempo para fazer umas fotos do *altar* da *Cabocla Mariana*. Na composição do espaço há cestos de palha, imagens e *assentamentos* dos *caboclos* cultuados no *terreiro*. Centralizado no *altar*, está *assentado* o *Ibá* da *Cabocla Mariana*, considerado pelo *Pai* Edivanei como o objeto sagrado correspondente à própria presença da *entidade* na *casa*.

Para esse *toque* de *Exu*, estão presentes no *altar*, além dos *objetos e elementos* elencados anteriormente, velas brancas e quatro garrafas de cerveja foram colocadas em frente ao *Ibá*. No momento em que eu estou fotografando o local, seu Luiz se aproxima do *altar*: acende uma vela branca, pinga três gotas da cera derretida num dos degraus e a coloca próximo a uma das garrafas de cerveja; em seguida, ajoelha-se e faz uma oração em voz baixa. Depois que o *filho de santo* se afasta do local eu pergunto, “seu Luiz, por que essas cervejas estão aí? [no Altar]” e ele me responde, “é uma oferenda para Exu”. Depois do seu Luiz, outros *filhos* da *casa* executam as mesmas ações realizadas por ele, acendem velas e rezam. Dessa maneira a cena vai se repetindo entre todos os *filhos* que estão presentes no *terreiro*.

Finalizando essa sequência começa-se a ouvir, vindo do interior do *barracão*, o som do *adjá de três bocas* chacoalhado pelas mãos do *Pai Edivanei*, e o estrondo dos *atabaques* tocados pelos *ogãs*, seguido das vozes e palmas dos *filhos de santo entoando* a seguinte cantiga: “Tô defumando tô incensando a casa do Bom Jesus da Lapa”. Esse *ponto cantado* pelo *Pai de santo* marca o início dos *trabalhos* nessa noite.

Eu estou sentado no local que considero especial e vejo o *Pai Edivanei* atravessar o *barracão* indo em direção à porta de entrada do *barracão*, ele toca no batente da porta com a mão direita e a leva à cabeça, na sequência, todos os *filhos* repetem a mesma ação e vão se posicionando na frente aos *atabaques*. Em seguida, outros *pontos* são *entoados* para saudar a Umbanda.

A Umbanda cheira a rosa  
a rosa cheira a guiné  
Vamos defumar a Umbanda  
com nove anjos do céu

Após os *pontos* de saudação à Umbanda, inicia-se a saudação a *Oxóssi*, uma das *sete linhas* da Umbanda. Entre os *Caboclos* presentes nesta *linha* estão *Seu Urubatão*, *Seu Araribóia*, *Seu Sete Encruzilhadas*, *Dona Jurema* e *Seu Jaguari*.

A meu Pai Oxóssi  
peço licença para defumar  
eu defumo, eu defumo  
essa aldeia, real...

A próxima *linha* saudada é a *linha de Ogum*, trabalha nessa *linha Ogum Beira mar*, *Ogum Iara*, *Ogum Megê*, *Ogum Rompe Mato* e *Ogum Naruê*.



Oh meu São Jorge  
 Veio de lança na mão  
 Montado em seu cavalo  
 Pra matar o dragão  
 Ele é chefe da demanda  
 Protetor dos filhos de Umbanda  
 Salve, salve meu São Jorge guerreiro

Finalizando os *pontos cantados* referentes à *abertura da gira* e às *linhas da Umbanda* cultuadas pelo *Terreiro do Pai Edivanei*, dá-se início aos *pontos* e as *doutrinas cantadas* destinadas a *Exu*. “Laróyè Exú!”, é a saudação que o *Pai de santo* faz e todos os *filhos da casa* a uma só voz também repetem, “Laróyè Exú!” e *puxam o toque*:

Girou Exú Gira-Mundo  
 Girou, girou  
 Pombagira que vence demanda  
 Rainha da encruza  
 Saravá Umbanda

Muitos gritos fortes e alegres de saudação ecoam pelo *terreiro*, *Laróyè Exú!* Em seguida, outro *ponto* é *puxado*, mas agora para chamar a *entidade Maria Padilha, pombagira do Pai de santo da casa*.

Macumba sem Exú não existe  
 Macumba sem Exú não há  
 Procura com uma vela acesa  
 Igual Maria Padilha ninguém vai encontrar

As saudações seguem um crescente e ficam cada vez mais intensas: “Laróyè Exú! Laróyè Exú! Laróyè Exú! Laróyè Exú!” Nesse mesmo instante, ao som das vozes entusiasmadas dos *filhos de santo*, o corpo do *Pai de Santo* começa a tremer sem controle, com as mãos nos joelhos ele tenta manter-se equilibrado para não cair no chão. Parece estar recebendo algo muito forte sobre seu corpo que vai dominando-o por completo. Os *filhos* que estão *baiando* começam a saudar com mais intensidade, “*Laróyè Exu! Saravá! Maria Padilha!*” Está claro para mim, e para as pessoas que estão assistindo a *gira*, que se trata da *Pombagira Maria Padilha* que *incorporou* no *Pai Edivanei*. A entidade inicia um belo balé, seus movimentos corporais são coreograficamente articulados aos sons dos instrumentos rituais e os *ogãs* a saúdam com o *ponto*,

Deu Meia-noite. A lua se escondeu.  
 Lá naquela encruzilhada, dando a sua gargalhada  
 Tranca-Rua apareceu. É *Laróyé!* É *Laróyé!* É *Laróyé!*  
 É *Mojubá!* É *Mojubá!* É *Mojubá.*  
 Ela é Odara e quem tem fé nessa Morada  
 É só pedir que ela dá.

O comportamento do *Pai de santo* já não é o mesmo do início da *gira*, a feição do seu rosto mudou e novos trejeitos estão surgindo, sua voz foi alterada e o sotaque também. O tratamento dispensado as pessoas é feito de uma maneira diferente. Surgem gestos mais sutis e delicados, carregados de sedução e simpatia. Todas as pessoas que estão na *gira* a cumprimentam com abraços e beijos, a partir de então já não é mais o *Pai Edivanei* que está no *barracão*, e sim *Maria Padilha*, que cumprimenta a todos com um sorriso afetuoso.

Abre a roda! Deixa Maria Padilha passar  
 Ô abre a roda! Deixa Maria Padilha passar  
 Ela tem peito de aço e o coração de um sabiá...

Enquanto *Maria Padilha* dança seu *ponto*, os *filhos de santo* da *casa* vão recebendo seus *Exus*. “*Laróyé Exú!*” Seguem ecoando pelo *barracão*. Nesta noite vejo os *Exus Tranca Rua*, *Pombagira Maria Mulambo*, *Pombagira Cigana*, *Pombagira Sete Rosas* e outros que não consigo identificar. As *entidades* cantam, dançam, conversam e escutam os pedidos das pessoas que estão assistindo ao *toque*. Sempre com um copo de *pumosa* na mão ou fumando um *pitu*, as *entidades* desfilam deslumbrantes pelo *barracão*, com as indumentárias confeccionadas em tecidos coloridos e lantejoulas brilhantes.

Passando um pouco mais de quatro horas de *toque*, os *Exus* começam a se preparar para *subir*. As entidades vão se despedindo do público presente enquanto os *ogãs*, visivelmente exaustos, dão início aos *toques* de despedidas. Uma por uma, obedecendo aos *toques* os *Exus* vão *subindo*, sendo a última a deixar o *barracão* a *Pombagira Maria Padilha*.

Passados alguns minutos e percebendo que o *Pai de Santo* não está mais *incorporado* e tendo recuperado o domínio do seu corpo, aproximo-me dele e pergunto, “*Pai qual a relação do toque para Exu com a festa em homenagem a Cabocla Mariana?*” Ele responde: “Meu filho não se pode fazer nada sem antes que Exu seja reverenciado, pois *Ele* é a energia que precisa ser equilibrada para que haja comunicação entre o mundo humano e o Sagrado mundo das Entidades e das coisas espirituais. Para que tudo dê certo na homenagem a Mãe Mariana, devemos pedir licenças a Exu. É *Ele* quem vai abri nossos caminhos”.

Dito isto, *Pai Edivanei* avisa para os *filhos da casa* que as 15:00h do dia seguinte haverá uma reunião no *terreiro* para falar sobre os *preparativos* do *Orô da Cabocla Mariana* e outras coisas referentes a *festa*.

Saio do *terreiro* as três horas da madrugada e comigo sai também o seu Luiz, pergunto onde ele mora, já que estava de bicicleta imaginei que seria próximo ao *terreiro*, ele me respondeu que morava no bairro do Santarenzinho. Esse bairro é um dos mais longe do centro da cidade e de ônibus eu acredito que leva cerca quarenta minutos, de bicicleta com certeza levaria mais tempo. Luiz se despede e diz que vai correr para chegar logo em sua casa, pois tem que trabalhar pela manhã em uma escola do município onde é zelador. Despedimos-nos e eu sigo para a minha casa de mototáxi.

### 2.3 REUNINDO COM A CABOCLA MARIANA



Desenho 7: *Cabocla Mariana montada no Pai Edivanei reunindo com os filhos da casa para tratar dos assuntos referentes ao seu Orô. O Orô é o ritual não aberto ao público que antecede a festa da Cabocla Mariana, onde o Pai de santo e seus filhos alimentam suas entidades. A imagem a cima reflete a reunião convocada pela própria Cabocla que teve por objetivo, orientar os procedimentos a serem desempenhados pelos filhos de santo no dia do ritual.*

Fonte: Autor (2016).

**14 de abril de 2016,**

Às 15:20h, chego ao *terreiro*, o movimento de *filhos de santo* da *casa* e de outras pessoas que chegam e saem está bem acima dos outros dias que eu havia presenciado até aquele momento. Alguns *filhos* estão limpando a área externa do *barracão*, outros lavando as *anáguas*, outros cozinhando; e seu Augusto com uma máquina de costurar, finaliza a roupa que a *Cabocla Mariana* vai usar no *festejo*.

O *Pai Edivanei* deitado em uma rede de baixo da *Mangueira* conversa com um *cliente* e parece estar *lhe receitando* alguma coisa. Estou a poucos metros de distancia deles esperando terminarem a conversa para poder me aproximar e cumprimentá-los. O *Pai de*

*santo* acabou de atender o *cliente* e faz um sinal com a mão pedindo para me aproximar. Vou à sua direção e falo “bênção *Pai*”, ele responde, “Mãe Mariana te abençoe”. Converso um pouco sobre os *preparativos* da *festa*; pergunto sobre o cardápio que será servido e ele me responde dizendo que não vai faltar *maniçoba*. Realmente não vai faltar, pois todos que entram no *terreiro* se deparam com uma panela enorme cheia de *maniçoba* fervendo, que exala o seu cheiro por todo o espaço.

Seu Augusto nos interrompe chamando o *Pai* Edivanei para que ele veja como está ficando a roupa da *Cabocla Mariana*, *Pai* Edivanei me convida para olhar também. Observo toda a delicadeza e criatividade da costura e o bordado do tecido rico em detalhes com pedras verde esmeralda e lantejoulas pratas, que contrastam com o verde musgo do tecido, formando o pano da costa que cobrirá a parte superior da roupa da *Cabocla*. A saia da *entidade* é azul claro, com a barra em bordado de lantejoulas de cor prata.

Já são 19:00h. *Pai* Edivanei me avisa que em poucos minutos dará início à reunião para os preparativos do *Orô* da *Cabocla Mariana*, a ser realizado no dia seguinte. Com a sua permissão, vou poder presenciar a reunião.

Certo momento *Pai* Edivanei entrou no *barracão*. Eu estou do lado de fora não sei o que está acontecendo no interior. “Nossa que susto!”, foi a minha reação ao ser surpreendido pelo zumbi (nome de um dos sete cachorros de estimação do *Pai* Edivanei), o cachorro passou por mim correndo e entrou no *barracão*. Dona Cleide se encontra ao meu lado e diz, “Mãe Mariana acabou de chegar”. Sem entender seu comentário, pergunto como ela tem certeza de que a *entidade* tinha *descido* naquele momento, pois nós estamos na parte externa do *barracão* e não temos visão do que acontece na parte interna. Dona Cleide responde, “tu não viu o zumbi correndo? Ele só corre assim pra dentro do barracão quando sente que Mãe Mariana tá chegando, ele sente antes da gente”.

Ao comando da *entidade* todas as pessoas que estão na parte externa começam a entrar no *barracão*, inclusive eu. A *Cabocla Mariana* se encontra sentada em uma poltrona forrada por um tecido brilhante e colorido, aos seus pés está deitado o Zumbi. Elegantemente, ela toma sua *pumosa* e fuma seu *pitu*. Colocamos-nos a sua volta, sentados em cadeiras brancas de plástico, escutando suas orientações.

O que eu presenciei foi uma reunião dirigida pela própria *Cabocla* com os *filhos* de *santo* da *casa*. Ela *desceu* no *terreiro* para informar como deve ser realizada sua *festa*; ordenar os *cortes* dos bichos para as oferendas; e determinar as funções que cada *filho* deve desempenhar no *Orô*.

A *Cabocla* informa que no dia seguinte todos os *filhos* precisam chegar ao *terreiro* na parte da manhã. Logo cedo, eles deverão *tratar* dos matos colhidos; ao meio dia o *preparo* do *banho* de *descarrego* e o *banho* de *cheiro*; e quando for duas horas da tarde terá início o *Orô* propriamente. A *Cabocla* também determina que o primeiro *corte* seja para o *Seu Ogum Rompe Mato*, o seguinte para *Seu Zé Mineiro* e o terceiro, para *Ela* mesma; na sequência o *corte* será para os *compadres e as comadres* (*Cabocla Mariana* se referindo aos *Exus* e *pombagiras* da *casa*). Para o *corte*, todas as *entidades* citadas vão receber *bichos de pena*, com exceção do *Seu Ogum Rompe Mato* que, além de receber *bicho de pena* vai ganhar também um *bicho de caça*. Ao final da reunião, a *Cabocla* chama a atenção dos *Ogãs* alertando-os para as responsabilidades deles neste *Orô*, pois os mesmos devem saber das consequências, caso falhem com as suas atribuições.

Para finalizar, a *Cabocla Mariana* pega graciosamente sua taça com *pumosa*, toma mais um pouco, termina de fumar o seu *pitu* e fala. “Não vai ser preciso repetir né? Quem vai receber *corte*, quais folhas serão necessárias, quais comidas serão feitas, quem vai arrumar as coisas do *Orô*, com mel, dendê, sal, folhas, quem vai deixar as facas amoladas, os laços que serão usados, quem vai verificar se colocou água no fogo antes, para o *preparo* dos bichos. Não vou repetir né? Já tá todo mundo bem barbado.”

Pelas palavras da entidade, o *Orô* é um ritual muito importante para a *casa*, pois será o dia em que o *Pai de Santo* e seus *filhos* irão *alimentar* suas *entidades* e renovar as energias espirituais. Esse ritual é restrito ao público, pois segundo o *Pai Edivanei* é um momento que requer muita concentração e dedicação, onde se exige muito respeito e compromisso com a religião. Considera ainda, como um momento de confirmação das relações tecidas nesse espaço, que pelas práticas rituais autoafirmam os elos.



## 2.4 ORÔ DA CABOCLA MARIANA



Desenho 8: Altar da Cabocla Mariana sendo alimentado no ritual do Orô. A figura representa os momentos finais do Orô, onde cada entidade que compõe este espaço está comendo. No primeiro plano do desenho se encontra o *Ibá* da Cabocla Mariana que foi arriada do altar para ser alimentada em cima do pote. Em cada degrau do altar foram arriadas oferendas destinadas às entidades cultuadas pelo terreiro. Muitas velas, garrafadas, *quartinhas*, variados tipos de frutas e outras infusões, complementam a alimentação. No último plano do desenho, ao lado direito se encontra a representação imagética da Cabocla Mariana; ao lado esquerdo pode ser vista a representação referente à Cabocla Jarina.

Fonte: Autor (2016).

**15 de abril de 2016,**

Hoje é sexta-feira, dia do Orô, véspera da festa que irá homenagear a Cabocla Mariana. Chego por volta das duas horas da tarde no terreiro e vejo o Pai Edivanei na cabana conversando com alguns filhos de santo, enquanto outros cuidam da *maniçoba*, que está sendo preparada em um fogareiro construído a partir das carcaças de uma geladeira. Seu Augusto e a dona Cleide, cada um em uma máquina de costura, finalizam os detalhes das roupas que serão usadas pelos caboclos na festa.

O movimento das pessoas no terreiro está em ritmo acelerado. A parte externa do barracão está praticamente organizada a espera do início do Orô. Muitas ervas, folhas, cascas

de madeiras, tudo ordenado em cima de uma grande mesa. Os animais para o *corte* estão presos em uma caixa de plástico colocados em frente a *casinha* do *Exu*.

Vou em direção à *cabana*, cumprimento todos os presentes, me aproximo do *Pai Edivanei* e peço sua bênção, ele responde, “Mãe Mariana te abençoe”. Comento que a *maniçoba* está com um cheiro muito bom e que parece gostosa, ele me responde, “não parece não, ela tá é boa de comer!” Conversamos um pouco sobre as coisas da *feita*, ele me conta que o *preparo* das *ervas quentes* e *frias* para os *banhos* estavam quase prontas e que logo já iria iniciar a *alimentação* do *altar*.

Não demorou muito, vejo seu Augusto iniciando a *limpeza* do *altar*. Eu fico surpreso ao vê-lo manipulando os objetos e vou discretamente perguntar ao *Pai de santo* porque seu Augusto está limpando o *altar* e não ele, “meu filho ele recebe seu Sultão<sup>17</sup>, ele faz parte da esquadra da encantaria da Mãe Mariana e é muito ligado a Ela. Mas tem algumas coisas que só eu posso fazer, por enquanto ele [seu Augusto] só tá limpando e ajudando na *alimentação* do *altar*”. Reparo que seu Augusto está com os cabelos molhado e cheira a ervas, um cheiro forte de mato verde, o que indica que havia se *banhado*. Aproximo-me para ver de perto como ele manipula cada um dos *objetos sagrados* que compõem o *altar*.

Dando três *batidinhas* no chão antes de tirá-las do lugar, Seu Augusto desce as *quartinhas* e outros *objetos sagrados* que estão no *altar*. Ele pede para um dos *ogãs* banhar os *objetos* com as ervas preparadas pelo seu Luiz. Esse processo vai se repetindo com todas as louças que estão no *altar*: as *quartinhas*, *alguidares*, *pratinhos* e *copos*, todos estão sendo devidamente *limpos* e *lavados* com as infusões de ervas. O *Pai Edivanei* reaparece, ele está vestindo roupas brancas e exala um cheiro muito parecido com o do seu Augusto. Percebo que o *Pai de Santo* toma o comando no processo de *alimentação* do *altar*. Ele ordena aos *ogãs* para começarem a trazer os *alimentos*.

Primeiro, estão sendo *preparadas* as morangas, pré-cozidas e cortadas na parte superior. O *Pai Edivanei* com uma colher raspa as morangas para tirar as sementes, e em seguida as recheia com milho cozido e por cima do milho vai colocando paus de canela. Para finalizar, as morangas são colocadas em *pratos* de barro, forrados por folhas verdes.

Nos *alguidares*, o *Pai de Santo* e seu Augusto organizam as frutas. No centro do *alguidar* é colocada uma melancia cortada ao meio em forma de coroa. A fruta é preenchida com outras frutas como maçã, uva, caqui e mamão. Em outros pratos estão os melões e

---

<sup>17</sup> *Pai Edivanei* esclareceu que o *Sultão* que o seu Augusto recebe não é o *Dassalã* (pai das *princesas encantadas*), mas sim um tipo de *boiadeiro* que se *turcouou*, recebendo o título de *Sultão*.



cupuaçu. Para fechar a composição, enormes folhas verdes são colocadas em volta dos *alguidares*.

Seu Augusto terminando de *preparar* as frutas, pede aos *ogãs* para pegarem os *preparos* para *alimentar* o *Ibá* da *Cabocla Mariana*, mas o *Pai* Edivanei o interrompe dizendo. “Não! A Mãe Mariana só vai comer amanhã!”. Em contraposição ao *Pai de santo*, seu Augusto responde, “mas Pai, ela vai ter que comer hoje, foi à própria Dona Mariana que pediu para ser alimentada hoje, junto com todos os Caboclos”. O *Pai de santo* fica calado por alguns segundos, e em seguida, atendendo as ordens da sua *entidade* vai buscar os *produtos* para *alimentá-la*.

O *Pai* Edivanei reaparece no espaço do *altar* com os *alimentos* e um pote de barro médio. Seu Augusto pega o pote, e com uma cuia vai colocando dentro do pote os *banhos* de ervas. Ele *tempera* o pote com *azeite doce*, mel, óleo de dendê, vinho tinto, champanhe, açúcar e sal, esses são alguns dos *elementos* que eu consigo identificar. O *Otá* (pedra), do *Seu Rompe Mato* e do *Seu Zé Mineiro*, também estão sendo *alimentadas* com esses *elementos*.

Com o pote já *temperado*, se inicia a *alimentação* do *Ibá*. Seu Augusto faz uma pergunta, “Pai, Ela come em cima do pote?”, “sim”, responde o *Pai de santo*. O *Pai* Edivanei em reverência ajoelha-se em frente ao *altar* e faz uma oração em voz baixa, em seguida tira o *Ibá* do *altar* e o coloca em cima do pote *temperado*. Ele abre o *Ibá* e vai colocando dentro os mesmos *elementos* que *temperaram* o pote, mas com um *elemento* a mais, folhas da *pataqueira*, uma espécie de planta que nasce às margens dos igarapés.

Seu Augusto acende velas brancas e vai colocando ao lado de cada *alimento* oferecido às *entidades*; uma vela de sete dias e sete noites também é acesa no meio do *altar*. O *Ibá* continua aberto. Percebo que ele ficará exposto até que finde por completo o *Orô*. Ressalto que no *Ibá* da *Cabocla Mariana* estão presentes outros *fundamentos* de conhecimento apenas do *Pai de Santo*, não revelados a ninguém.

Em certo momento *Pai* Edivanei olha para a parte externa do *barracão* e pede para um dos *ogãs* pegar um dos patos que estão soltos pelo *terreiro*, “meu filho pega um pato desses aí, e prende eles junto com os outros bichos pra ser usado também no Orô”. O *ogã* pega o pato e prende junto com os outros animais. Seu Augusto e todos os *filhos* de *santo* da *casa* entraram no *barracão*, ficando do lado de fora, eu e outras poucas pessoas do círculo de amizade do *Pai de Santo*. Do lado de fora escuto palmas e gritos de saudação a alguma *entidade* que chegou naquele instante. A pedido dessa *entidade*, dona Cleide se encaminha para a área externa e fala, “é pra vocês entrarem”. Todos que estão do lado de fora entram no *barracão*. Do lado dentro eu observo a *entidade* puxar um *ponto*:

E de lá vem vindo. E de lá vem só  
 E de lá vem vindo a força maior  
 E de lá vem vindo Boiadeiro. E de lá vem só  
 Chega trazendo a força maior

Com o *ponto cantado* é possível identificar a *entidade* que *baixou*, se trata do *Seu Boiadeiro* que *desceu* no *Pai Edivanei*. Terminando de *entoar* o *ponto*, *Seu Boiadeiro* passa a saudar todos os presentes, ele levanta as mãos e fala, “boa noite! Saravá!” A *entidade* vai em direção ao *altar* e o saúda dizendo, “Saravá! Tá bonito isso aqui”. Em seguida caminha até a *casinha* do *Exu*. Do local onde estou não consigo vê-lo, mas posso escutá-lo dando saudações: “Xêtro Caboclo! Xêtro Maro Ma Xetro!”.

Após as saudações, escuto *Seu Boiadeiro* chamar seu Augusto e os *ogãs*. Ele pergunta, “meus filhos quais são os bichos pra ser cortado? quem é as entidades que vão comer?”, escuto seu Augusto falando, “Seu Boiadeiro, Dona Mariana falou...” de repente não escuto mais a voz do seu Augusto, mas sons de “Í há... Í há...”, tudo indica que o seu Augusto acabou de *receber* alguma *entidade*. *Seu Boiadeiro* o saúda dizendo, “Hê balu baxê!” Eu pergunto a uma das *filhas* da *casa* quem é o *Caboclo* que chegou, “é o Seu Sultão”, disse ela. Como seu Augusto está *incorporado*, escuto um dos *ogãs* passando as informações para o *Seu Boiadeiro* sobre a ordem dos *cortes*. Começo a escutar os sons de faca sendo amoladas. Imagino que a movimentação em frente à *casinha* do *Exu* está grande devido o entra e sai dos *filhos* de *santo* no *barracão* para buscar coisas pedidas pelas *entidades*. Eu e as outras pessoas permanecemos sentadas no interior do *barracão*, apenas ouvindo os sons dos movimentos que ocorrem em frente à *casinha* do *Exu*.

*Seu Boiadeiro* entra no *barracão* e pede para todos ficarem de pé e descalços, “agora só tenham pensamentos positivos, peçam força, saúde e proteção. Tenham Fé!”. Em obediência à *Entidade* nos colocamos todos de pé e descalços. As pessoas permanecem de olhos fechados e aparentam estar concentradas nas palavras da *entidade*. Para completar a nossa meditação, o ambiente é sonorizado pelas vozes do *Seu Boiadeiro* e dos *filhos* de *santo* que *entoam* o *ponto* na frente da *casinha* do *Exu*.

Ogum já venceu, já venceu, já venceu  
 Ogum vem de Aruanda. E quem lhe manda é Deus  
 Ele vem beirando o rio. Ele vem beirando o mar  
 Ô salve Oxóssi da calunga. Benedito e Beira Mar

Os *filhos* acompanham *Seu Boiadeiro* com palmas e repetindo os versos do *ponto*. Outro *ponto* é *entoado* pela *entidade* em saudação à *Ogum*. Percebo que a ordem dos cânticos *entoados* está obedecendo às orientações da *Cabocla Mariana* para este *Orô*.

Filho de Pemba bebe água no rochedo,  
 Filho de Ogum corre campo e não tem medo.  
 Filho de Pemba bebe água no rochedo,  
 Filho de Ogum corre campo e não tem medo.  
 Vou pedir ao Criador, que derrame o Seu Amor,  
 Aos nossos Guias e ao nosso Babalaô

No final do *ponto Seu Boiadeiro* faz uma saudação, “Salve Ogum!”. Os *filhos* respondem “Ogunhê Meu Pai!”. Outro *cântico* é *entoado*, mas esse musicalmente é cantado pelo *Seu Boiadeiro* de maneira mais suave e calmamente rimada, os *filhos* de *santo* respondem os versos em uma só voz. Tudo que ouço me faz sentir como num recital com vozes à capela.

Ejé xororô Ejé un pá ô  
 Ejé xororô  
 Seu Ogum un pá ô  
 Ejé xororô Ejé un pá ô  
 Ejé xororô  
 Seu Ogum un pá ô

Ouço *Seu Boiadeiro* falando. “Ôgunhê! Senhor Ogum, nos guie nessa caminhada!”. Os *filhos* continuam cantando em coro, mas agora também estão batendo palmas. *Seu Boiadeiro* continua falando. “Paz e sossego, paz e tranquilidade, caminhos e estradas abertas. Caminhos de felicidades, muita saúde! Paz e felicidade em família, Muitas felicidades!”.

*Seu boiadeiro* entra novamente no *barracão*, “meus filhos agora vocês já podem vim pra cá [para frente da *casinha* do *Exu*] vamos cantar pra Exu, é hora de fazer muita vibração, muitos pedidos e permissão pra abrir os caminhos de vocês”. Dona Cleide, em seguida fala, “vamos gente! Podem sair, mas fiquem descalços”.

Na frente da *casinha* do *Exu Seu Boiadeiro* faz saudações, “Laróyè Exú! Laróyè Pombagira!”. Todos batem palmas. Percebo que alguns rituais de *alimentação* já foram realizados, pois a porta da *casinha* está entreaberta e vejo muitos *alguidares* com *comidas*. *Seu Boiadeiro* começa a *entoar* um *ponto*:

Sinhá Pombagira  
 Vem tomar xôro-xôro.  
 Dona Onze Vem tomar xôro,  
 Vem tomar xôro-xôro Dona Onze vem tomar xôro.  
 Dona Légua vem tomar xôro-xôro, Dona Légua vem tomar xôro  
 Dona Rosinha vem tomar xôro-xôro, Dona Rosinha vem tomar xôro

*Seu Boiadeiro* entra na *casinha* do *Exu* acompanhado dos *ogãs* e *Seu Sultão*. Dentro da *casinha* eles cantam:

Ejé xororô Ejé un pá ô  
 Ejé xororô  
 Dona Onze é un pá ô  
 Ejé xororô Ejé un pá ô  
 Ejé xororô  
 Dona Onze é un pá ô

Esse *cântico* mais uma vez é *entoado* e vai repetidamente sendo cantado pelos *filhos* com a mesma sonoridade musical, calma e serena. Percebo que esse *cântico* é *entoado* toda vez que alguma entidade é *alimentada*. *Seu Boiadeiro*, em voz alta e em tom de felicidade diz: “Ê! PomboJira! Laróyè Dona Onze! Muitas felicidades para seus filhos. Abre nossos caminhos, sucesso, prosperidade para nós!”. Em seguida todos batem palmas. Compreendo que quando o *alimento* é aceito pela a *entidade*, todos os *filhos* batem palmas e cantam mais entusiasmados. Ainda dentro da *casinha* do *Exu*, *Seu Boiadeiro* começa a saudar outra *Pombagira*, a *Maria Padilha*. Ele fala “Laróyè Maria Padilha!”. Em seguida *puxa o ponto*:

Macumba sem Exú não existe  
 Macumba sem Exú não há  
 Procura com uma vela acesa  
 Igual Maria Padilha ninguém vai encontrar...

Ao fim desse *ponto*, dona Cleide novamente ordena para nós entrarmos no *barracão*. *Seu Boiadeiro*, *Seu Sultão*, os *ogãs* e os *filhos de santo* seguiram para o *altar* da *Cabocla Mariana*. Mais uma vez escuto a movimentação que ocorre na parte externa do *barracão*. No espaço onde está localizado o *altar*, o *Seu Boiadeiro* pede para que um dos *ogãs* providencie os *alimentos quentes* e uma *vela sete encruzilhadas*. Após esse pedido todos que estão no espaço do *altar* fazem um longo silêncio.

Agora ouço sons de palmas. *Seu Boiadeiro* está pedindo que levem para ele uma bacia de água, o banho de cheiro e todos os *preparados* para finalizar a alimentação do *Ibá* da *Cabocla Mariana*.

*Seu Boiadeiro* mais uma vez entra no *barracão* e avisa: “se vocês meus filhos, se quiserem ir na porta da casa do Exu, podem ir lá bater cabeça ou ficar de joelho, bater palmas pra Exu. Pode pedir forças, pra Ele abri o caminho de vocês, pode ir lá”. Um dos *ogãs* está chamando *Seu Boiadeiro* para entregá-lo os *preparados* da *alimentação* da *Cabocla Mariana*. A *entidade* volta para o *altar* e prossegue *alimentando* o *Ibá*. Neste instante, chega ao *terreiro* uma senhora carregando uma enorme sacola. Exausta ela fala:

Boa noite a todos! Pai Boiadeiro?

Ele: senhora?

Ela: posso ir aí com Senhor?

Ele: o que a senhora quer?

Ela: é que eu trouxe essas velas

Ele: quem pediu?

Ela: foi Mãe Mariana que me pediu.

Ele: pois então, depois a senhora vem aqui [no altar] acender pra Ela [para a Cabocla Mariana] uma por uma.

A senhora entrou no *barracão* e sentou ao nosso lado para esperar *Seu Boiadeiro* terminar de *alimentar* o *Ibá*. Depois de certo tempo *Seu Boiadeiro* entra no *barracão* e me convida para acompanhá-lo até a *casinha* do *Exu*. “Vêm cá! Se tiver com chave no bolso, cinto ou outro tipo de metal pode tirar, vou mostrar pro senhor a casa do Exu. Tire a sandália e entra. Olha meu filho, isso aqui são as *obrigações* de hoje. *Eles* [os Exus] que abrem nossos caminhos, Exus e *Pombogiras* são donos dos nossos caminhos, donos das estradas, é o princípio, meio e fim da vida. Olha ali, quem tá *comendo*, é uma *Senhora* do Edivanei, *Dona Onze*; essa outra aqui é a *Pombagira Maria Padilha*; aquele ali é o *Seu Maioral*, e do lado dele é o *Seu Tranca Rua*. Seu Anderson, o senhor que busca conhecimento é isso que posso mostrar. Outras *coisas* não posso falar pro senhor, são *coisas* minhas com seu Edivanei. Entendeu? [eu respondo que sim]. Então é isso! Agora vamos terminar de dar *comida* pra Mariana, essa *Arara Cantadeira* é fogo!”

*Seu Boiadeiro* seguiu para o *altar* da *Cabocla Mariana* para dar prosseguimento à *alimentação* da *entidade*. Escuto *Seu Boiadeiro* falando, “Ê Mariana! Ê Cabocla!”, Sons de palmas soam novamente. Os *filhos de santo* entoam uma sequência de *pontos* para saudar a *Cabocla Mariana*:

Lá fora tem dois navios  
 No meio tem dois faróis  
 É a esquadra da marinha  
 Brasileira Mariana lá na praia do Lençol...

Ela é Marinheira, Ela é Marinheira...  
 Ela é a formosa da marinha Brasileira...

No rio Negro os mururés viraram flores  
 Na mata virgem, o sabiá cantou.  
 Ela é a Cabocla Mariana  
 A bela turca que aqui raiou...

Olé, olé, olá é Mãe Mariana no Conga  
 Ela subiu o morro ela desceu ladeira,  
 Ela subiu o morro ela desceu ladeira  
 Ela é filha do turco, uma arara cantadeira.

Finalizando a alimentação do *Ibá*, seu *Boiadeiro* faz o seu pedido, “Ô Dona Turca! Receba esse legado, receba esse Axé!”. Em seguida *entoa o ponto*:

O sino da Turquia já bateu,  
 O sino da Turquia já bateu  
 Bateu!  
 Amanheceu!  
 E a Bela turca apareceu!

*Seu Boiadeiro assentando o Ibá* novamente no altar *puxa* mais um *ponto*:

É Ela a donzela da Turquia,  
 Rainha da esquadra Brasileira  
 É Mariana, ela é guerreira, ela é faceira.  
 Assentou praça, mas não foi pelo dinheiro  
 Foi pelo amor da farda da marinha brasileira  
 No seu navio ela viaja Norte a Sul  
 Olho para o céu e vejo o Cruzeiro do Sul

Tudo indica que o *Orô da Cabocla Mariana* já está próximo do fim. *Seu Boiadeiro* começa a fazer as últimas saudações à *Entidade*. Subitamente, seu Luiz faz uma interrupção: “*Seu boiadeiro* ainda falta *alimentar os caboclos da mata*, era pra *eles comerem* antes da *Mãe Mariana*”. *Seu Boiadeiro* demonstrando indignação com o equívoco cometido fala, “o que? Só agora que o senhor me fala! *Ogã* por que vocês não me falaram? Eu to fazendo o que me disseram! Depois vocês vão se resolver com a *Dona Mariana*... Pega a *comida!* E borá *alimentar* logo o *peçoal da mata!*”.

Os *ogãs* foram buscar o *alimento* dos *Caboclos da mata*. Seu *Boiadeiro* preparou a *comida* e em seguida saudou as *entidades* com mais um *ponto*:

Seu Rompe Mato quando vem na aldeia  
 Ele traz na sinta uma cobra coral  
 Mas ele é uma cobra coral  
 Seu Rompe Mato quando vem na aldeia  
 Ele traz na sinta uma cobra coral...

Ao final do *ponto* Seu *Boiadeiro* fala: “Bom meus filhos agora terminou o *Orô* da Dona Mariana. Podem bater palma! Pode pedir saúde, paz, prosperidades para vocês e seus entes queridos. Amanha é a festa da *Turca Cantadeira*, vocês estão todos convidados, agora vão com Deus! Amanhã Mariana vem falar com vocês”.

Depois destas palavras, não demorou muito Seu *Boiadeiro* *subiu*. Esperei o *Pai Edivanei* se recuperar e nos despedimos. Na saída do *terreiro* encontro com a dona Cleide e digo, “dona Cleide, muito obrigado por deixar eu olhar o *Orô*”. Ela me responde gentilmente, “de nada meu filho, amanha tu vem né?”, Eu respondo, “sim! Estarei aqui”.



O ritual do *Orô* durou aproximadamente umas oito horas. O dia foi de muitas informações e conhecimentos, tive a oportunidade de observar um dos momentos que de fato mantém o *terreiro* ‘vivo’, e pude compreender um pouco mais como se desenvolve as relações dentro desse grupo religioso. Foi possível perceber, como os espaços sagrados do *terreiro* são utilizados e a posição que cada *ser* assume no grupo.

Toda essa grande força tarefa que se iniciou com a *catação das folhas*; com o *toque* para *Maria Padilha*; seguida da reunião que pôs em prática o *Orô*, irá culminar com a *festa* aberta ao público. No entanto, podemos entender que a *festa* em si, pode ser também, compreendida como todo o seu percurso de construção, que envolveu complexos momentos de negociações e trabalhos desempenhados com altos índices de exigência e perfeição por parte do grupo social que forma o *terreiro*: *Pai e filhos de santo*, *entidades*, crianças, clientes ou simpatizantes, todos tiveram papéis exclusivos e fundamentais que ajudaram a tecer o enredo que compõe a *festa* da *Cabocla*.

Para a próxima seção, apresento a *feira* aberta ao público. Essa *feira* pode ser vista como um dos momentos em que a *casa* abre as portas para mostrar todo seu potencial de compromisso com a religião. É a oportunidade para mostrar aos outros grupos religiosos as dádivas que o *terreiro* adquiriu no decorrer dos anos e se legitimar perante aos clientes e público em geral, como *casa* respeitada, que sabe fazer as coisas consideradas certas pela religião. Ou seja, é o momento do *Pai de santo* se reafirmar como liderança perante ao público, e se tudo ocorrer bem na *feira*, todos perceberão que a *casa* está em sintonia com as *entidades* cultuadas pelo *terreiro*.



## 2.5 A FESTA: “CABOCLA MARIANA, A BELA TURCA QUE AQUI RAIOU...”



Desenho 9: *Festa da Cabocla Mariana*. Festa aberta ao público, onde podemos apreciar todas as *entidades montadas* em seus *cavalos*. No primeiro plano do desenho, está a *Cabocla Mariana*, anfitriã da *casa*, usando seu vestido de várias tonalidades em azul e brincos em forma de âncora (objeto que remete sua ligação com as águas), com a taça de *pumosa* e seu leque em mãos, a *Cabocla* dá voltas no *barracão* para congratular todos os convidados e as outras *entidades* que *desceram* em sua *casa* para comemorar em sua *festa*. Ao fundo do desenho, estão os *ogãs* tocando os tambores sagrados. A cada *toque* executado por eles, mais *entidades* se manifestam e mais a *festa* é considerada animada.

Fonte: Autor (2016).

**16 de abril de 2016,**

Chego às 18:00h, o *terreiro* está todo decorado com folhas verdes e flores de cor rosa e vermelha. Muitas velas brancas estão colocadas em diferentes pontos. Mesas e cadeiras foram organizadas no espaço para acomodar os visitantes e convidados. Os *filhos de santo* da *casa* e de outros *terreiros* que vieram prestigiar a *festa* estão quase todos *banhados* e terminando de se arrumar. O movimento dos *filhos de santo* é grande, e os convidados começam a chegar.

Vejo o *Pai* Edivanei saindo do *barracão*, também já vestido com os trajes para a ocasião. Ele está usando um conjunto de calça, bata e um *ojá* de cor prata. Transpassadas no pescoço, *guias* de cor vermelha e outras que alternam as cores em branco e vermelho. Ele começa a cumprimentar as pessoas que estão chegando. Vou a sua direção e digo, “benção *Pai*”, “Mãe Mariana te abençoe. Fica a vontade meu filho, logo a gente vai iniciar o batuque”, respondeu *Pai* Edivanei.

Dona Cleide aparece vestindo uma saia de cor amarela com estampas de flores vermelhas e folhas verdes. A parte superior da roupa é azul claro com brilhos de cor prata e na cabeça usa um *ojá* branco. Ela está com sua filha no colo, a menina graciosamente veste uma ‘mini-roupa’ ritual confeccionada especialmente por dona Cleide para este dia. As pessoas chegam perto da criança e comentam: “mas, olha já! Parece uma baianinha!”. Dona Cleide sempre muito carinhosa me pede para eu fazer uma foto da sua filha em seu colo.

O *terreiro* está bastante cheio. Algumas autoridades afro-religiosas da Cidade também estão chegando para prestigiar a *feira*. Vendo todo esse movimento me apresso para entrar no *barracão*, não quero perder o lugar que considero estratégico para acompanhar o *festejo*. O interior do *barracão*, como a parte externa, está harmoniosamente ornamentado. Galhos com folhas verdes contornam as laterais e portas de entrada; flores de papel vermelho, rosa e branco dão um colorido no ambiente. Os *atabaques* estão *vestidos* com laços de tecido azul. O piso do *barracão* está coberto de folhas verdes, parecendo um belo tapete natural que exala um forte e perfumado cheiro de mato.

Os visitantes e convidados estão acomodados nas cadeiras de plástico esperando o início da *feira*. As autoridades afro-religiosa estão sentadas em cadeiras forradas por tecidos vistosos e coloridos. Os *ogãs* estão posicionados nos *atabaques* e começam a executar os primeiros sons da noite. Seu Luiz entra no *barracão* com um *defumador* na mão e vai *incensando* todos os espaços do *terreiro*. Começo a ouvir o chacoalhado do *adjá* de três *bocas*, e as vozes do *Pai* e dos *filhos* de *santo* que entram no *barracão entoando*,

Bate a cabeça filhos de Umbanda  
 Bate a cabeça filhos de fé  
 Pra você que é filho de pemba  
 Pra você que é filho de fé  
 Vamos, bate a sua cabeça  
 E peça a Deus o que quiser

O *ponto* acima indica a abertura dos *trabalhos* da *casa*. O *Pai de santo* atravessa o *barracão* chacoalhando o *adjá*, e como o *cântico* sugeriu, ele vai até a porta de entrada do

*barracão* e *bate* levemente a cabeça no batente da porta; em seguida toca com a mão direita na *quartinha* que está no meio do salão e a leva à cabeça. Enfileirados, todos que estão participando da *gira* fazem o mesmo. Após essa ação, o *Pai de santo entoa* os *pontos* para *chamar os caboclos*.

Liga as correntes vamos trabalhar  
Para vê a força que o banzeiro dá  
Balance o mar meu Pai balance o mar  
Para vê a força que a maresia dá

O *Pai de santo* e os *filhos* formam um círculo, e vão girando em sentido anti-horário dançando e cantando. Os *ogãs* tocam os tambores em ritmo acelerado que parece contagiar ainda mais os dançantes. Os gritos de saudações vão surgindo como, “Ê Cabocô!” Outro ponto é *entoadado*.

Atravessei o mar a nado  
Em cima de dois barris  
Foi só pra ver a juremeira  
E os Caboclos do Brasil  
Mata virgem, mata real  
Ê, ê, ê mata real...

As saudações vão se intensificando: “Ê Cabocô! Ê Cabocô! Ê Cabocô!” O som dos *atabaques* contagia os religiosos e a todos nós que estamos na audiência. Mais uma sequência de *pontos* é cantada para *chamar os caboclos*.

Mamãezinha eu caio eu caio, eu caio no meio do mar  
Dai-me força na corrente o mamãezinha  
Pra vencer guerra no mar...

Foi céu e mar, o povo do mar balanceia  
Foi céu e mar, o povo do mar balanceia...  
É dá maré, é da maré, é dá maré  
Ô Vai Chamar o caboquinho da maré...

Após esses *pontos*, o *Pai de santo* parou de chacoalhar o *adjá* e o entregou nas mãos da dona Cleide dizendo, “a Senhora pega o *adjá* e dá continuidade no chacoalhado”. Ele agora com as mãos livres começa a dançar mais concentrado, seus movimentos corporais são cadenciados ao ritmo dos *atabaques*. Os *ogãs* cantam com mais intensidade.

É todo dia! É toda hora!  
Quando eu te chamo Meu Cabocô  
É hora! É hora!

*Pai* Edivanei continua na *gira*, mas agora seus movimentos estão ficando mais lentos, e seu andar é cambaleado. Os *filhos* gritam intensamente “Ê Cabocô! Ê Cabocô!” Todos no *barracão* batem palmas ao ritmo dos *atabaques*. O *Pai de Santo* para de dançar por alguns instantes e começa a tirar as *guias* do pescoço entregando-as a dona Cleide. A *gira* continua. Os *filhos* de *santo* vão *baiando* em círculos. Mais gritos entusiasmados ecoam, “Ê Cabocô! Ê Cabocô!” Outro *toque* é *puxado* pelos *ogãs*.

Tumba ê ê ê, cabocô. Tumba lá e cá  
Tumba ê ê ê, guerreiro. Tumba Lá e Cá  
Tumba ê é ê, cabocô. Tumba lá e cá  
Não me deixe só...

*Pai* Edivanei silencia, mas os *filhos* continuam batendo palmas e dando continuidade aos cânticos. “Ê Cabocô! Ê Cabocô!” Os *filhos* vão simultaneamente gritando. O *Pai de santo* vai para o centro da *gira* cambaleando. Ele abre os braços, parece estar procurando algo para se apoiar. As palmas e gritos dos *filhos* vão crescendo, os *ogãs* intensificam as batidas dos *atabaques*. *Pai* Edivanei aparenta não ter mais controle sobre o seu corpo, mostra sinais de tonturas. Ele passa a mão pela cabeça tirando o *ojá*. Seu corpo todo visivelmente treme, ele começa a dar gritos como se estivesse recebendo algo muito forte em seu corpo. Suas mãos vão aos joelhos, e o seu corpo se curva; fica nessa posição por alguns segundos. Em seguida, ele ergue a cabeça e volta para a *gira*, mas agora dança alegremente e sua postura corporal não demonstra mais desequilíbrio. Com a mão na cintura e sorrindo bastante, ele dá rodopios pelo salão, ginga o corpo em um bailado que parece agradar aos olhos dos convidados, pois todos batem palmas para a sua dança. Outros *filhos de Santo* também começam a cambalear. Parece que eles começaram a *receber* suas *entidades*. Saudações de “Ê Cabocô!” Vai se repetindo para cada *filho* que passa pelo mesmo processo de *incorporação*. Os *ogãs* pararam de tocar e a *entidade* que agora *desceu* no *Pai* se apresenta para todos:

Salve o senhor Jesus cristo!  
Todos repetem: Salve!  
Entidade: Salve todos os cabocôs!  
Todos: Salve!  
Entidade: Salve essa gira!  
Todos: Salve!

Em seguida os *ogãs* puxam o toque:

Chegou Mãe Mariana!  
É Ela a flor do dia!  
Mas, é Ela a pororoca!  
A donzela da Turquia!

Está claro que a anfitriã da *feita* chegou, a *Cabocla Mariana*. Falante e sorridente cumprimenta a todos com beijos e abraços. Os convidados e as autoridades afro-religiosas a cortejam e lhe dão presentes. A *Cabocla* fala, “meus queridos fiquem a vontade eu vou só trocar de vestimenta e já volto pra gente brincar”. Ela sai do *barracão* e os *ogãs* voltam a tocar para os *caboclos* que estão *baixando* no *barracão*. As palmas e saudações de “Ê Cabocô!”, voltam a soar no salão.

Nessa *feita*, os *caboclos* que consigo identificar são: A *Cabocla Jarina*, *Dona Maria Légua*, *Cabocla Jurema*, *Seu José Tupinambá*, *Seu Sultão*, *Seu Marinheiro*, *Dona Maria Mineira* e *Seu Zé Mineiro* e a *Cabocla Erundina*. Conforme as *entidades* vão se *assentando* nos seus *filhos*, os *ogãs* tocam *pontos* específicos para cada uma delas. Os *caboclos* cumprimentam todos os presentes e em seguida saem do *barracão* para também trocarem de roupa.

Enquanto a *Cabocla Mariana* e as outras *Entidades* estão colocando as *vestimentas*, dona Cleide entra no *barracão* com uma bandeja de *água doce* (refrigerante) e vai oferecendo a bebida para todos os presentes. Nesse intervalo, os *ogãs* aproveitam também para tomar água e descansar um pouco os braços. Passam-se alguns minutos, os tocadores voltam a se posicionar nos *atabaques* e as pessoas começam a voltar aos seus lugares. A *Cabocla Mariana* novamente entra no *barracão*. Ela está vestida com a roupa que foi cuidadosamente confeccionada por seu Augusto e dona Cleide. Todos os detalhes do vestido estão mais nítidos no corpo da *Cabocla*. A roupa ganhou destaque com a presença dos acessórios que a *entidade* está usando, como brincos compridos em formato de âncoras, braceletes e anéis dourados e um colar de pedras de cor cobre. Para fechar a composição da *vestimenta*, a *entidade* tem em suas mãos um leque que combina com as tonalidades do vestido. O tecido e as cores da roupa da *Cabocla* estão harmoniosamente combinando com a decoração da *feita*. Os outros *caboclos* também já estão com as suas vestes adequadas à ocasião. Eles seguem a anfitriã da *casa*, formando uma nova *gira*. Os *ogãs* puxam um *ponto* especial para a *Cabocla Mariana* voltar a dançar,

Lá fora tem dois navios  
 No meio tem dois faróis  
 É a esquadra da marinha  
 Brasileira Mariana lá na praia do Lençol

Os *ogãs* seguem tocando para a *Cabocla*:

No rio Negro  
 Os mururés  
 Viraram flores  
 Na mata virgem  
 O rouxinol cantou  
 É ela a Cabocla Mariana  
 A bela turca  
 Que aqui raiou...

A *Cabocla baia* pelo salão ao ritmo dos *atabaques* executando uma coreografia alegre com muitos gingados e rodopios. Em alguns momentos, a *princesa turca* levanta os braços e logo em seguida curva o corpo fazendo reverências aos outros *caboclos* que a estão acompanhando no bailado. Como uma *princesa* carismática e com a fama de boa anfitriã, a *Cabocla Mariana* cumprimenta todos os visitantes e convidados que estão prestigiando sua *festa*.

Depois de conversa com algumas pessoas, *Mãe Mariana* vem em minha direção e inicia um diálogo: “Seu Andison! Como vai o senhor?”, eu respondo que estou bem e gostando bastante da *festa*, em seguida digo que a roupa que ela está usando ficou muito bonita. “Agradicida! A festa tá linda, mas essa vestimenta eu não gostei!”, comentou a *Cabocla*. Eu pergunto por que ela não tinha gostado do vestido, já que todos estavam achando que a roupa tinha ficado muito bonita. “Olha meu filho, não sei o que deu no Edivanei, ele só pode tá lé-lé da cuca pra ele mandar fazer essa vestimenta, eu estou praticamente nua, olha só isso aqui? Os braços todo do lado de fora! É a primeira vez que ele me veste assim. Não gostei!”.

Eu comento que *ela* está muito bonita, e que o vestido era de princesa. *Ela* riu, e logo em seguida me convidou para acompanhá-la ao seu *altar*.

Em frente ao altar, a *Cabocla* me pede para ser fotografada e mais uma conversa se inicia: “Seu Andison, o Edivanei tem conversado com o senhor das iscoisas do seu estudo?” Eu respondo que sim, e que o *Pai* Edivanei tem contribuído bastante com a pesquisa. “Pois é, até que seu Edivanei trabalha direitinho, apesar dele ter cabeça dura, mas até que ele aprendeu o que eu ensinei... Mas olha seu Andison, aqui [no altar] tá tudo o que faz parte da minha

linha e da minha doutrina. O *Otá* dos cabocôs da mata, os assentamentos e a minha *Ibá*. Mas depois tu fala com seu Edivanei que ele te fala melhor”.

Nossa conversa é interrompida com a chegada do *Caboclo Seu marinheiro* que se aproxima de nós e fala, “dá licença Dona Senhora cantadeira”. *Cabocla Mariana* responde: “Ô! Seu Marinheiro. Esteja à vontade”. Seu Marinheiro prossegue, “me de uma permissão pra prosear pra senhora e pro seu altar, que tá bonito!”, “pois fale”, responde a *Cabocla*. Então, *Seu Marinheiro* começa a declamar alguns versos:

Avisa que o céu clareou  
Minha Caboca ilumina  
Ilumina este congá  
Ela é a beleza que contagia  
Você irradia paz, amor e alegria  
De longe eu vi sua bandeira  
Tu eis a minha estrela vespertina  
Sempre brilhante na lua cheia

Após escutar a poesia, a *Cabocla Mariana* dá uma escandalosa gargalhada, em seguida *ela* abraça o *Seu Marinheiro* e agradece os versos declamados. Dona Cleide se aproxima de nós e pede a permissão da anfitriã da *festa* para servir o jantar. A *Cabocla* então responde que o *babuje* (comida) já pode ser servido.

Do lado de fora do *barracão*, as pessoas estão nas mesas esperando o jantar ser servido. Dona Cleide, com a ajuda de outras *filhas de santo* termina de arrumar a mesa com os últimos pratos e anuncia: “O jantar está servido!”

As pessoas formam fila e vão se servindo das iguarias expostas na enorme mesa. No banquete está servido o vatapá, carne de coelho, frango guisado, costeleta de carne bovina, arroz branco e farofa, além da iguaria mais apreciada, *maniçoba*. A *Cabocla Mariana* vai de mesa em mesa perguntado aos convidados se estão bem servidos e se estão gostando do cardápio.

Com extrema elegância, a *Cabocla Mariana* caminha pelo *terreiro* com uma taça de *pumosa* na mão; volta e meia solta uma gargalhada, conversa e conta piadas para os convidados. Alguns *Caboclos* também caminham pelo *terreiro*, *eles* aproveitam a oportunidade para conversar e tirar brincadeiras com as pessoas. Outros *caboclos* continuam no *barracão* cantado e *baiando*, os *ogãs* para conter o cansaço vão se revezando nos *toques* dos *atabaques*.

No meu relógio já está marcando duas horas da manhã. Terminei de jantar e começo a me organizar para ir embora. Dona Cleide vem em minha direção e me oferece uma

*pumosa*, ela me fala que foi a *Cabocla Mariana* que mandou servir a bebida, eu agradeço e aceito a oferta, pois segundo os relatos das pessoas que conhecem a religião, quando uma *entidade* oferece algo a alguém é porque *viu* alguma *coisa* sobre esta pessoa. Então, na tentativa de limpar ou protegê-la de algum ‘perigo’ físico ou espiritual, a *entidade* oferece algo para afastar prováveis infortúnios.

Tomei toda a *pumosa* acreditando que depois disso já poderia sair. Levantei-me da mesa e comecei a me despedir das pessoas e de alguns *caboclos* com quem tenho mais afinidade. Caminho em direção à anfitriã da  *festa*, *ela* está sentada conversando com algumas autoridades afro-religiosas, aproximo-me e peço licença dizendo que já estou indo embora. A *entidade* me interrompe dizendo: “não senhor seu Andison! O senhor vai ficar mais um pouquinho, senta aí e toma mais uma *pumosa* comigo... Dona Cleide! Traz mais uma *pumosa* pro seu Andison”. Para não contrariar o pedido feito pela *cabocla*, eu sento ao seu lado e vou tomando a bebida.

A *Cabocla* retoma a conversa com as pessoas e eu permaneço em silêncio ao seu lado, apenas observando e escutando. No decorrer da conversa *ela* começa a fazer revelações para certas pessoas, dá conselhos e ensina remédios. Esse fato vai se repetindo em vários momentos ao longo da conversa. Após certo tempo, peço licença para a *Cabocla Mariana* para ir ao banheiro. *Ela* me libera, mas fala: “ainda não vai seu Andison!” Eu respondo, “vou não Mãe!” Ao sair do banheiro, eu não volto para a mesa onde está a *Cabocla*. *Ela* continua revelando assuntos particulares para aquelas pessoas que estão em sua mesa, e para não as deixa-las constrangidas com a minha presença no momento das revelações, resolvi voltar ao *barracão*.

No *barracão*, alguns *caboclos* já tinham *subido* e outros ainda estavam cantando para *subir*. Aproveito o momento para fazer mais algumas fotos do *altar da Cabocla Mariana*, mas só consigo fazer duas fotos, a bateria da máquina descarregou. Percebo que os visitantes e os convidados já estão indo embora também. Eu volto para o *barracão* e vejo a *Cabocla Jurema* cantando para *subir*. Gentilmente, *ela* começa a se despedir das poucas pessoas que ainda estão no salão. Os *ogãs* executam o *toque* de despedida e a *Cabocla Jurema* inicia o processo de *subida*. O corpo do *filho* da *entidade* começa a cambalear e a tremer por inteiro, uma *filha* de *santo* que não *incorpora*, faz a assistência e não deixa o seu Luiz cair no chão. A assistente chama pelo nome do seu Luiz e sopra nas mãos dele. Esse gesto parece ter a função de ‘trazer’ a pessoa ao estado de controle do seu próprio corpo. Ela fala, “Luiz! Luiz, tudo bem? Luiz?” Seu Luiz aparentando estar zozinho, abre os olhos e aos poucos vai retomando a consciência e o controle dos seus movimentos.



Eu olho mais uma vez para o meu relógio e pontualmente marca quatro horas da manhã, saio do *barracão*. No *terreiro*, as mesas antes lotadas pelos convidados estão praticamente vazias. Vejo dona Cleide organizando a cozinha e algumas *filhas de santo* lavando as louças. A *Cabocla Mariana* continua sentada conversando, mas agora está com *ela* poucas pessoas. Vou a sua direção para me despedir, fisicamente estou exausto. Aproximo-me da *Cabocla* e falo, “Mãe Mariana já estou indo”. *Ela* responde, “tá bom seu Andison, agora o senhor já pode ir, já passou o perigo...Mas o senhor gostou da nossa festinha?” Eu fico na dúvida se pergunto qual perigo *ela* se referia, mas como a mesma disse que o perigo já tinha passado, resolvo apenas responder, “Sim Mãe, Foi tudo muito bom!” Então *ela* se levanta e pede para eu acompanhá-la até o seu *altar* novamente e me fala: “Meu filho vá com Deus e Cristo, com toda a providência divina. Quero vê o senhor bem sucedido, bem lá em cima. Quando terminar a sua escola muita coisa boa vai acontecer. Um dia lá na frente eu vou falar para as pessoas, olha! Tá vendo esse menino, ele é meu orgulho, eu vou está orgulhosa e satisfeita, de eu ter feito parte da sua vitória”. Ao fim dessas palavras a *Cabocla Mariana* me deu um abraço, e eu demonstrando respeito e reverência lhe beijo as mãos. Em seguida, a *Cabocla* retornou para a mesa onde ainda estavam duas pessoas esperando por *ela* para conversar.

Na saída do *terreiro* eu encontro com o seu Luiz com um prato de comida na mão. Rapidamente falo com ele, “agora que deu para você jantar?”, Ele responde, “só agora mano! Só agora é que vai começar a minha festa...”.



Até aqui apresentei alguns poucos momentos dos *preparativos* que compuseram a  *festa da Cabocla Mariana*. Dei ênfase para os rituais aos quais fui permitido acompanhar, e tive acesso a algumas informações que fazem parte da ‘cartilha dos ensinamentos’ vivenciados por aqueles que fazem do *terreiro* um ‘chão’ fértil para produzir conhecimentos.

Para o terceiro e último capítulo, “Santarém: encantamentos e encantados”, sugiro o esboço do “mapa” do ‘ponto de vista’ de alguns antropólogos, historiadores, arqueólogos e artistas. Trata-se de pequenos recortes que de alguma forma, traçam caminhos para a compreensão da formação afro-religiosa na Amazônia em especial no Estado do Pará, dando destaque nesta ‘cartografia’ a cidade de Santarém.

Penso que da mesma forma quando descrevi no início do segundo capítulo sobre o mito que conta a história da criação do Tambor Mina na Amazônia e a chegada das *princesas*

*encantadas* na região, que fosse entendido não apenas como uma “carta constitucional da sociedade nativa” (Malinowski: 1993), mas também, no sentido de “mapa”. Assim, sugiro para este terceiro capítulo que, seja entendido também como um “mapa”.

Sobre esses dois modelos ‘cartográficos’, a do Pai Edivanei e as dos acadêmicos, já frisei outras vezes no decorrer deste estudo, que não são tratados aqui em nível de comparações. O que me interessa neles são os possíveis direcionamentos que apontam para a reconstrução de um momento: são conhecimentos que antes de tudo, implicam formas de apreensão e construção de realidades em perspectivas distintas e, por isso, têm diferentes situações de aplicabilidade. Sobre essas duas formas de conhecimento, me fez pensar algo que também vai necessitar de aprofundamentos futuros, sobre os sentidos de aplicabilidades desses “mapas”. Para pensar sobre esses sentidos, Frederico Fernandes (2007) aponta que,

A diferença principal entre o contador de histórias e o narrador está no fato de que o primeiro é um ator, que tem por objetivo principal a interpretação; o segundo é um membro da comunidade narrativa que está compartilhando experiências. Para o narrador, a potencialidade de materialização do texto é menos significativa do que a mensagem que ele visa comunicar. [...] A voz do narrador é dupla: ruído e discurso (idem: 2007: 329).

Ao refletir a definição dada por Fernandes (2007), é sugestivo pensar que o *Pai Edivanei* não é um contador de histórias, mas talvez um narrador, pelo fato dele através da narrativa estar relatando algo vivido por ele (*filho de santo* e *cavalo* da *Cabocla Mariana*). Nesse caso, a aplicabilidade da narrativa é real, “um acontecimento distante do presente, mas que as peças desse tempo remoto se juntam e reconstroem um tempo através da memória e traduzem histórias de vida” (Carvalho: 2012: 19).

Ressalto que não estou colocando o “mapa” desenhado do ‘ponto de vista’ acadêmico, no lugar de “contadores de histórias”, mas sugiro que os dois mapas podem ser compreendidos pelo que José Guilherme Fernandes chama de “etnosaberes” (2016:57): “são conhecimentos que apresentam pontos de contatos em sim [ambos tratam da história da Formação do Tambor de Mina na Amazônia] fornecendo comunicações e aprendizagens as pessoas e grupos, sem necessariamente haver a fusão, ou hibridização, entre as práticas e os saberes postos”.

Entende-se que os “mapas”, vistos pelo viés de “etnosaberes”, pressupõem em diferentes formas de agir sobre o mundo, pautadas em diferentes formas de pensar, mas que podem ter pontos de contato, e a sua aplicabilidade vai variar de modo mais amplo frente a multifacetada necessidades e ações dos humanos e de outros *seres* (Fernandes: 2016). Para tal,

seria interessante pensar esses conhecimentos como analisou Fichte (1987: 35) em sua “etnopoesia”,

Forma.

Informação formal

Homero refletiu sobre como transmitiria verbalmente as entranhas dilaceradas na carnificina de Tróia;

Euclides da Cunha, a matança dos fanáticos brasileiros.

Por que as ciências do Homem devem se descuidar justamente daquilo que, sem levar em conta a capacidade de fazer fogo, diferencia o homem dos animais: o enunciado em forma poética?

A forma verbal também é informação positiva, e que informação me é transmitida pela linguagem das ciências positivas, em muitos casos?

Mofo, mentalidade estreita, empáfia e amenidades!

Desvendar poeticamente, é o que quero dizer, não vedar poeticamente.

Os haicais geralmente têm mais a dizer sobre uma sociedade, que três grossos volumes de ficheiros remexidos.

Ritmo.

E, por fim, seria proveitoso se todos os pesquisadores que tivessem flertado ou flertassem com ideias [...] que não escamoteassem esse flerte – subtraindo, tristeza, remorso, erro – e, sim empregassem sua força em uma análise minuciosa desse flerte.

É “flertando”, que o terceiro capítulo se expõe. Sendo a seção “3.1 Um pouco do lugar...”, onde apresento alguns recortes de trabalhos e pesquisas de alguns historiadores, antropólogos e artistas, filhos do lugar, e outros pesquisadores, arqueólogos, não ‘nativos’, mas que atuam na região. Eu os cito como anfitriões para apresentar a cidade de Santarém.

A seção “3.2 Um pouco dos *caboclos* e *encantados* no Pará...”, componho um mosaico de informações que resumem de forma muito rápida, a formação do Tambor de Mina na Amazônia, em especial no Pará. E para finalizar o terceiro capítulo, a seção “3.3 E as águas de Santarém?”, apresento algumas possibilidades da possível história que descreve a ‘gênese’ que explica a presença afro-religiosa na região.

Como se verá, trata-se de informações iniciais, mas não deixam de ser um “mapa”, ou parte de “etnosaberes”, que sinalizam caminhos outros nesta “cartografia”. É como sempre diz a *Cabocla Mariana*, “meu filho, se eu fosse falar tudo que sei, não ia ter pipel no mundo que desse conta pra escrever...” Nesse caso, descrevo só um pouco.

### CAPÍTULO 3.

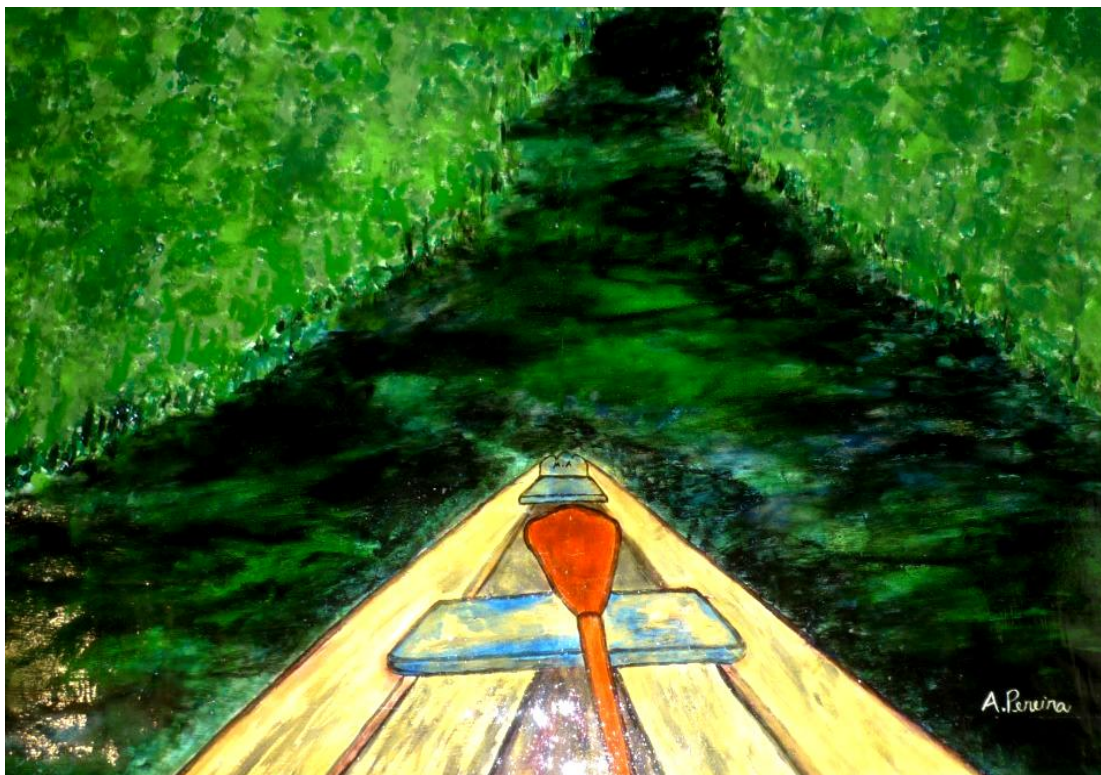
#### SANTARÉM: ENCANTAMENTOS E ENCANTADOS

*Esse rio é minha rua,  
Minha e tua mururé.  
Piso no peito da lua,  
Deito no chão da maré.*  
(Composição: Paulo Andre e Ruy Barata)

*Antes que matem os rios,  
E as matas por onde andei,  
Dos muitos chãos que pisei,  
Deixa que eu cante afinal,  
As coisas que tanto amei.*  
(Composição: Paulo Andre e Ruy Barata)

*Sou Cabocla, isso eu não nego pra ninguém  
Meu traço forte, vem do Norte, eu sou de Santarém!  
Sou Cabocla parida no Tapajós  
Danço lundu, o síria, mas o meu carimbó...  
Isso é pai d'égua maninha!  
(composição: Cristina Caetano)*

*Ela brilha aos olhos de Tupã,  
Bela no inferno verde, qual no céu, Luã  
Pérola encantada do poeta, namorada  
Santarém, tens o meu afeto, meu afã.  
(composição: Maria Lídia).*



Desenho 10: Quadro que pintei em 2010 após ter realizado meu primeiro passeio pelo lago verde, Santarém.  
Fonte: Autor (2010).

### 3.1 UM POUCO DO LUGAR...

*Conta uma antiga lenda que havia na Lusitânia uma cidade chamada Nabância, onde viviam dois nobres godos, Ermígio e Eugênia, pais da formosa Irene, que fora destinada à vida religiosa. Certo dia, Teobaldo, nobre fidalgo, viu-a e ficou perdidamente apaixonado. Pediu-a em casamento, mas não foi correspondido. Cegado pelo amor, decidiu raptá-la, mas foi novamente rejeitado. Enraivado, Teobaldo degolou-a e lançou seu corpo ao rio Tejo, indo dar à praia em frente à cidade de Escalabis. Ali, anjos recolheram o corpo da Irene e lhe construíram magnífico túmulo. A notícia espalhou-se, e de toda parte surgia gente para venerar o túmulo da virgem mártir. Mais tarde, a cidade de Escalabis teve seu nome mudado para Santa Irene, que os portugueses pronunciavam Sant'Irene, corrompendo-se facilmente para Santarém. E foi daí que Mendonça Furtado tirou o nome para a nossa Santarém, como uma homenagem dos portugueses que fundaram a vila à cidade lusitana do mesmo nome. Nome este, dado à aldeia dos Tapajós quando esta foi elevada à categoria de vila em 14 de março de 1758<sup>18</sup>.*

Santarém é um município brasileiro do Estado do Pará, a *Pérola do Tapajós*, como ficou poética e musicalmente conhecida na região. Com uma população de pouco mais de 294.580 habitantes<sup>19</sup>, a cidade está situada na microrregião do médio Amazonas, na confluência dos rios Amazonas e Tapajós. Dista 1.369 km da capital do Estado. Saindo de avião do aeroporto de Belém, leva em torno de uma hora de voo até seu destino, mas saindo de barco, dependendo do fluxo das águas e correnteza dos rios, a viagem pode alcançar de dois a três dias.

Nadando rapidamente nas leituras histórica, arqueológica, antropológica, poética e musical sobre a região, posso dizer muito resumidamente, que a cidade de Santarém se assenta sobre um sítio arqueológico que era habitado, até o século XVII, por grupos indígenas conhecidos como “tapajó” (Schaan: 2012; Nevez: 2015), nome que batiza o rio – Tapajós – que banha a cidade, fonte de inspiração para Paulo André e Rui Barata cantarem “esse rio é minha rua”.

Foi navegando por essa ‘rua’, por volta de 1626, que o capitão Pedro Texeira se tornaria o primeiro europeu a entrar em contato com os *Tapajó*, descrevendo-os como valentes e bravos guerreiros (Fonseca: 1996; Amorim: 1999). Esses primeiros escritos referentes aos *Tapajó* e outros moradores das margens dos rios da região são informados por

<sup>18</sup> Site da Prefeitura de Santarém. Disponível em: <<http://www.santarem.pa.gov.br/conteudo/?item=115&fa=60>>. Acesso em: 02 ago. 2016.

<sup>19</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (IBGE). Disponível em: <<http://ibge.gov.br/cidadesat/painel/populacao.php?lang=&codmun=150680&search=para|santarem|infograficos:-evolucao-populacional-e-piramide-etaria>>. Acesso em: 02 ago. 2016.

viajantes missionários – Carvajal (1542), Rojas (1640), Acuña (1641) – encarregados por gerar notícias aos reinos luso e espanhol (Schaan, 2008; Neves, 2006; Gomes, 2002).

Nimuendaju (1949), debruçando-se sobre esses primeiros textos, visto como pioneiro por mapear a produção cultural e o modo de vida dos *Tapajó* (Gomes, 2002; Neves 2006), informa que os *Tapajó* ocupavam uma grande área chefiada por um líder de origem divina com poderes superior aos outros chefes locais, tendo a sua disposição mais de sessenta mil guerreiros temidos, que usavam flechas venenosas e com a fama de colecionarem os crânios dos inimigos (Vaz filho: 2010). Nesse cacicado, “fazia parte de sua religião a existência de sacerdotes especializados, que cuidavam das cerimônias aos ancestrais mumificados e acondicionados em estruturas especiais” (idem: 2010: 60). Com a conquista Lusa sobre essas terras, em 1661 chega para evangelizar à aldeia o padre João Felipe Bettendorf, com a incumbência de erguer na foz do rio um vilarejo e um colégio da Companhia de Jesus, missão essa ordenada pelo Padre Antônio Vieira (Schaan: 2008; Vaz Filho: 2010; Fonseca: 1996; Amorim: 1999).

O século XVI testemunhou a variedade e quantidade de populações que viviam ao longo dos rios na Amazônia, mas como cantou Paulo André e Rui Barata, “Antes que matem os rios, deixa que eu cante afinal”.

Após a chegada dos exploradores europeus “estima-se que a dizimação das populações da várzea variou entre 50 e 95% só no primeiro século do contato” e as de terra firme meados do século XVIII sofreu um genocídio não inferior, reduzindo ao extremo essa população (Vaz Filho: 2010: 60). Em 1754, cria-se oficialmente a vila de Santarém, no entanto, torna-se cidade somente em 1848 (Fonseca: 1996; Amorim: 1999). Como cidade, Santarém completava 20 anos de existência em 1868, e contava com 1.761 habitantes, sendo, destes, 422 escravos negros (Schaan: 2008; Vaz Filho: 2010). A cidade passa a atuar como um importante entreposto comercial, escoando produtos produzidos por índios, escravos e fazendeiros que habitavam nas redondezas.

Já “nos últimos anos do reinado de D. João V, o Pará foi assolado por uma violenta epidemia de varíola que devorou mais de 40.000 pessoas, a grande maioria das quais índios” (Azevedo e Silva: 2002: 13). A epidemia afetou diretamente a mão-de-obra e com isso todo o sistema produtivo e demográfico do processo colonizador. Com o intuito de revitalizar o sistema, o gabinete do império lançou três medidas, o recrutamento de colonos, o descimento de índios do sertão para as povoações ribeirinhas e a introdução de escravos africanos (idem:

2002). Até meados de 1774, a população da capitania Pará chegou a ser formada por 23.544 brancos, 19.034 índios aldeados e 11.886 escravos negros<sup>20</sup>.

“Longe de mostrar exaustivamente a história do baixo rio Tapajós, aqui quero destacar que a reorganização étnica e identitária é um processo de longa duração, que se acelerou a partir do século XVII, com o estabelecimento da colonização lusa na região” (Vaz Filho: 2010: 57). “A crônica de viagem de Orellana (1540 – 1542), redigida em forma de diário pelo padre Gaspar de Carvajal, nos dá as primeiras notícias sobre as populações indígenas que habitavam essa região” (Robazzini: 2013: 63). Os colonizadores, que se basearam nas escritas desses primeiros, ficaram mais encantados e cobiçados pelas histórias do “El Dorado” e do “País da Canela” com suas riquezas perdidas no coração da floresta. Mas, frustrados por não encontrarem os cobiçados tesouros, seus seguidores promoveram um novo e longo processo de tomada e ocupação dessas terras, modificando as antigas estruturas relacionais e impondo outros mecanismos de produção e exploração de riqueza, e não por menos, ocasionando uma profunda intervenção étnica, identitária e cultural que ficou de herança dessa relação.

Dando um salto brusco aos anos sobre a história da região, partindo da criação a extinção dos Diretórios<sup>21</sup>, temos em 1798, a coroa portuguesa concedendo “legalmente”, a escravização por partes dos colonos, aos índios considerados “hostis” (Oliveira: 1983). Como reação contrária a essas medidas, o que restava para o índio era fugir, muitos “abandonaram as vilas e se embrenharam novamente nas matas. Mas, recapturados, eram ainda mais castigados e obrigados a trabalhar com argolas nos tornozelos presos a uma corrente de ferro” (Vaz Filho: 2010: 67), mesmo tratamento dado aos escravos negros. Destaca-se, “nesse momento, é que teria surgido um incipiente contingente de camponeses *caboclos*, ou simplesmente os indígenas desaculturados” (idem: 2010: 67), que ao somarem seus sofrimentos com os dos escravos negros e dos colonos locais – comerciantes filhos de portugueses nascidos nas novas terras, dos quais muitos desses foram frutos do encontro do colonizador com as mulheres ‘nativas’ – descontentes com as práticas do governo não bem sucedidas pela administração da época, ocasionaria em uma grande revolta por partes destes

<sup>20</sup> Arquivo Histórico Ultra Marino (A.H.U.) Pará, 14 de Fevereiro de 1774.

<sup>21</sup> mais conhecido como Diretório dos Índios, reuniu os vários dispositivos legais pombalinos em uma única política para os indígenas instituído por Mendonça Furtado em maio de 1757, e acarretou, a propósito de transformar os indígenas em homens livres, e cidadãos de pleno direito, profundas mudanças nas suas vidas. De fato, — O índio, para além de ser um homem livre, devia ser *fundamentalmente*, um vassalo do soberano português (DOMINGUES: 2000: 38, destaque no original). O Diretório interveio para submeter os indígenas aos interesses da colônia, e muitos diretores maltrataram e abusaram dos indígenas; pela lei, os indígenas eram menores, incapazes, não podiam circular com liberdade e nem decidir o lugar de sua moradia (VAZ FILHO: 2010).

que culminou com a Guerra da Cabanagem (1835-1840) (Barbosa: 2004; Vaz Filho: 2010; Raiol: 1970; Ricci, 2003; Rocque: 1985; Salles: 1992).

A guerra que explodiu em Belém, em 1835, deixou mais de 30 mil mortos, entre “mestiços”, índios e africanos e uma quantidade de brancos da elite da Amazônia (Salles: 1992; Ricci: 2003). O levante *cabano* avançou pelos rios da região, alcançando partes mais longínquas, gerando um importante elo comunicacional com outros povos e culturas, também insatisfeitas com os desmandes praticados pelo governo regente (Rocque: 1985; Raiol: 1970). “No rio Tapajós, os *cabanos* lutaram e resistiram por muito tempo. As ruínas de Cuipiranga, em frente de Santarém, e as *trincheiras* de Pinhel são testemunhos eloquentes disso” (Vaz Filho: 2010: 68).

Acelerando mais um pouco a *nadada* pelas páginas das histórias, outro momento vai se fazer presente nas matas e cidades da região. São as marcas que ficaram registradas nas árvores de seringueira feita pelas escarificações para extrair sua seiva, como também a presença da mais diversificação étnica e cultural com o encontro com outros povos, principalmente nordestinos atraídos pela promessa de enriquecimento rápido, deixavam suas origens na busca desse novo ‘El Dorado’, que ficou conhecido por *era da Borracha*.

Até a década de 1880, “o Baixo Amazonas, e mais especificamente o vale do Tapajós, foi a principal zona de extração de borracha, e Santarém era o importante centro que comandava o comércio e o financiamento dessa exploração” (idem: 2010: 70).

No limite dessa relação, os poucos indígenas que sobreviveram essas violentas transformações, ainda se conseguiu conservar ou recriar algumas crenças e práticas tribais adaptadas a nova realidade, como “a crença nos *encantados* e *pajés*” e no trabalho coletivo, “como a pesca e extrativismo florestal” (idem: 2010: 72) características e traços físicos e culturais que por muitos estudiosos formam a noção do “caboclo” (idem: 2010). Todo esse longo período marcado por diferentes processos relacionais, essencializou e reificou os vários processos para a construção de identidade e reivindicações de diferenças culturais, pela qual Florêncio Vaz Filho, indígena, antropólogo e nativo, como o próprio se apresenta, vem produzindo pesquisas e ações em prol das populações autodeclaradas indígenas da região.

“Ela brilha graciosa aos olhos de Tupã, bela no inferno verde, qual céu, Luã”, ao canto de Maria Lídia, minha intenção nesta breve e resumida apresentação, foi sugerir os “mapas” que se criou para falar sobre os povos da floresta. Assim, como também posso dizer das práticas religiosas vivenciadas na região, que são múltiplas. Os *mitos* e *encantados* advindos das histórias indígenas se encontram e agregam-se aos *outros encantados* do *panteão* presentes nas religiões afro, manifestadas nos *terreiros* da cidade. É nesse espaço que



os *encantados*, *entidades*, e *orixás* se encontram, e lá se chamam de *Cabocô*. “Estes são *encantados*, não espíritos mortos, nem tão pouco são todos índios”. (Vergolino e Silva: 2003: 22), acrescento mais, são *ajuremados*.

E assim, podemos assinalar no contexto afro-religioso que “também as entidades migram, são incorporadas a diferentes denominações, sofrem mudanças, enriquecendo-se a cada momento com o complexo quadro da diversidade cultural” (Prandi: 2000: 7), e mais ainda, “espalham-se por diferentes regiões, levados por ondas migratórias, fundem-se em outros cultos” (idem: 2000: 7), criam e desfazem laços, e não menos importante, constituem autonomia mítica e ritual nos espaços que ocupam. Assim, para efeito destes outros sentidos, destaco a descrição sobre a cidade de Santarém nas palavras do *Ogã* Zenildo de Xangô.

Eu costumo dizer que Santarém é uma cidade abençoada pelos orixás. Nós estamos na casa de Ossaim, no berço da floresta, que é o pai da medicina. Nós estamos na casa de Oxóssi, que é o Deus da Caça, o Orixá da fartura. Tem dois rios maravilhosos banhando Santarém [rio Tapajós e Amazonas] que são casas de Oxum. E dizem que Santarém é uma pérola, e pérola se encontra no mar, a casa de Iemanjá. Então nós estamos totalmente ligados aos nossos orixás. Santarém é conhecida como a Cidade que tem muito ouro, que tem muita riqueza, e ouro é um elemento de Oxum. Temos pedreiras aqui perto, a casa de Xangô, meu Pai! Então não há o que se discutir. Santarém é uma cidade religiosamente abençoada [...]. E estradas e mais estradas, que é a casa de Exu, caminhos de Ogum. É uma Cidade abençoada! (Anastácio; Moreira: 2014: 25).

O *Pai de santo* Edivanei de Oyá reitera falando que, “Santarém além de morada dos Orixás é também casa dos *encantados*, dos *cabocôs*, dos *tuxauas*, da minha *Mãe Mariana*, que veio das águas e que reina nos nossos rios e igarapés. Terra dos *ajuremados*, que antes de tudo, aqui já estavam” (Pereira: 2014a: 12).

“Sou cabocla, isso eu não nego pra ninguém. Meu traço forte, vem do Norte, eu sou de Santarém...”, dançando o carimbó da Cristina Caetano, passo agora acompanhar os tambores do *Cabocô* do universo afro-religioso do Pará, descritas ou ‘tocadas’ por alguns pesquisadores paraenses.

### 3.2 UM POUCO DOS CABOCLOS E ENCANTADOS NO PARÁ...

*Tem uma música minha filha, viu querida? Que eu fui cantar no Black to Black no Rio de Janeiro né, lá na Leopoldina, coisa de negro né. Quando eu cheguei, eu disse “vou levar essa música e vou criar uma polemica”, então eu fiz a música, fiz e fui. Então eu canto assim, eu chego de maraca, com todas as fitas do sairé que me presentearam com ramos e flores lá em Santarém. Então as fitas do sairé eu coloquei nas maracas, quando eu cheguei, toda charmosa, já que lá era mais chique né. Aí eu cheguei chacoalhando as maracas e comecei: “que batuque é esse? Que batuque forte! (aí o tambor fez pá! pa, pa,pa...) É tambor de índio, é tambor de negro é tambor do Norte. Tem borocôoo (dos negros né), tem reza forte (do índio), e se o tambor virou, virou, virou... é mina nagô (batuque de macumba né)”. Ai eu comecei a bater palma e o público respondeu com palmas também. Continuei cantando, “negro trouxe o batuque, os orixás e o borocô, negro não trouxe o tambor, negro não trouxe tambor... e no tambor do índio o negro tocou, no tambor do índio o negro tocou... o negro se misturou com nosso teretetê e nossos versos caboclo, virou carimbó e bangoê<sup>22</sup>.*

“Falar em campo religioso no estado do Pará é referir-se, indubitavelmente, a uma grande variedade de religiões de diversas matrizes” (Campelo; Luca: 2007:1), e “não se pode escrever sobre as religiões de matriz africana no Pará sem mencionar a forma de culto tradicional que adentrou neste território em momento histórico específico: a *Mina*” (Luca: 2014:158), originário do Estado do Maranhão que por lá chegou por volta do século XIX, como bagagem cultural que veio junto com os negros escravizados no Brasil colonial (Ferretti: 1987; Ferretti: 1985). O termo “*mina* deriva do Forte de São Jorge da Mina, atual República de Gana, um dos antigos empórios portugueses de escravos na África Ocidental” (Ferretti: 1985: 10). “No Estado do Maranhão estes negros fundaram duas *casas mater*: a Casa das Minas – de tradição *Jêje* – e a Casa de Nagô – com influência da tradição *Nagô*” (Luca: 2014: 158). Em terras maranhenses, “o tambor de mina é uma religião como as outras. O que é típico da *mina* são os *voduns*, que se manifestam para tratar de problemas das pessoas como doenças e dificuldades da vida” (Ferretti: 1985: 11).

No Pará, estudos apontam que do Maranhão, religiosos do Tambor de Mina “migraram para Belém, em duas etapas; a primeira composta pelos religiosos maranhenses migrantes da economia da borracha e a segunda constituída por paraenses que foram para o Maranhão buscar iniciação durante a década de 70 e 80 do século XX” (Campelo; Luca: 2007: 5). “Das lideranças religiosas que chegaram ao Pará, algumas já eram feitas no santo, como Chico légua, iniciado no Maranhão por Mãe Maximiana, praticante da linha do Codó”

<sup>22</sup> Dona Onete, cantora e compositora paraense. Entrevista concedida ao Programa de televisão “Nova Amazônia/TV BRASIL”, 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mDfG12ouhRc>>. Acesso: 07 ago. 2016.

(Ferretti: 2001: 66). “Podemos dizer, no entanto, que a história paraense não é tão clara quanto à maranhense; nem as *pedras da memória* dos religiosos estão tão bem conservadas” (Luca; Campelo: 2007: 5). “Até por que, ainda no século XIX, existiam em São Luís, além das Casas das Minas e de Nagô, outras casas notórias” (Ferretti: 2001:30), dessas, outras duas casas se podem traçar uma vinculação religiosa entre o Maranhão e o Pará, o Terreiro da Turquia, fundada em 1889 por Anastácia dos Santos, natural de Codó; e o Terreiro do Egito, datado de 1864, originalmente um quilombo, e fundado pela africana Basília Sofia (Ferretti: 2001).

Do Terreiro da Turquia, nasce em Belém, meados do século XX, o Terreiro de Nagô Fé em Deus, do seu Manoel Colaço Veras, maranhense radicado no Pará, e desta nasce o Terreiro Nagô Santa Bárbara, do Pai Bené. Do Terreiro do Egito, nasce também em Belém, o Terreiro Deus é quem Guia, de Margarida Mota (Luca: 2003; Campelo; Luca: 2007). Mais ou menos com as mesmas histórias de origens, outras casas são citadas pelas pesquisas como aquelas que tiveram algum laço direto com as do Maranhão: Cabana Senhor do Bonfim; Na Aldeia de Jurema; Terreiro de Nagô Rainha de Iemanjá; Terreiro Dois Irmãos; Dom José e Verequete (Santos: 1986; Luca; Campelo: 2007) são casas na qual os *pais* ou *mães de santo* são vistos como responsáveis pelo intercâmbio sócio-ritual entre maranhenses e paraenses.

É importante destacar que as pesquisas sobre a *mina* que se fez presente no Pará, em especial na cidade de Belém, na qual a maioria das pesquisas foi realizada, revelam que dos *terreiros* de *mina* praticados no Pará, ainda que influenciadas pela Casa de Minas Jêje e pela Casa de Nagô, muitos têm a *linha de cura* ou *pajelança*. Conhecida como “pajelança cabocla”, estudos indicam que tal prática presentes nos terreiros da região, foi herdada da pajelança indígena, muito antes da *mina* maranhense se fazer presente nos rituais praticados (Maués: 1995; Shapanan: 2001; Ferretti: 2001; Figueiredo: 1996).

A *pajelança cabocla* é “uma forma de culto mediúnico, constituída por um conjunto de crenças e práticas difundidas na Amazônia, como os encantados ou caruanas” (Maués: 1995: 18), tendo origem com os grupos tupis (Galvão: 1976), a prática desse culto na atualidade, “se integra em um novo sistema de relações sociais, incorporando ritos católicos e da Umbanda” (Maués: 1995: 18). Provavelmente trazida do Rio de Janeiro, “a introdução da Umbanda em Belém é creditada a Maria Aguiar, conhecida por receber a entidade Dom Luíz, rei de França, tido como um *vodun* poderoso na *mina*” (Prandi; Souza: 2001: 221).

Esses “cruzamentos” de *linhas* da Umbanda, com a *mina* e *pajelança* se tornaria a assinatura da religião afro-paraense (Leacock; Leacock: 1972), são esses encontros das águas – as salgadas do Maranhão e Rio de Janeiro – com as águas doces do Pará, é a provável “gênese” afro-religiosa da região (Vergolino e Silva: 1976).

### 3.3 E AS ÁGUAS DE SANTARÉM?

*Não tem terreiro aqui em Santarém não*<sup>23</sup>.

Banhada por rios que mais parecem mar, é o impacto que nos causa logo que nos deparamos com a região. A orla da cidade de Santarém é sem dúvida parada obrigatória para desfrutar dos bares e restaurantes que oferecem guloseimas e comidinhas regionais, ou tomar um soquete de cupuaçu no mirante e aproveitar para apreciar o pôr do sol, que lentamente vai deixando de iluminar o encontro dos rios amazonas e tapajós. São atrações culinárias e naturais que enchem de orgulho os santarenos.

Nas primeiras semanas de morada, meu companheiro e eu resolvemos curtir ainda mais os encantamentos que Santarém nos oferecia. Lembro de uma tarde muito agradável que saímos para caminhar toda a extensão da orla. Passamos pelo mercadão 2000, um complexo entreposto onde se comercializam os produtos produzidos pelos agricultores da região; encontramos supermercados, farmácias, mercado de peixe, e lojas de artesanatos.

Continuamos com a caminhada, certo momento paramos numa praça e sentamos um pouco, foi então que meu companheiro fez uma observação dizendo que do local que saímos até onde estávamos já tínhamos passado por três igrejas católicas e mais adiante iríamos passar em frente a igreja da matriz. Só sei que nesse dia acabamos contando quatro igrejas só neste trajeto. Depois de um bom tempo morando na cidade, fui ver que não são apenas quatro igrejas, mas várias, talvez mais de uma por bairro e todas sempre cheias em dias de missa, isso sem falar das pentecostais que também são expressivas na cidade.

Iniciei este tópico relatando esses fatos para relacioná-lo com a frase que a professora Carla sempre ouvia quando iniciou a pesquisas do NPDAFRO. Dizia ela que quando saía para

---

<sup>23</sup> Moura (2016). Disponível em: < <https://afroreligioses.wordpress.com/2016/08/05/aqui-nao-tem-terreiro-o-que-a-experiencia-do-campo-afro-religioso-em-santarem-e-a-exclusao-das-religoes-afro-do-centro-ecumenico-das-olimpiadas-nos-dizem-sobre-silenciamento-e-invi/>>. Acesso em: 8 ago. 2016.

perguntar sobre os locais de *casas* de Umbanda ou Candomblé na cidade, as pessoas sempre respondiam, *Não tem terreiro aqui em Santarém não*.

Claro, que depois de um tempo, essa frase acabou virando uma ‘anedota’ para o grupo de pesquisa, pois chegamos a mapear, em um pouco mais de um ano, cerca de dezessete *terreiros* declarados afro-religiosos, e mais de cinco lojas de artigos religiosos espalhados no centro da cidade; e mais uma fábrica de velas que realiza encomendas especiais para os *terreiros* da região. Tudo isso numa cidade que “não tinha *terreiro*”.

Mas quando cheguei em Santarém, eu também não via *terreiro* na cidade, ao contrário, as igrejas católicas e pentecostais são as mais visivelmente percebidas. Então, como chegamos aos *terreiros*?

Muito mais que um informante ou interlocutor o *Ogã Zenildo* de Xangô, foi para a Carla e o NPDAFRO um grande amigo em nossas empreitadas, foi com ele que conhecemos os caminhos do *Axé* em Santarém. Vale destacar que o NPDAFRO nasceu com o objetivo de reunir e disseminar informações sobre um conjunto de expressões tradicionais, que ao longo dos anos tem servido como fonte privilegiada de símbolos e sentidos para a experiência individual e coletiva de milhares de pessoas no país. Essas matrizes religiosas ainda enfrentam o peso do estigma imposto a elas em função da ideologia racialista que, acredita na inferioridade do Negro/Afro-brasileiro. Dessa maneira, o espectro da intolerância religiosa e do racismo esconde boa parte da paisagem sociocultural e histórica que enfeita os arredores das *Casas e Terreiros de Santo* (Pereira; Moura; Bemerguy: 2014).

Deste projeto foram articuladas três diferentes frentes de investigação: 1) os processos de regulação social, movimentos federativos e constituição de identidades afro-religiosas no Oeste do Pará (Bemerguy: 2014); 2) Materialidades do Sagrado nas Religiões de Matriz Afro-brasileira em Santarém (Pereira: 2014a); e 3) Mercados, moedas e os sentidos sociais do dinheiro nas religiões de matriz Afro-brasileira e das suas expressões em Santarém (Moura: 2014).

Por meio de pesquisas e atividades de extensão, o projeto fomentou a produção acadêmica e o debate plural, inter-religioso e intra-religioso, político e aberto com a comunidade acerca do lugar ocupado pelas religiões de matriz Afro-brasileira tanto na tradição dos estudos das ciências sociais, como também na própria memória social legada pela diáspora africana à região do baixo amazonas (Pereira, Moura, Bemerguy: 2014).

Ressalto que nossos trabalhos foram produções iniciais de uma pesquisa que resultou em pequenos trabalhos de graduação. No entanto, faço referências a eles, primeiro por ser um investimento de pesquisa e extensão de alunos da primeira turma de graduação da Ufopa, da

primeira turma de graduados em antropologia; depois por serem pesquisas pioneiras ao tratar sobre a temática na região exercitando um olhar antropológico; e por último devido ao pouco material produzido sobre a temática referente à região. Dito isto, para esse tópico que chamo de ‘E as águas de Santarém?’, dos trabalhos que produzimos vou fazer referencia ao da Telma Bemerguy (2014), pois acredito que seu trabalho cria um “mapa” que indica boas pistas para começar a se pensar a possível gênese afro-religiosa desta cidade.

Como aconteceu com a Carla, Beatriz, Telma e eu, pessoas importantes do cenário afro-religioso de Santarém cruzaram nossas vidas e pesquisas. E é com base nesses encontros e produções acadêmicas que posso um pouco falar das *águas de Santarém*.



O trabalho desenvolvido por Telma partiu de um olhar sobre a Federação Espírita Umbandista e dos cultos afro-brasileiras do Estado do Pará (FEUCABEP), que é descrita na bibliografia como a “grande guardiã da tradição afro-paraense”. Somando aos dados obtidos em trabalho de campo realizado desde março de 2012 - 2014, ela analisou a atuação da Federação na história de vida de alguns afro-religiosos santarenos na década de 80.

De acordo com os dados de sua pesquisa, a pessoa mais antiga que vivenciou a religião afro em Santarém é a saudosa Mãe Isabel, “preta velha”, como é chamada por muitos. Informação dada por Dona Marlene, *vodunsa* no Ilê Asé Oto Sindoyá, liderança mais antiga da casa na *linha* de mina-nagô, que trabalhava na Umbanda a mais de sessenta anos com a *Cabocla Jarina*. A mesma conta ser uma das muitas que passaram pelas mãos de *Mãe Isabel* (Bemerguy: 2014).

Muito se ouviu falar também que *Mãe Isabel* era maranhense do Codó, mas *Pai Clodomilson*, do Ilê Asé Ogumja Odé, *filho de santo* e viúvo de *Mãe Isabel*, disse que tudo passou de um mal entendido. Ele revela que *Mãe Isabel* nasceu e se criou no quilombo de Pacoval no Município de Alenquer (Baixo Tapajós). O mal entendido se deu devido ela ter ido de Alenquer para Codó e de lá ter seguido para Santarém, e por ser negra e ter vindo do Codó logo foi chamada de Isabel do Codó (Bemerguy: 2014).

Segundo *Pai Clodomilson*, *Mãe Isabel* foi a primeira a *bater tambor* em Santarém por volta de 1945. Só de casa aberta ela tinha 67 anos, mas começou a trabalhar com sete anos de idade. Ele afirma que *Mãe Isabel* é a *vodunsa* mais antiga do Oeste do Pará (Bemerguy: 2014).

*Mãe* Brígida (Terreiro de Mina Iansã), filha de sangue da *mãe de santo*, Dona Roberta, que foi *filha* da *casa* de *Mãe* Isabel, afirma que todos os “velhos” da religião de Santarém teriam passado pelas mãos da *Mãe* Isabel. O *Ogã* Paulo (Ilê Asé Oto Sindoyá), também confirma que *Mãe* Isabel foi a primeira que tocou *tambor* dentro de Santarém. Muitos relataram que antes do *terreiro* da *Mãe* Isabel, as *festas* eram realizadas no mato e quase sempre a base de palmas, ritual conhecido por *pena e maracá* (Bemerguy: 2014).

Das casas mapeadas pelo NPDAFRO, estas são as que em algum momento citaram a *Mãe* Isabel com pioneira do *tambor* em Santarém: das já findas *Mãe* Roberta, *Mãe* Lúcia, *Mãe* Vavá, *Mãe* Francisquinha às do Ilê Asé Oto Sindoyá (*Mãe* Sindoyá); Ilê Dara Asé Oyá Onira (*Mãe* Conceição); Ilê Asé Ogumja Odé (*Pai* Clodomilson); Terreiro de Oxóssi (*Pai* Zildo); Terreiro de Mina Nagô Obá Afonjá (*Pai* João Paulo); Terreirinho de Mina Santa Bárbara (*Mãe* Zuleide); Terreiro de Mina Nagô Obá Aganjú (*Pai* Juscelino); Terreiro de Mina Santa Bárbara (*Pai* Edivanei); Terreiro de Mina Iansã (*Mãe* Brígida); Terreiro de Mina de Ogum (*Mãe* Valdéia); e Terreiro de São Jorge (*Pai* Westerley), foram as que mais concordaram com o pioneirismo da *Mãe* Isabel (Bemerguy: 2014).

As pesquisas apontam que no início da década de 80, com a implementação das ações da FEUCABEP em Santarém, a ordem era que para manter o *terreiro* aberto tinha que *raspar o santo*. Conta *Mãe* Sindoyá que teve que *raspar o santo* para manter seu *terreiro* aberto e com ela outras também *rasparam*, como as finadas Esperança, Julieta e Luiza. Conta ela que ambas não sabiam do que se tratava o Candomblé e só tinham aceitado *raspar* para não perderem seus *terreiros*. Disse que foram iniciadas no candomblé por *Pai* Hyder Nazareno Lisboa em 1983, *Pai de santo* ligado à Federação, o qual é mencionado várias vezes na bibliografia como um dos que contribuíram para a afirmação do Candomblé no Estado do Pará (Campelo: 2008; Bemerguy: 2014). *Mãe* Sindoyá, que antes de 1983 praticava Umbanda é hoje, a *Yalorixá* do Ilê Asé Oto Sindoyá que se tornou um *terreiro* de Candomblé muito conhecido e respeitado na cidade e região (Bemerguy: 2014).

*Mãe* Brígida, *Yalorixá* do Terreiro de Mina Iansã, que já está em funcionamento há trinta e cinco anos, nos contou que uma das primeiras pessoas a lhe orientarem sobre sua mediunidade foi a *Mãe* Nazaré Rufino, fiscal da Federação em Santarém que já morava na cidade desde o final dos anos 70.

Sobre a Federação, grande parte dos religiosos que fizeram alguma reclamação sobre a atuação desta em obrigar as pessoas *rasparem*, foi a questão do “dinheiro”, “pois tudo é muito caro no candomblé”, revelaram os religiosos (Bemerguy: 2014).

*Pai* Clodomilson (Ilê Asé Ogumja Odé), que se destaca por ser uma figura pública sempre envolvida em vários eventos na cidade, conta que em função de ter viajado e conhecido muitos lugares pelo Brasil, já havia tido muitas oportunidades de se iniciar no Candomblé, mas não o fez em resposta à abordagem da representante da Federação, que, aliás, devido as investidas a respeito da exigência da iniciação no Candomblé, chegou ao ponto de expulsar a fiscal do seu *terreiro*, que na época ainda era dirigido por *Mãe* Isabel. *Pai* Clodomilson só se iniciaria no Candomblé muitos anos depois em Manaus (Bemerguy:2014).

Essas são as poucas informações que temos para começar a pensar o “mapa” da gênese afro-religiosa da cidade, mas na atualidade, depois de *Mãe* Isabel, hoje a *mãe de santo* mais antiga, provavelmente é a *Mãe* Anita, mãe de sangue do Ogã Zenido de Xango, talvez seja ela também, a médium mais antiga que *recebe* a *Cabocla Mariana* em Santarém. *Mãe* Anita não possui *terreiro* aberto, e atualmente está dando *passagem* para as suas *entidades* no Terreiro de Mina Santa Bárbara do *Pai de santo* Edivanei de Oyá (Pereira: 2014; Moura: 2014; Bemerguy: 2014).<sup>24</sup>

O que nos pareceu, observando o campo afro-religioso de Santarém, é que ao ler outras etnografias sobre essa prática religiosa de outras partes do Brasil, e principalmente de Belém, é que a *mina* que surge em Santarém parece ser uma variação das praticadas nessas regiões. Pois, as práticas com a *pajelança indígena* e *cabocla* e em tempos mais recentes, o Candomblé, são sempre marcadas por negociações rituais, algumas dessas negociações e tensões foram percebidas quando descrevi os momentos de preparação da *feita da Cabocla Mariana* no *terreiro* do *Pai* Edivanei. São impressões iniciais que requer mais pesquisa.

Mesmo que de forma bastante resumida e com muitas lacunas, mostrei um pouco os vários momentos que contribuíram para os sentidos que formaram o cenário afro-religioso de Santarém. Considerando aqui desde o seu período de tomada pelos colonizadores às relações atravessadas com a presença de instituições regularizadoras e a variedade de *entidades* que passaram pela região, são forças. Forças que agem, aglutinam, somam e potencializam os *terreiros* da cidade. Forças que estavam presentes nos *preparativos* da *feita da Cabocla Mariana*, e que fizeram o *Pai* Edivanei, os *filhos de santo* da *casa* e eu, pensar nos modos de como fazer a *feita*.

As forças continuam... E os modos de pensar, serão continuamente atualizados...

---

<sup>24</sup> No final do mês de novembro do ano 2016, *Mãe* Anita faleceu aos 79 anos de idade. Por ser muito querida e respeitada na região, seu falecimento levou o Terreiro de Mina Santa Bárbara do *Pai* Edivanei, declarar luto por três meses. *Mãe* Anita, nos seus últimos anos de atividade religiosas, sem *casa* aberta, estava dando *passagens* aos seus *caboclos* no *terreiro* do *Pai* Edivanei.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS: AGORA QUE A FESTA VAI COMEÇAR...



Desenho 11: Giros da *Cabocla Mariana*.  
Fonte: Autor (2016).

“*Te trago da minha terra o que ela tem de melhor*”, foi como iniciei este estudo, assumindo meu papel nesse enredo como um ‘caboclo’ que “*Certa vez de montaria [...] remava, e não parava de falar*”. São composições de musicistas paraenses que sonorizaram as exposições das minhas memórias vistas aqui, como “histórias das tradições das minhas lembranças” (Mastrogregori: 2006: 69), que agiram sobre a minha produção.

Lembranças, absorvidas em práticas de conhecimento que me levaram ao encontro das obras de Dalcídio Jurandir (1992) e Huberte Fichte (1987), um escritor paraense e outro alemão. O primeiro procurou mostrar o amazônida na sua ‘totalidade’, “mais do que fazer um romance, ele trabalhou a figura do homem estendendo essa análise além das fronteiras dos conflitos sociais, atingindo as reflexões humanas” (Pereira: 2014b, sem paginação). O segundo fez das suas experiências a “vida como estilo de escrita” e a “escrita como forma de vida”, que descrevem um experimento: “viver, para encontrar uma forma de expressão” (Fichte: 1987: 9). Foi o que busquei exercitar nesse estudo: praticar um ‘estilo’ de escrita que pudesse fazer das minhas experiências de vida, não apenas fonte de inspiração, mas um modelo de laboratório para produzir a escrita.

De modo que a etnografia “A Cabocla Mariana e a sua corte *ajuremada*: modos de pensar e fazer *festa* em um *terreiro* de Umbanda em Santarém, Pará”, navegou neste movimento: iniciando por caminhos aparentemente não cruzados, mas *encruzilhados* de encontros e desencontros de memórias, que se fizeram presentes durante a construção da pesquisa.

Com o passar do tempo, outras memórias foram se formando. No ano de 2011, outras forças me levaram a sair de Belém e mudar para a Cidade de Santarém, onde acabei iniciando minha segunda graduação. Nesse mesmo ano, entrei para o NPDAFRO e desde então comecei a ter mais familiaridade com a temática afro-religiosa.

Foi participando do NPDAFRO que exercitei o “trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever” (Oliveira: 2000), quando visitei um *terreiro* que estava em *feira*. Foi observando essa *feira* que fez despertar uma das lembranças da infância que não estavam claras para mim, a parte da história da minha família mantida pela minha mãe como segredo.

Quando iniciei o mestrado em Antropologia Social no Museu Nacional, dei continuidade com a pesquisa, mas agora refletindo com as leituras dos novos autores e pesquisadores que tive contanto durante o curso, me ajudou a produzir esta etnografia na qual descrevi os *preparativos* da *feira* para a *Cabocla Mariana*, pensado e realizado pelo *Pai de santo* Edivanei de Oyá e seus *filhos de santo*.

O sentido que uso de *preparativos* é um conceito ‘nativo’, podendo ser entendido como movimentos que dão vida ao *terreiro*: *preparos* de *oferendas*, *trabalhos*, *demandas*, *obrigações* e *feiras*. A *feira* nesse caso é uma ‘expressão’ que abriga quase todas essas práticas. Seu *preparo* dá fluidez ao espaço, movimenta as pessoas e os *seres*, criando e recriando os significados religiosos (Contins; Gonçalves: 2009), mas não só isso. Toda *feira* tem seu tempo, “demarcado por meio de uma série de alterações espaciais, comportamentais, que estabelecem complexas relações no cotidiano” do seu *preparo* (Contins; Gonçalves: 2009: 15). Nesse cotidiano se incorporam além das pessoas, *entidades* ou *espíritos*, outros encontros táteis e sensíveis que causam outros efeitos de transformações do presente (Cruz, 2014). Vistas nesse caso como partes do ritual.

Dito isto, do cotidiano dos *preparativos* da *feira* que acompanhei, destaco que iniciei no primeiro capítulo descrevendo o momento pós-reunião sobre os preparativos do *Orô*. Ocasão que me deu a oportunidade de observar os diferentes ‘pontos de vistas’ sobre a dedicação à ‘vida’ religiosa do grupo nesse *terreiro*. Esses diálogos ofereceram à possibilidade de pensar a *feira*, além da *feira*, revelando outros momentos aparentemente não conectados a vida religiosa desse grupo.

Em seguida apresentei o *Pai de santo* do *terreiro* e meu encontro com ele que resultou neste estudo. Sua fala trouxe ricas informações como esta que expressou a sua iniciação na vida religiosa, “Eu era criança, e quando comecei a sentir as coisas, sem apoio e sem conhecimento de nada, decidi sair pra procurar...”. Em resumo, tentei ‘desenhar’ o *Pai de santo* sendo atingido por múltiplas forças que tensionam a sua relação com o mundo. Ressalto

que descrevi mais a criação do ‘personagem etnográfico’ do que a pessoa do *Pai Edivanei* (Veras: 2015). Finalizei o capítulo descrevendo o *terreiro* e seus espaços destinados a uma variedade de ocupações. É nesse espaço construído por “simultaneidade de histórias” e diferentes trajetórias de pessoas e *entidades*, que continuamente negociaram suas permanências (Massey: 2005).

Observar a convivência tecida no espaço do *terreiro* possibilitou compreender como os laços entre as pessoas humanas e seus *santos* se teceram (Rabelo, 2014). Compreendi essa tessitura como formas de aprendizados, experienciado de diferentes modos de pensar e agir dos *filhos* e *Pai de santo* sobre as vivências/convivências cultivadas nesse espaço e fora dele, marcada algumas vezes por tensões e reciprocidades outras. Mas não deixam de ser entendidas como momentos de “coesão social” (Fortes: 2014). Talvez seja esse o entendimento que podemos ter quando a Dona Selma disse que, “terreiro é assim mesmo, nem tudo é festa, mas é festa”.

No segundo capítulo, “A *Cabocla Mariana* e a sua corte *ajuremada em festa*”, descrevi os modos de pensar e fazer *festa* no Terreiro de Mina Santa Barbara. Tentei descrever a *festa* não como um produto final de um grande empreendimento, mas das partes que a constroem, do cotidiano do seu *preparo*, e das situações que talvez possam ser consideradas não convencionais aos estudos dos ritos. Ritual nesse caso, sendo entendido como “dinâmico e flexível”, um sistema cultural múltiplo de expressões (Tambiah: 1985).

Talvez seja por isso que em minhas descrições dos momentos rituais, não só apresentei aquilo que ‘aparentava’ ser mais religioso, como outros ‘elementos’ que talvez não fizessem parte desse enredo, mas que marcaram presença como, por exemplo: fazer ou atender uma ligação de celular em momentos de tarefas rituais; colocar o celular para tocar *cantigas* religiosas; ou até mesmo repreender seu uso, a exemplo dos vários momentos descritos em que a *Cabocla Mariana* ordena o desligamento do aparelho. São reflexões que talvez mereçam análises futuras relacionadas aos estudos dos ritos.

Segui no segundo Capítulo descrevendo o mito que conta a história da *Cabocla Mariana* e a fundação do Tambor de Mina em terras amazônicas, relatos que colhi no dia em que fui *catar folhas* com o *Pai de santo*. Esse mito pode ser relatado de outras maneiras dependendo dos *terreiros*, mas percebi poucas diferenças nas versões. Vale informar que o documentário, “A descoberta da Amazônia pelos turcos encantados” publicado em 2004, recria esse mito narrado pelo Baba Luiz Tayendó, sacerdote do Terreiro Toy Lissá, Belém (PA), o material foi distribuído e teve uma grande aceitação por parte dos afro-religiosos paraenses sendo intensamente divulgado pelos *terreiros* do Estado. Isso talvez tenha

fomentando ainda mais o ‘estilo’ como o mito é narrado, com muitas performances, não só pelo *Pai Edivanei* como também por outros *pais e mães de santo* que tive contanto. Mas o que importa neste estudo é perceber que o mito, não é visto pelo *Pai Edivanei* apenas como um valor histórico, mas também sendo uma das fontes dos conhecimentos importantes para a manutenção das práticas religiosas.

Em seguida descrevi o momento do *toque* dedicado ao *Exu* e *Maria Padilha*, entidades consideradas responsáveis pelo dinamismo dos *trabalhos* desenvolvidos pela *casa*. Na sequência, apresentei a *Cabocla Mariana* montada no *Pai Edivanei* reunida com os *filhos de santo* que informou como a sua *feira* e o seu *Orô* deveriam ser realizados. Segui descrevendo “Orô da Cabocla Mariana”, ritual que atualizou o *Axé* da *casa*. E por último, a seção “A *Festa: Cabocla Mariana, a bela turca que aqui raiou...*”, retratou a *feira* aberta ao público e as homenagens que a *Cabocla* recebeu.

Sobre esse segundo capítulo, muitas possibilidades de análises são possíveis, a que me chamou a atenção merecendo estudos futuros, é o verbo *ajuremar* e *turcuar* utilizadas pelo *Pai Edivanei* para se referir aos “*turcos que se vestiram da personalidade indígena*” e aos “*indígenas que se vestiram da personalidade turca*”.

Os sentidos dos verbos me fizeram pensar que, suas aplicações podem ser compreendidas pelo que chamei de ‘processo em escalonamento, no sentido de níveis em ondulações’. Didaticamente e precisando de mais estudos futuros, o que suponho é que, quando o *Pai Edivanei* ao relatar que as *princesas turcas* se *ajuremaram*, talvez esteja demonstrando que a “mudança” esteja no sentido de que esses *seres* estão acessando outros níveis de experiências. Por isso, o processo é escalonado, distribuído em níveis de graduações, pois no contato com os *índios*, cada *turco* sentiu as ‘transformações’ de maneira diferente, e seus corpos reagiram de diversas formas como se viu no mito das *princesas*: a *Erundina* foi a primeira a passar pela *ajuremação*, se apossando dos segredos da floresta, e quando *desce* como *Cabocla* é vista como valente e guerreira; *Jarina* é descrita como a quem mais se *ajuremou*, além de se apossar dos segredos da floresta, aprendeu a manipular as ervas venenosas e demonstrando ter habilidades com os arcos e flechas indígenas, quando *desce* como *Cabocla* é vista como índia; *Mariana* é descrita como a que menos se *ajuremou*, no entanto, foi a que mais se aprofundou na sabedoria dos feitiços passando a possuir grande poderes de cura. Quando *desce* como *Cabocla* é vista como princesa, mas anda sem sandálias, pois vive nos mares e rios.

O fato é que todas de alguma forma se *ajuremaram*, mas todas continuam *turcas* e *princesas*. Por isso digo que as ‘transformações’ desses *seres* ocorre em ondulações, podendo

até ser vista como linear, mas com muitos altos e baixos e cheio de tensões, sentidas por quem está passando por essa experiência.

O processo pode ser considerado acumulativo, pois as ‘transformações’ adquiridas ao longo do contato não anulam as experiências passadas, ao contrário, elas se somam e se potencializam no decorrer do tempo. O mesmo sentido de ‘escalonamento’ pode ser aplicado quando o *Pai Edivanei* relata que o convívio dos *índios* com os *turcos*, foi tempo suficiente para se *turcoassem*. São discussões em andamento, que no momento não couberam neste estudo, precisando de análises mais profundas.

O terceiro e último capítulo deste estudo, apresentei a partir ‘ponto de vista’ de alguns antropólogos, historiadores, arqueólogos e artistas, pequenos recortes que de alguma forma, traçaram caminhos para a compreensão da formação afro-religiosa na Amazônia, em especial no estado do Pará, dando destaque a cidade de Santarém. Sobre a formação afro-religiosa da região propus meio que uma espécie de um mosaico de informações que resumiram a formação do Tambor de Mina na Amazônia. E para finalizar o capítulo, a seção “E as águas de Santarém?”, algumas possibilidades da possível história que descreve a ‘gênese’ da presença afro-religiosa em Santarém, foi sugerida.

O que se percebeu, observando o campo afro-religioso de Santarém, é que a *mina* que surge em Santarém parece ser uma variação das praticadas nas outras regiões. Talvez seja por isso que o *Pai Edivanei* prefira dizer que, “meu *terreiro* não é a *mina* do Tambor de Mina, mas uma ‘espécie de nação da *mina*’. Aqui a *mina* praticada é paraense e de Santarém, não sei como é nas outras *casas*, mas no meu *terreiro* é assim”. Talvez o que esteja sendo exposto é que as práticas com a *pajelança indígena* e *cabocla* e em tempos mais recentes, o Candomblé, são sempre marcadas por negociações rituais nos *terreiros* da região. Algumas dessas negociações e tensões foram percebidas quando descrevi os momentos da preparação da *feita da Cabocla Mariana no terreiro do Pai Edivanei*.

Não desconsiderando as particularidades de cada *terreiro*, o que me parece é que esse encontro de *Axés* não é o problema, o próprio mito da fundação do Tambor de Mina mostrou a importância dos encontros das diferentes *forças*. O problema parece está na manutenção e controle dessas *energias* que, dependendo de como forem manipuladas, podem potencializar o *Axé* da *casa*, ou não (Shapanan: 2008). Essas também são impressões iniciais que requer mais mergulho de pesquisa.

Sobre o segundo e terceiro capítulo, recomendei que fossem lidos como “Cartografias” que sugerem caminhos sobre o território no qual se está tentando conhecer: foram dois modelos de “mapas”, a do *Pai Edivanei* e as dos acadêmicos, disse que não os

usos para fazer comparações. O que me interessa neles são os possíveis direcionamentos que apontam para a reconstrução de um momento. São conhecimentos que antes de tudo, implicam formas de apreensão e construção de realidades em perspectivas distintas e, por isso, têm diferentes situações de aplicabilidade (Fernandes: 2007).

É sugestivo pensar que o *Pai Edivanei* não é um contador de histórias, mas talvez um narrador, pelo fato dele através da narrativa estar relatando algo vivido por ele (*filho de santo* e *cavalo* da *Cabocla Mariana*). Nesse caso, a aplicabilidade da narrativa pode ser entendida como real, “um acontecimento distante do presente, mas que as peças desse tempo remoto se juntam e reconstroem um tempo através da memória e traduzem histórias de vida” (Carvalho: 2012: 19).

Ressalto que não coloquei o “mapa” desenhado do ‘ponto de vista’ acadêmico, no lugar de “contadores de histórias”, mas sugiro que os dois mapas podem ser compreendidos pelo viés de “etnosaberes” (Fernandes J.: 2016:57): “são conhecimentos que apresentam pontos de contatos em sim [contam a historia da Formação do Tambor de Mina na Amazônia] fornecendo comunicações e aprendizagens as pessoas e grupos, sem necessariamente haver a fusão, ou hibridização, entre as práticas e os saberes postos”. Ou seja, são “mapas”, ou parte de “etnosaberes”, que sinalizam caminhos.



Como se trata de um trabalho que se pretende continuar. Optei nesta dissertação por um estudo propriamente descritivo, dei preferência em ampliar a dimensão narrativa, mesmo sabendo que tive que sacrificar outras dimensões comparativas e elaborações teóricas merecidas.

Cada ritual que descrevi, oferecem múltiplas possibilidades para se pensar e analisar. Trata-se de um volumoso material que eu não daria conta de estudá-los, diante os limites de tempo e espaço impostos a pesquisa. No entanto, meu objetivo inicial, foi perceber os modos de fazer *feira* no Terreiro de Mina Santa Bárbara, orquestrado pelo *Pai Edivanei*, *entidades* e *filhos de Santo*, responsáveis pela tessitura das relações criadas no tempo da construção da *feira*.

Meu papel nesse cenário foi de experienciar esses momentos em forma de descrições etnográficas. As lacunas presentes neste estudo são partes do meu exercício, e passo a vê-las como outros ‘portais’ que darão passagem para futuras pesquisas.

Ao tentar “concluir” este primeiro momento da pesquisa, percebi o quanto o campo se abriu para novas investigações, e ao me deparar com novos textos, autores e reflexões que poderiam enriquecer ainda mais o que foi exposto, ficou de fora. Isso me causou certo sentimento de ansiedade e insegurança. Mas por outro lado, talvez esse seja o dinamismo da pesquisa: fazer amadurecer a nossa própria escrita, apontar o que poderia ser aprimorado e, conseqüentemente, melhorar a nós mesmos. Contudo, é necessário colocar um “ponto final”, não no trabalho de pesquisa, pois este nunca acaba, mas nesta etapa do estudo.

E por fim, este estudo, pode ser resumido com um trecho da descrição sobre o dia da  *festa da Cabocla Mariana*: “Na saída do  *terreiro* eu encontro com o seu Luiz com um prato de comida na mão. Rapidamente falo com ele, “agora que deu para você jantar?” Ele responde, “só agora mano! Só agora é que vai começar a minha festa...”.

## REFERÊNCIAS

- ACUÑA, C. Novo Descobrimento do Grande Rio das Amazonas. In: LEITÃO, C. de Melo (Trad.). **Rojas, Carvajal & Acuña: Descobrimento do Rio das Amazonas**. Brasileira, 2 vol. 203, Cia Ed. Nacional: São Paulo, [1641] 1941. p. 125-294.
- AMORIM, Antonia Terezinha dos Santos. **Santarém: uma síntese histórica**. Canoas: ULBRA, 1999.
- ANASTÁCIO, Vanessa Lorena; MOREIRA, Vinícius André Diniz (Org.). **Orixás Caboclos e Encantados**. Rio de Janeiro: Fundação Palmares, 2014.
- ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO (A.H.U.). Pará, 14 de Fevereiro de 1774.
- AZEVEDO E SILVA, José Manuel. **O modelo Pombalino de colonização da Amazônia**. Universidade de Coimbra, 2002. Disponível em: <<http://www.uc.pt/fluc/iheu/artigos/modelopombalino>>. Acesso: 06 de ago. 2016.
- BANAGGIA, Gabriel. **Inovações e controvérsias na antropologia das religiões afro-brasileiras**. 2008. 227 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.
- BARBOSA, Mário Médice Costa. **O povo cabano no poder: Memória, Cultura e imprensa em Belém – PA (1982 -2004)**. 2004. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2004.
- BEMERGUY, Telma de Sousa. **Histórias, regras e sentidos: a Federação Espírita Umbandista e dos cultos afro-brasileiros do Estado do Pará em Santarém**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Sociedade, Programa de Antropologia e Arqueologia. Santarém, 2014.
- CANDIDO, A. A personagem do Romance. In.: CANDIDO, A. et al. (Eds.). **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva. 2011 [1968]. p. 51-80.
- CARNEIRO, João Luiz. **Religiões afro-brasileiras: uma construção teológica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- CARVALHO, Josué. **Releituras do passado no presente: os etnosaberes nas narrativas de anciões Kaingang do sul e sudeste do Brasil contemporâneo**. 2012. 100 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. Filiação intensiva e aliança demoníaca. **Novos Estudos Cebrap**, n. 77, p. 91-126. 2007.



CONTINS, Marica; GONÇALVES, José R. S. A escassez e a fartura: categorias cosmológicas e subjetividade nas festas do Divino Espírito Santo entre imigrantes açorianos no Rio de Janeiro. In.: CAVALCANTI, M. L. V. de C.; GONÇALVES, José R. S. (Orgs.) **As festas e os dias: ritos e sociabilidades festivas**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009. p. 11-35.

CAMPELO, Marcia Marilu. Recontando uma historia: a formação e a expansão do candomblé paraense. In.: MAUÉS, Raymundo. H.; VILLACORTA, Gisela M. (Orgs.). **Pajelança e Religiões Africanas na Amazônia**. 1. ed. Belém: Editora da UFPA, 2008. v. 2. p. 259-271.

\_\_\_\_\_; LUCA, Taissa Tavernard de. As duas africanidades no Pará. **Revista Aulas**, São Paulo, n. 4, abr./jul. 2007.

CARVAJAL, Gaspar de. Relação do Novo Descobrimento do Famoso Rio Grande que Descobriu por Grande Ventura o Capitão Francisco de Orellana. In: LEITÃO, C. de Melo (Trad.). **Rojas, Carvajal & Acuña: Descobrimientos do Rio das Amazonas**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, [1542] 1941. p. 11-79.

COELHO, Maria Célia Nunes; LEITE, Marcus Vinnicius C. Tão Perto e Tão Longe: Identificando e Interpretando Representações Sociais do Marajó e de Belém, Influenciadas pelas Posições Locacionais e Sociais dos Personagens de Dalcídio Jurandir. **Revista da Anpege**. v. 3, p. 57-86, 2007. Disponível em: <[http://www.anpege.org.br/downloads/artigo\\_5.pdf](http://www.anpege.org.br/downloads/artigo_5.pdf)>. Acesso em: 25 jul. 2016.

CRUZ, Alline Torres Dias da. **Sobre dons, pessoas, espíritos e suas moradas**. 2014. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Programa Pós-Graduação em Antropologia Social. Rio de Janeiro, 2014.

DOMINGUES, Ângela. **Quando os Índios eram vassalos: colonização e relações de poder no Norte do Brasil na segunda metade do século XVIII**. Lisboa: CNCDP (Comissão nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses), 2000. 388 p.

FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha. **A casa de Fanti-Ashanti e seu alaxé**. São Luís: Alcântara, 1987.

\_\_\_\_\_. Terecô, a sinhá de Codó. In: PRANDI, Reginaldo (org.). **Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados**. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

FERRETTI, Sergio Figueiredo. **Querebetan de Zomadônu**. São Luiz: EDUFMA. 1985.

FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. **A voz e o sentido: poesia oral em sincronia**. São Paulo. UNESP. 2007 [1972].

FERNANDES, José Guilherme dos Santos. Interculturalidades e Etnossaberes. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 39-65, jul./dez. 2016.

FICHTE, Hubert. **Etnopoesia: Antropologia poética das religiões afro-americanas**. São Paulo: brasiliense, 1987.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **A cidade dos Encantados**: pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia: a constituição de um campo de estudo. 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

FONSECA, Wilde Dias da. **Santarém, momentos históricos**. Santarém: Gráfica Tiagão, 1996.

FORTES, Meyer. Festivais rituais e coesão social no interior da costa do ouro. In: CAVALCANTI, M. L. (Org.). **Ritual e performance**: 4 estudos. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

\_\_\_\_\_. Ritual festivals and the ancestors, p. 37-65. In: GOODY, Jack (Ed.). **Religion, morality and the person**. Essays on Tallensi Religion. Cambridge, 1987.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e visagens**: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas. 2. ed. São Paulo, Ed. Nacional; Brasília, INL, 1976.

GOLDMAN, Marcio. A construção ritual da pessoa: a possessão no candomblé. In: MOURA, Carlos Eugênio M. (Org.). **Candomblé**: desvendando identidades. São Paulo: EMW, 1987.

\_\_\_\_\_. **Como funciona a democracia**: uma teoria etnográfica da política. Rio de Janeiro: 7 letras, 2006.

\_\_\_\_\_. Histórias, devires e fetiches das religiões afro-brasileiras: ensaio de simetriação antropológica”. **Análise Social**, Religião e mobilidade humana no século XXI vol. XLIV, n. 190, p. 105-137. 2009.

\_\_\_\_\_; LIMA, T. S. Como se faz um grande divisor? In.: GOLDMAN, M. **Alguma Antropologia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999

GOMES, Denise Maria Cavalcante. **Cerâmica Arqueológica da Amazônia**: vasilhas da Coleção Tapajônica MAE-USP. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz**: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

JURANDIR, Dalcídio. **Marajó**. Belém: CEJUP, 1992.

KALY, Alain Pascal. Da espiritualidade á Fé na África Ocidental: os “Dilemas” das Sociedades “Animistas” no Mundo Moderno. **Revista de Estudos sobre o Jesus Histórico e sua Recepção**, Rio de Janeiro, v.9, 2012.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora 34. 2009.

LEACOCK, Seth; LEACOCK, Ruth. **Spirits of the deep**: a study of afro brasilian Cult. New York, 1972.

LUCA, Taissa Tavernard de. **Revisitando o Tambor das Flores: A Federação Espírita e Umbandista dos Cultos Afro-brasileiros do Estado do Pará como guardião de uma tradição.** 174 f. 2003. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal de Pernambuco. 2003.

\_\_\_\_\_. Por uma sociedade de corte nos terreiros de Belém. **Revista Estudos Amazônicos**, v. 11, n. 2, p. 156-189, 2014.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Magia, ciencia y religión.** Traducción de Antonio Pérez Ramos. Barcelona: Planeta-Agostini, 1993 [1948]. Disponível em: <<https://antroporecursos.files.wordpress.com/2009/03/malinowski-b-1948-magia-ciencia-y-religion.pdf>>. Acesso em: 06 jan. 2016.

MASSEY, Doreen. **For space.** London: Sage, 2005.

MASTROGREGORI, Massimo. Historiografia e tradição das lembranças. In. MALERBA, Jurandir (Org.). **A história escrita: teoria e história da historiografia.** São Paulo: Contexto, 2006.

MAUÉS, Raimundo Herald. **Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico. Um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia.** Belém: Cejup, 1995.

MOURA, Beatriz Martins. **Dinheiro de Santo, Dinheiro de Gente: usos e sentidos sociais do dinheiro no contexto afro-religioso.** Santarém. 75 f. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Sociedade, Programa de Antropologia e Arqueologia, Santarém, 2014.

\_\_\_\_\_. Saberes articulados: Religiões de matriz africana como espaços de construção de conhecimentos. In.: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 30., 2016, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: Associação Brasileira de Antropologia, 2016.

MUNANGA, K. Negros e mestiços na obra de Nina Rodrigues. In: ALMEIDA, A.J.S.; SANTOS, L.A.; FERRETTI, S. **Religião, raça e identidade: Colóquio do centenário da morte de Nina Rodrigues.** São Paulo: Paulinas, 2009.

NEVES, Eduardo Góes. **Arqueologia da Amazônia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

\_\_\_\_\_. A cidade de todos os tempos. **National Geographic**, p. 80-89, dez. 2015.

NIMUENDAJU, Curt. Os Tapajó. In: **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, n. 10, p. 93-106. 1949

OLIVEIRA, Adélia Ingrácia. Ocupação Humana. In: SALATI, Eneas et al. **Amazônia: Desenvolvimento, Integração, Ecologia.** São Paulo: Brasiliense/CNPq, 1983.

OLIVEIRA, R. Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: \_\_\_\_\_. **O trabalho do antropólogo.** Brasília, DF: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2000. Cap. 1.

ORTIZ, R. **Breve nota sobre a umbanda e as suas origens** – Religião e Sociedade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

PEREIRA, Anderson Lucas da Costa. **“Mãe Mariana pede, a gente faz”**: um estudo antropológico da relação do Pai de Santo com o Altar da Cabocla Mariana. 2014. 90 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pará. Santarém, 2014a.

\_\_\_\_\_. **Preto, Gay e do Norte**: Ações afirmativas na pele. Afro-Religiões em Santarém, 19 de jun. 2016. Disponível em: <<https://afroreligoes.wordpress.com/category/na-pele/>>. Acesso em: 11 de jan. 2017.

\_\_\_\_\_; MOURA, Beatriz Martins; BEMERGUY, Telma de Sousa. Aprendendo no terreiro: o ensino da história e cultura Afro-brasileira em Santarém-PA. In.: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 6., 2014. **Anais...** Belém: CBEU, 2014.

\_\_\_\_\_; ROLIM, Karla Fernanda. **Marketing social no resgate da cidadania**: Um estudo de caso da Associação Ieshuá Período de 2009 a 2010. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração) - Centro Universitário do Estado do Pará (CESUPA), Belém, 2010. 45f.

PEREIRA, José Varella. **Ponta de pedras, Itaguari**: o Marajó começa aqui. 2014b. Disponível em: <<http://gentemarajoara.blogspot.com.br/2014/05/ponta-de-pedras-itaguari-o-marajo.html>>. Acesso em: 25 jul. 2016.

PRANDI, Reginaldo (org.). **Encantaria Brasileira**: O livro dos Mestres, Caboclos e Encantados. Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

\_\_\_\_\_. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia da Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. As religiões afro-brasileiras nas ciências sociais: uma conferência, uma bibliografia. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em ciências Sociais**, São Paulo, n. 63, 1º sem. 2007.

\_\_\_\_\_; SOUZA, Patrícia, R. Encantaria de mina em São Paulo. In: PRANDI, Reginaldo (org.). **Encantaria brasileira**: o livro dos mestres, caboclos e encantados. Rio de Janeiro: Pallas, 2001. p. 217-280.

PUFF, Jefferson. Por que as religiões de matriz africana são o principal alvo de intolerância no Brasil?. **BBC Brasil**, Rio de Janeiro, 21 jan. 2016. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160120\\_intolerancia\\_religioes\\_africanas\\_j\\_p\\_rml](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160120_intolerancia_religioes_africanas_j_p_rml)>. Acesso em: 30 jul. 2016.

RABELO, Miriam C. M. **Enredos e modos de cuidado**: dimensões de vida e da convivência no candomblé. Salvador: EDUFUBA, 2014. 296p.

RAIOL, Domingos Antônio. **Montins Políticos ou História dos principais acontecimentos políticos da Província do Pará desde o ano de 1821 até 1835**. Belém: Universidade Federal do Pará, 1970.

RAMOS, Alcida Rita. "Ethnology Brazilian Style". **Cultura Antropology**, v. 5, n. 4, p. 452-472. 1990

RICCI, Magda, Do patriotismo à revolução: História da Cabanagem na Amazônia. In.: FONTES, Edilza (Org.). **Contando a história do Pará: da conquista á sociedade da borracha** (séculos XVI-XIX). 2. Ed. Belém: E-Motion, 2003.

ROBAZZINI, Alexandre. **Dinâmica da ocupação Territorial Indígena no Vale do rio Tapajós**. 2013. 108 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, Programa de Pós-graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo, 2013.

ROCQUE, Carlos. **Cabanagem: epopéia de um povo**. Belém: Imprensa Oficial, 1985.

RODRIGUES, Ronaldo de Oliveira. Ritual em Tambiah: trajetória, conceitos e reflexões. **Revista Brasileira de História das Religiões**, ANPUH, ano 7, n. 20, set. 2014

ROJAS, Alonso de. Relación del Descubrimiento del Rio de las Amazonas y sus dilatadas Províncias y Relación del Descubrimiento del río de las Amazonas, hoy San Francisco de Quito, y declaración del mapa onde está pintado ... (1640). In: CARVAJAL, ALMESTO & ROJAS, A de. **La aventura del Amazonas**. Ed. de Rafael Díaz. Madrid: História 16, 1986 (Crônicas de América 19).

SALLES, Vicente. **Memorial da Cabanagem: esboço do pensamento político-revolucionário no Grão-Pará**. Belém: CEJUP, 1992.

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 78, p. 3-46. 2007.

SANTOS, Babalawô Ivanir dos Santos et al. (Orgs.). **Intolerância religiosa no Brasil: relatório e balanço**. Rio de Janeiro: Klíne: CEAP, 2017.

SANTOS, Maria do Rosário C. **Boboromina: terreiros de São Luís do Maranhão; uma interpretação sócio-cultural**. São Luís: UFMA, 1986.

SCHAAN, Denise Pahl. A Amazônia antes do Brasil. In: FURTADO, Rogério (Org.). **Revista Scientific American Brasil**. São Paulo: Duetto Editorial, 2008. p. 28-35. (Col. Amazônia, n. 1, Origens).

\_\_\_\_\_. (Org.). **Arqueologia, Patrimônio e multiculturalismo na beira da estrada: pesquisando ao longo das rodovias Transamazônica e Santarém-Cuiabá, Pará**. Belém: GKNoronha, 2012.

SHAPANAN, Francelino de. Entre caboclos e encantados. In: PRANDI, Reginaldo (org.). **Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados**. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

\_\_\_\_\_. O tambor de Mina de encantaria em São Paulo e suas relações com a Umbanda e o Candomblé. In.: MAUÉS, Raymundo. H.; VILLACORTA, Gisela M. (Orgs.). **Pajelanças e religiões africanas na Amazônia**. Belém: EDUFPA, 2008.

SIEBENEICHLER, F. B. **Anotação sobre o tema da religião na nova sociedade pós-secular de Habermas**. Rio de Janeiro: Ethica, 2009.

SILVA, V. G. religião e identidade cultural negra: católicos, afro-brasileiros e neopentecostais. **Revista caderno de campo**, São Paulo, v. 20, n. 20, jan./dez./2011.

TAMBIAH, Stanley. **Culture, Thought, and Social Action: an anthropological perspective**. Cambridge, Mass: Havard University Press, 1985.

VAZ FILHO, Florêncio Almeida. **A Emergência étnica dos povos indígenas do baixo Rio Tapajós, Amazônia**. 2010. 478 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Área de concentração em Antropologia. Salvador, 2010. Salvador, 2010.

VERAS, Hermes de Sousa. **O sacerdote e o aprendiz: etnografia, experiência e ritual em um terreiro de Mina Nagô na Amazônia**. 2015. 142 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.

VERGOLINO E SILVA, Anaíza. **O tambor das Flores: uma análise da Federação Espírita Umbandista e dos Cultos Afro-Brasileiros do Pará (1965-1975)**. 1976. 292 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), programa de pós-graduação em Antropologia Social da Universidade de Campinas. São Paulo, 1976.

\_\_\_\_\_. Os cultos afros no Pará. In: FONTES, Edilza (Org.). **Contando a história do Pará: diálogos entre a História e a Antropologia**. Belém: Ed. Motion, 2003.



## APÊNDICE



Desenho 12: *Cabocla Mariana*.  
Fonte: Autor (2016).

## GLOSSÁRIO

## A

**Axé:** O Axé é remédio para o corpo e para a alma. É a força mágica sagrada, veiculada nas forças vivas da natureza. É o poder do Orixá manifesto na energia nos reinos: mineral, vegetal, animal; em locais e nos vários elementos simbólicos. É um poder, um princípio que permite realizar, fazer crescer e desenvolver todos os seres e coisas. Como força é neutro, invisível, transmissível, extingüível (necessita ser reatualizado). O Axé é o responsável pelo equilíbrio, estabilidade e harmonia do ser humano. Proporciona: Saúde física e psíquica; Prosperidade – neutraliza a miséria; Equilíbrio afetivo-emocional ou estabilidade afetiva-sexual e paz interior. Tem sintonia com o *Ori* e deste com o *Olori* (Orixá dono da cabeça). (Luca: 1999).

**Altar:** lugar que concentra os objetos, elementos, estatuetas e assentamentos referentes as entidades cultuadas pelo terreiro.

**Arara Cantadeira:** Várias maneiras de se referir a *Cabocla Mariana*, por ser falante e gostar de cantar.

**Arriar:** Termo referente ao ato de oferecer oferendas ou obrigações às entidades.

**Assentados ou Assentamentos:** Aterrar, fundamentar, enraizar, manter permanente ou por certo período.

**Assentou-se:** mesmo que incorporar.

**Atabaques:** Instrumento de percussão utilizado no ritual. Comumente chamado de tambor. Tambor maior tem o nome *Rum*; o médio, *Rumpi*; tambor menor, *Lé*.

**Adjá de três bocas:** Tipo de chocalho sagrado responsável por chamar as entidades.

**Anáguas:** Saia engomada que é usado por baixo das roupas rituais.

**Amacerada:** Ato de amassar e esfregar com as próprias mãos, folhas ou ervas com o intuito de gerar insumos para a

fabricação dos banhos utilizados nos rituais.

**Alguidares:** Tipo de prato de barro muito utilizado como recipiente dos alimentos oferecidos nas oferendas ou obrigações.

**Alvorço:** confusão ou animação exacerbada. “A festa da Mariana estava um alvorço só”.

**Aruanda:** Céu. O local onde vive as entidades e Orixás.

**Alimentos quentes:** Alimentos Cozidos. Levados ao fogo.

**Alimentaram a entidade:** Mesmo que oferecer oferendas.

**Azeite doce:** Mesmo que azeite de oliva.

**Água doce:** Mesmo que suco ou refrigerantes.

**Ajuremar:** tornar-se índio

**Anel da cobra grande:** Mito fundador do tambor de Mina Na Amazônia.

## B

**Baiar; Baiando:** Dançar ritualmente. Isso é uma prática muito comum nos cultos afro-brasileiros que fazem uso de atabaques e tambores.

**Barracão:** Um dos espaços rituais do terreiro, geralmente onde as entidades descem para dançar.

**Bela turca:** Referente à família de encantados da Turquia. Mesmo que Cabocla Mariana.

**Baixar; baixando:** Termo que faz referência ao ato de incorporação das entidades em seus filhos.

**Banheiro de ervas:** Local do terreiro onde se toma o banho ritual para as limpezas espirituais.

**Banho de descarrego:** Banho de limpeza dos maus fluidos.

**Banho de cheiro:** Mesmo que banho de ervas.

**Bichos de pena:** Animais que tem penas. Galinha, patos, aves.

**Bicho de caça:** Animais selvagens. Não domesticados.



**Babalaô:** Pai de Santo, chefe espiritual, sacerdote do terreiro.

**Bater cabeça:** Ato cerimonial de reverência em frete ao um altar, entidades ou chefe espiritual.

**Batuque:** tocar o atabaque. Pode ser usado indicando a realização de um *toque*.

**Babuje:** Mesmo que comida. Jantar.

**Bombons:** “o Pai Edivanei vai distribuir bombons no dia de São Cosme e Damião”, doces, balas.

**Bori:** Cerimônia de grande significado litúrgico. É uma adoração à cabeça, realizada pelo conjunto de oferendas, cânticos e louvações.

## C

**Cabocla Mariana:** Mesmo que *Arara Cantadeira* e *Bela Turca*. Entidade do Tambor de Mina.

**Casa:** Mesmo que Terreiro.

**Caboclo:** Entidades que representam índios, ou nobres encantados que tiveram contato com os índios e se ajuremaram. Fora do contexto religioso podendo, também designar moradores das ilhas de várzeas.

**Candomblé:** Religião afro-brasileira que cultua os orixás. Preza por uma legitimação às praticas rituais ligadas à África.

**Catiços:** Pássaro. Pé de vento, caboclo, encantado dos Candomblés de caboclo e Umbanda.

**Caboclos que eu carrego:** Expressão para referir-se a entidade ao qual o médium recebe em estado de possessão.

**Catimbó:** Conjunto específico de atividades mágico-religiosas. Resultado da fusão entre rituais indígenas de pajelança, que foram agregados os conhecimentos de origem africana e indígena.

**Catação das folhas:** Colher folhas rituais para as obrigações como banhos e infusões.

**Ciganas:** ligadas ao Exu, são entidades que aparecem na *linha dos povos da rua*. Quando estão em terra são extravagantes e irreverentes. Usam em seus trabalhos

moedas antigas, fitas de todas as cores, cristal, lenços coloridos, baralho, espelho, vistos como grandes instrumentos mágísticos.

**Casinha de Exu:** Local do terreiro reservado para as imagens e oferendas a Exu, as Pombas Giras, e Ciganas cultuados pelo Pai de Santo.

**Cortes:** Termo usado para realizar os sacrifícios com animais.

**Catadas:** Mesmo que colidas. Ato de colher.

**Conga:** Mesmo que altar.

**Caboclos da mata:** Entidades de Índios e ajuremados.

**Cabocla Jurema; Dona Jurema:** Entidade da Mata. Índia Guerreira.

**Cobra grande:** Bicho encantado com grandes poderes de mundiação.

**Cantigas:** Músicas religiosas ou doutrinas cantadas.

**Cabana:** Um dos espaços do terreiro. No terreiro do pai Edivanei é utilizado para receber os clientes e visitas.

**Careteira:** Termo que as entidades Caboclas do terreiro do Pai Edivanei usam para designar máquina fotográfica.

**Cantando para subir:** Expressão referente ao momento em que os ogãs cantam para a entidade deixar o corpo do médium.

**Currupeira:** ser que a semelha-se a um pequeno homem de pele escura, possui os pés voltados para trás. Mora na mata e gosta de tabaco.

**Consagradas:** Dedicadas a devoção.

## D

**Dona Mariana:** Mesmo que Cabocla Mariana.

**Descida:** Momento de possessão.

**Dona Erundina:** Umas das três irmãs encantadas da Cabocla Mariana.

**Dona Jarina:** Umas das três irmãs encantadas da Cabocla Mariana.

**Demanda:** Batalha, brigar magicamente.

**Doutrinas cantadas:** Cânticos rituais.

**Dona Onze:** entidade da linha de Exu.

**Dona Légua:** entidade da linha de Exu.

**Dona Rosinha:** Cabocla da Mina.

**Dona Maria Légua:** Cabocla da Mina.

**Dona Maria Mineira:** Cabocla da Mina

**Doutrinas:** Liturgia que explica e ensina os saberes religiosos.

**Doente:** Podendo ser entendido como doença espiritual, “fulano foi no médico, mas não descobriu o motivo da doença, foi no terreiro e descobriu que era um problema espiritual”.

**Defumação:** Ação de defumar ou incensar com fumaça feita com queimas de ervas para limpar ambientes das energias consideradas ruins e para atrair novas energias.

## E

**Entidade:** Espírito, orixá, caboclo, figura sobre natural.

**Encantados:** Entidades que tiveram vida terrena, mas não podem ser confundidos com espíritos de mortos (*eguns*), e alguns deles pertencem a categorias não humanas. Seres que não passaram pela experiência da morte.

**Esquadra da encantada:** Expressão usada para designar os encantados.

**Esquadra da encantada Cabocla Mariana:** Encantados da *linha* da Cabocla Mariana.

**Entidade Cabocla:** Termo genérico para se referir as entidades que em vida terrena entraram em contato com brancos e índios.

**Encantados nobres:** Encantados que em terra foram reis, príncipes e princesas.

**Elementos sagrados:** Líquidos, pedrarias, infusões, consagradas em processos rituais.

**Encantos da floresta:** todos os bichos vizagentos, espíritos, entidades, e seres que tenham alguma ligação com a mata.

**Espíritos:** entendidos aqui com entidades.

**Espíritos de índios:** seres encantados da floresta.

**Egé:** Líquido sagrado, mesmo que sangue e *Ejé*.

**Entoar:** Mesmo que puxar, cantar.

**Empatando:** *Atrapalhando, dificultando.*

**Ervas fria:** Ervas que não vão ao fogo. Não são fervidas.

**Ervas quente:** Ervas que vão ao fogo.

**Égua:** Tipo de exclamação que dependendo da entonação da voz, pode significar uma reação de surpresa, alegria ou raiva.

**É *mojubá!*:** Saudação para Exu: “Apresentando meu humilde respeito”; “Exu eu te saúdo” ou “Exu é Grande, te reverencio”.

**Ela é odara:** “Ela é paz e tranquilidade”.

**Ejé xororô Ejé un pá ô:** Cantiga para ritual de sacrifício de “bicho de pena”. Ejé, mesmo que sangue. “O sangue que dá vida”.

## F

**Festejo:** Festa ritual.

**Forças místicas:** mesmo que energia sobrenatural.

**Filhos iniciados:** aprendiz às praticas da religião.

**Família da Turquia:** Mesmo de nobres encantados.

**Fundamentos de iniciação:** ritos iniciais, quando o filho de santo entra na religião.

**Fundamentos:** Leis da religião. A crença propriamente dita.

**Filho de Santo:** Médiun. Filho de um Pai ou Mãe de Santo. Pertence a um terreiro.

**Família de Santo:** Laço de parentesco ritual ou religioso que une filhos de santo entre si, ao Pai de santo ou Mãe de santo sem levar em consideração a consanguinidade.

**Feitura:** Termo usado nos terreiros, que significa a iniciação de alguém no culto as entidades.

**Fez o santo:** Pessoa que se iniciou nas práticas religiosas dedicadas às entidades.

## G

**Guia de caboclo:** Colar feito de contas. Cada entidade tem sua cor específica.

**Gira:** Dias que tem toque, “na minha casa a gira é dia de quarta-feira”.

## H

**Hê balu baxê:** Saudação ao caboclo *Seu Sultão*.

## I

**Iansã:** Orixá feminino, dona dos ventos e dos raios. Associada a santa Bárbara.

**Índios:** Espíritos tuxauas.

**Ibá:** Objeto sagrado que em processo ritual materializa a entidade devotada.

**Incorporar:** Mesmo que possessão.

**Irradiadas:** Emitidas, transmitidas, distribuídas. “o altar da Cabocla Mariana irradia muito Axé”.

**Iara:** Ser visto como uma sereia da água doce.

**Índios e encantados:** Seres que não passaram pela experiência da morte.

**Imantadas energeticamente:** Envolvida, magnetizadas com forças consideradas sagradas ou mágicas.

**Irmanados:** Em irmãos.

## J

**Jurema ou Juremeira:** Planta usada em rituais utilizadas em bebidas servidas as Entidades da mata; Cabocla da Mata, índia.

**Jôviste:** referentes a ouvistes, “vós ouvistes?”.

**Jogar as cartas:** Religioso com poderes com capacidade de desvendar segredos e futuros jogando cartas.

## L

**Legebara Pombagira Rosa:** Entidade ligada ao Exu.

**Laróyè Exu! Saravá:** Saudação ao Exu.

**Linha de cura:** Termo usado para designar à pertença da entidade, que nesse caso está diretamente ligada as entidades com poderes de cura.

**Linha da água salgada:** Termo genérico para se referir na concepção cosmológica da religião, panteão espiritual que a entidade pertence, nesse caso ao mar.

**Líquidos:** Infusões sagradas em processos rituais.

**Linha indígena:** Mesmo que juremeiros.

**Linha de Ogum:** Entidades pertencentes ao orixá Ogum. Ogum Beira mar, Ogum Iara, Ogum Megê, Ogum Rompe Mato.

**Linha:** Pertença das entidades. Origens.

## M

**Mediunidade:** Pessoa que trabalha no santo, que entra em transe e controla o idioma de possessão. Pai de Santo, Mãe de Santo.

**Mãe do mato; mãe d'água:** Seres que protegem seus espaços naturais e castigam seus malfeitores.

**Mão boa:** que tem sabedoria para efetuar as tarefas religiosas.

**Mãe de santo:** posto mais alto da hierarquia espiritual do terreiro.

**Matinta perera:** ser visagento, que geralmente se aplica a pessoas que fizeram algum pacto com animais ao ponto de virarem esse ser. Geralmente se apresenta com um assobio prolongado e agudo.

**Mãe de cabeça:** Entidade chefe da cabeça do filho de santo.

**Mestiços:** tipo de Caboclo.

**Maria Padilha:** Pomba Gira. Entidade ligada a Exu.

**Mina:** Mesmo que Tambor de Mina. Religião afro-brasileira.

**Maniçoba:** Comida típica Paraense feita da folha da maniva. Em seu preparo leva os mesmos ingredientes da feijoada.

**Mururus:** Pássaro cantador.

**Mundiar:** Quando a pessoa sem perceber perde a noção dos seus sentidos. Por exemplo, uma pessoa caminhando na mata e em algum momento percebe que esta dando voltas em um mesmo ponto, pode ser que a pessoa esteja sofrendo a mundiação de algum ser, geralmente de algum bicho encantado.

**Mundaréu:** Alguma coisa em grande quantidade.

**Médiuns:** Usado nas religiões afro-brasileiras para referir-se as pessoas que recebem por meio de incorporação as entidades, sendo este considerado o mediador entre o mundo espiritual e terreno.

**Mestiços, catiços, marinheiros:** Seres *caboclo* da Umbanda, espíritos de índios, pretos velhos ou espíritos de pessoas ligadas ao mar.

**Montaria:** Canoa, transporte ribeirinho. Nas religiões afro-brasileiras é o cavalo das entidades.

## N

**Nobres encantados:** Mesmo que Esquadra de encantados.

**Naruê:** Tipo de entidade que trabalha na linha de guardião do terreiro.

## O

**Oyá:** Iansã.

**Obrigações:** Oferendas.

**Obidá de água:** Refere-se às obrigações voltadas a fortalecer uma pessoa. *Águas de obi* são geralmente usados nos batismo das casas de Candomblé.

**Objetos sagrados:** Representações escultóricas consagradas por processos rituais.

**Orixás:** Divindade. Energias sobrenaturais.

**Oferendas:** Alimento ritual.

**Ogum Rompe Mato:** Entidade da linha de Ogum. Entidade valente da Mata.

**Orô:** Sistemático processo ritual de oferendas e sacrifícios dedicados às entidades.

**Ójá:** Peça de pano cuja função é proteger o *Orí* (cabeça).

**Ogã:** Cargo honorífico. A pessoa que toca o atabaque ou realiza tarefas específicas dependendo de sua ligação com o terreiro ou demandas espirituais.

**Oxossi:** Orixá da Mata, indígena, caçador.

**Obacilê:** Que tem conhecimento, autoridade religiosa.

**Ossaim:** O orixá das folhas sagradas.

**Otá:** Pedra de assentamento das divindades.

**Ogunhê meu Pai!:** Saudação ao orixá Ogum

## P

**Panema:** falta de sorte, azar, força mágica que incapacita a pessoa de realizar seus afazeres.

**Povo do fundo do rio:** Todos os seres encantados, entidades e espíritos ligados as águas.

**Povo de santo ou Pessoa de santo:** Praticantes da religião Afro-brasileira.

**Pai de cabeça:** Mesmo que Mãe de Cabeça.

**Princesa Encantada:** Cabocla Mariana.

**Princesas e reis encantados:** Geralmente seres vindo do oriente que não passaram pela experiência da morte passando a se manifestarem como entidades nos terreiros.

**Preparativos:** Flexão de preparativo; coisas que se fazem antes; se deixam preparados. No terreiro, referisse às praticas dedicadas a efetivações dos rituais.

**Portal da Encantaria Amazônica:** Praia dos Lençóis (Maranhão). Local das Encantarias; portais que dão acesso aos outros mundos.

**Pombagiras:** Feminino de Exu.

**Povos da rua:** Ligados a Exu.

**Pedras:** Elemento que passa a ser consagrado à uma entidade em processos rituais.

**Penetras:** Pessoa que vai ao lugar sem ser convidado.

**Pemba:** Pequeno bastão, geralmente cônico, de giz colorido misturado com cola, com que se riscam os pontos (conjunto de sinais mágicos) que identificam cada entidade, segundo um código de cores e formas.

**Perquenos:** Pequenos, meninos ou meninas, crianças.

**Porteiras:** Entradas, passagens, “passar para outro mundo”.

**Pontos:** Mesmo que toques, cânticos. Pontos cantados.

**Pontos de saudação:** Cantados no inicio dos rituais.

**Pontos cantados:** Mesmo que cânticos.

**Puxar o toque:** Mesmo que iniciar o cântico ritual.

**Pitu:** Mesmo que cigarro.

**Pumosa:** Mesmo que cerveja.

**Pombajira Maria Mulambo:** Entidade feminina ligada ao Exu.

**Pombajira Cigana:** Entidade feminina ligada ao Exu.

**Pombajira Sete Rosas:** Entidade feminina ligada ao Exu.

**Pontos puxados:** Pontos cantados pelos filhos de santo e ogãs.

**Preparos:** Processo de fazer os alimentos rituais, preparar os banhos.

**Preparados:** Alimento, banhos, oferendas.

**Pataqueira:** Planta que nasce às margens dos igarapés.

**Porronca:** Cigarro de palha, tabaco.

## Q

**Quizilas:** Confusão, brigas, desavenças.

**Quartinhas:** recipiente de barro.

**Quartiões:** Recipiente de madeira

## R

**Recolheu:** Quando a pessoa que decide fazer santo se recolhe para aprender os ensinamentos da religião, ficando dias ou meses morando no terreiro dedicado aos rituais que lhe fará filho da entidade pré-destinada.

## S

**Seu Zé Pelintra:** Entidade masculina Ligada ao Exu. Malandro, vaidoso e namorador. Gosta da noite e de bebidas fortes.

**Seu Rompemato:** Mesmo que ogum Rompemato.

**Seu Ubirajara:** Caboclo Juremeiro. Índio.

**Seu José Tupinambá:** Caboclo Índio. Fala pouco, valente e conhecedor das ervas.

**Seu Flecheiro:** Caboclo da Linha de Oxóssi. Caçador.

**Seu Pena Branca:** Caboclo Índio.

**Seu Pena Azul:** Tipo de Caboclo índio.

**Seu Pena Verde:** Tipo de Caboclo índio.

**Sete linhas da Umbanda:** As sete doutrinas e liturgias da Umbanda: Linha de Oxalá; Linha de Iemanjá; Linha do Oriente; Linha de Oxóssi; Linha de Xangô; Linha de Ogum e Linha de Ifá. As Linhas se desdobram de acordo com a doutrina praticada pelos terreiros.

**Seu Urubatão:** Uma das entidades masculinas que pertencem à esquadra da Cabocla Mariana.

**Seu Araribóia:** Entidade Indígena que se transforma em cobra.

**Seu 7 Encruzilhadas:** Um dos exus que guarda os caminhos e as setes encruzas (linha) da Umbanda.

**Seu Jaguarí:** Entidade Indígena que se transforma em uma onça.

**Saravá!:** Saudação da Umbanda.

**Subir:** Sair da possessão.

**Seu Sultão:** Uma das entidades nobres (masculina) que pertencem à esquadra da Cabocla Mariana.

**Seu Marinheiro:** Entidade masculina pertencente à linha das águas muito próximo a da Cabocla Mariana.

**Seu Zé Mineiro:** Caboclo (masculino) do tambor de mina. Valente, desbravador, contador de prosas. Gosta de beber vinho.

**Segredos:** Ensinamentos rituais que não pode ser revelado a qualquer pessoa.

**Seres encantados:** Todos os seres que não passaram pela a experiência da morte.

**Senhores de toalhas:** Geralmente usado para se referir aos espíritos das pessoas brancas que em vida foram nobres, passando então a compor o panteão das encantarias.

## T

**Trabalhado nos búzios:** Referente a algo ou objeto decorado com búzios.

**Trabalho:** Oferenda, feitiço. Pode definir as sessões rituais praticadas pelo médium.

**Terecô:** Uma das denominações usadas no Maranhão para o culto do Tambor de Mina.

**Temperado:** Nesse caso, temperos ritualísticos utilizados nos preparos de alimentos e feituas dedicados as entidades.

**Tambor de Mina:** Referisse as práticas afro-religiosas e aos cultos de origem africana que surgiram no Maranhão.

**Toques:** Mesmo que cantigas. Musicas rituais cantadas ao som dos tambores

**Tranca Rua:** Um dos exus que domina as encruzilhadas.

**Tuxauas:** Linha Indígena.

**Talhas:** Pratos de barro para serem usados em oferendas

**Terreiro:** Conjunto dos espaços considerados sagrados. Morada das entidades, dos filhos de santo, e em alguns

casos, abriga pessoas não ligadas a religião.

### U

**Umbanda:** Uma das religiões de possessão afro-brasileira, que combina elementos de origem africana, ameríndia, católica e oriental.

### V

**Voduns:** Divindades que se agrupam em famílias cultuados no Tambor de Mina. Podem ser divindades velhas, jovens ou crianças considerados seres intercessores entre Evovodum (Deus supremo) e as pessoas.

**Virada para caboclo:** Em processo de possessão. Recebendo a entidade. Ou toque para quando o caboclo desce.

**Virar moça:** Meninas que entram na fase da puberdade, primeira menstruação.

**Vela sete encruzilhadas:** Velas oferecidas aos povos da rua.

**Visagens:** Aparição sobrenatural.

**Verequete:** Entidade mensageira do Tambor de Mina. “aquele que vai à frente”.

### X

**Xangô:** Orixá que representa o trovão e a tempestade. Considerado valente e justiceiro.

**Xêtro Caboclo:** Saudação a Caboclo Boiadeiro.

**Xêtro Maro Ma Xetro:** Saudação a Caboclo Boiadeiro.

**Xôro-xôro:** “Vem tomar o líquido sagrado”.

### Z

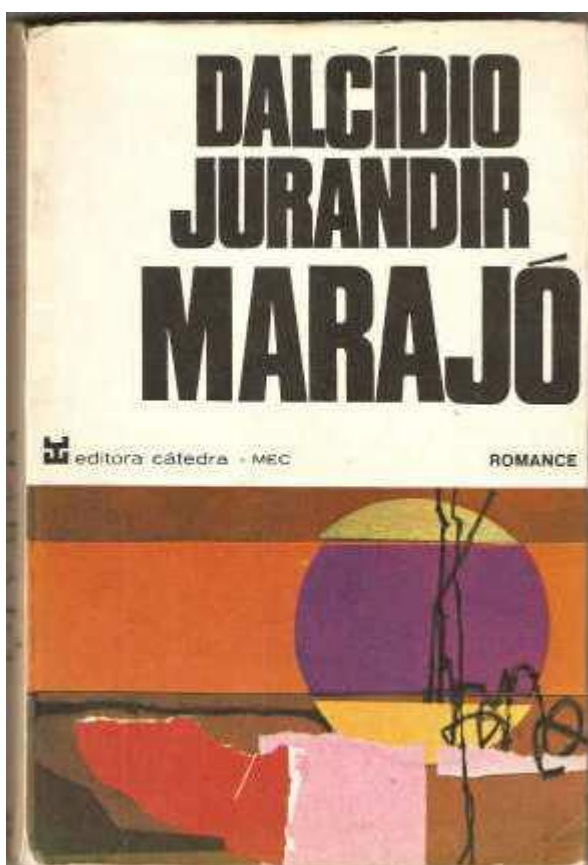
**Zelador:** O que cuida do terreiro. Pai e Mãe de Santo.



## Anexos

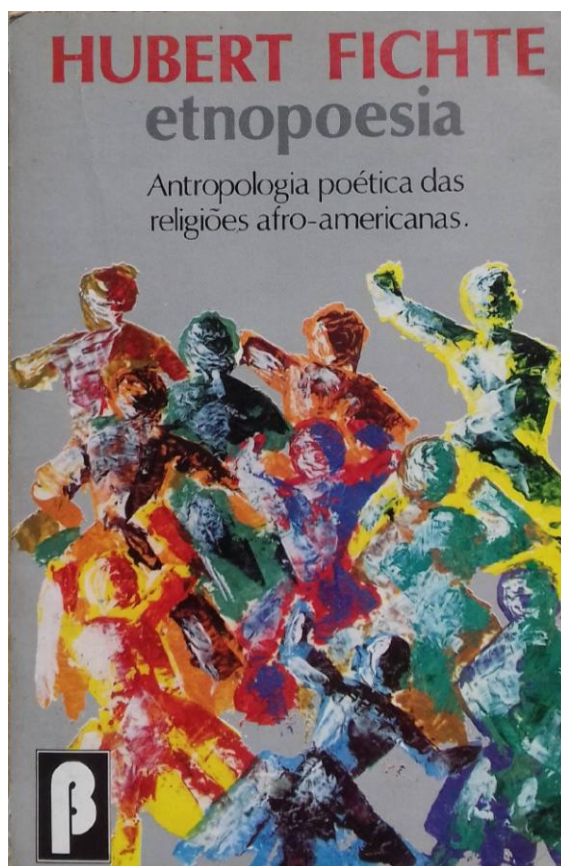
### Trechos do Livro “Marajó”

Dalcídio Jurandir (1992)



### Trechos do Livro “Etnopoesia”

Humbert Fichte (1987)



## “Marajó”

Dalcídio Jurandir (1992)

### 1

[9] — Missunga, ó Missunga!

Coronel debruçara-se no parapeito. Um sossego no casarão. D. Ermelinda tinha ido ver a doente no Araraiana. Um pica-pau martelava a velha macacaubeira.

Com a cisma de haver tatu perdido ou alguma cotia nas toiças, Missunga entrava no capoeiral vizinho, seguindo o cão. Exibia ao ombro a espingarda e espreitava os esconderijos mais próximos. As tocas desertas, os ocos de pau vazios. Detinha-se, vencido, diante do mato virgem.

— Missunga, ó Missunga!

A terra parecia subir pelos homens, bichos e árvores com o calor.

Solidão.

Famaleal farejava entre as folhas moidas. Missunga voltou.

O casarão do Paricatuba, com o seu escuro telhado entre coqueiros e bacabeiras, lhe dava uma impressão de fadiga e de quase ressentimento.

— Bem que podia comer carne de cotia hoje. Não sei como tirar esta caninga.

Benedito já vinha ao seu encontro e Famaleal caçava borboletas.

Arriou a espingarda na mesa grande, como se também arriasse o azar e o medo do mato, soprou o calorão, estirou-se no banco.

Cruzou as mãos sobre o peito, cerrou os olhos. Fechar os olhos assim era, em alguns dias do seu tempo de menino, sentir [10] as mãos viscosas daquele cego do Arapinã, apalpando-o. O escuro que havia nos olhos do cego avançando sobre ele. O menino sentia ao mesmo tempo como que uma febril necessidade de experimentar a cegueira, certo de que podia, com delícia, abrir os olhos, de repente, afastar as mãos do cego, e ver. As antigas folhinhas que seu pai

deixava marcando um tempo morto nas paredes, entre as aranhas e as osgas tão tranqüilas e íntimas, como pessoas da família; ver as mangueiras, como se tivessem amadurecido os frutos subitamente; o cachorro dormindo nos velhos alguidares cheios de raízes e ervas, feito animal fabuloso e os negros braços, ao sol, de Rosália, a cozinheira, partindo lenha com o seu indolente vagar. A claridade era violenta, nela riscava uma asa, plantas e porcos encostados nas tábuas se deixavam dominar por um mágico torpor. Mas nenhuma realidade era mais viva que a do colo de Mariana em seus olhos fechados, o mau menino naquele colo se encolhia e pecava.

Ver sua mãe também, depois de um instante de cegueira. O rosto dela, mais nítido, confessava melhor a amargura e a ruma crescente.



De olhos fechados, muito bom ouvir sá Rosália bater carne cantando, apelar as galinhas, conversar com os carneiros tão sujos, ensinar nome feio ao periquito, ralar, batendo o pé, com o vento que, mexendo nas mangueiras, vinha tirar a roupa das cordas.

Vozes isoladas no tempo e no espaço, como aquelas folhinhas, autônomas, se enchendo de uma inexplicável doçura na treva. Missunga, nessa interina cegueira, punha-se a indagar se as aranhas o espriavam ou se podiam desprender as folhinhas ao vento, desfolhar os dias, as semanas, os meses, soltar o tempo, recuperando-lhe a vida sem limite.

Sobre todas as coisas e os seres, sobre aquilo que ele chamava a escuridão da consciência, que se confundiam nessa viva sensação de treva, o cego do Arapinã volvia com as mãos inchadas. E o seu grito, no Paricatuba, quando, ao atravessar o igarapé seco, numa estiva alta, tombou na lama? Seria assim, talvez, a voz dos homens primitivos gritando o seu medo e a sua dor? Esse grito atravessou o mato e caminhou em Missunga, até hoje, [11] sub|terrâneo, quando os olhos se fecham e quando o receio detém o caçador diante do mato virgem.

Longe, o mesmo pica-pau lavrando a macacaubeira. O escuro crescendo, crescendo até o limite em que tememos encontrar-nos unicamente conosco. A sombra do sangue dentro do olhar, as imagens do tédio e da infância misturando-se. O desejo de uma inércia em que todos os desalentos se afundassem, todos os vagos ímpetos morressem para sempre. Seria assim, talvez uma verdadeira experiência da morte, um sono no fundo do rio, o retorno àqueles terrores de menino diante do sono que o assaltava na sombra da rede sem embalo, dos sustos que Mariana lhe dava, dos latidos do cão naquela noite chuvosa em que, no barco do pai, subiu o rio morto, passando por um trapiche abandonado onde (por que teria suposto?) devia haver um menino morrendo.

— Missunga, vai na vila pra mim. E o diabo daqueles papéis. Vai que estou me sentindo mofino-mofino. A modo de uma quebreira. E, viste? O Lafaiete que acabe logo aquela escritura.

Abrindo repentinamente os olhos, Missunga soltou sem querer:

— Papai, fal...

Mas se conteve.

— Que você ia dizendo?

— Nada.

A pergunta do pai, num tom indiferente, traía uma hesitante censura, como se houvesse entendido o filho, o que o surpreendia. Para que quer saber? Entende alguma coisa disso? Conhece lá o mundo, o que nos força a lei das circunstâncias? No entanto, jamais podia acreditar que seu filho seria capaz de interpelá-lo. Talvez mesmo nem o filho quisesse dizer o que inexplicavelmente entendeu. Inexplicavelmente? E por que se preocupar com isso, logo com as vagas e supostas interpelações do filho?

Missunga espreguiçou-se no banco. O pai lhe parecia mais volumoso de ventre, o bigode cinza, a pele queimada, o anel que sempre lhe foi uma obsessão na infância. Uma tarde, viu o pai com o dedo sangrando, o anel tornara-se tão vivo, mais rico, mais obsessante naquele sangue. Como se lembra muito bem. [12] Cer-

|rou novamente os olhos. Seu pai! Com essa exclamação que fez a si mesmo, Missunga invejou-lhe aquela velhice ciosa ainda do seu ardor, quase insinuante e tocada, muitas vezes, daquela patriarcal jovialidade com a qual Coronel Coutinho sabia dominar os sítios e a vila de Ponta de Pedras, os lagos e as fazendas de Cachoeira. Continuou com os olhos cerrados. O pai desapareceu. Como seria a morte ou esta é a consciência mesma? Um par amoroso de osgas caiu da parede. Que pensam as aranhas? E as osgas caindo no amor? As sensações da morte, de culpa iminente, do amor físico, do medo, da inércia, do estranho desalento e da extrema passividade diante do pai enchiam o escuro e imaginou um sono na beira do mato, à noite, os passos da onça à espreita... Era preciso ir à vila e apressar Lafaiete em mais uma daquelas escrituras que seu pai sabia mandar fazer de maneira tão fácil e habitual.

Não quis ir à vila na Borboleta, a lanchinha-motor. Queria a inércia que o rio parado lhe dava, profundamente, quando viajava em montaria. Mandou Benedito limpar o casco.

— É só limo.

Missunga escorou o remo do lado e o casco deslizou na água retinta. Não deixou que Benedito remasse. Pensou logo num banho, num longo mergulho, o sono dentro do rio. Logo devolveu o remo a Benedito e com a sua pesada lassidão estirou-se ao longo da pequena montaria. Aquele igarapé era escuro, igual poço de cobra grande. Curvavam-se os açazeiros na beirada como para matar a sede ou espiar também o que havia de mistério na maré. Lombos de tabatinga, nas margens, rachavam-se quase soltos. Aquele ingazeiro grande, com as raízes saltando da terra, como chifres de algum monstro enterrado, deixaria ouvir amanhã o barulho do seu tombo.

O sol mordía a água que se arrepiava toda, reverberando. À sombra dos matos, que se espalhava no igarapé, Missunga olhava a mataria grossa de onde saltavam japiins.

O casco deslizava, ganhou o pequeno estirão — Benedito é um índio no remo — saindo no rio.

O rio parecia crescer, mundiado pelo sol. Missunga [13] pendurava os olhos nos cachos, verdes ainda, de açaí. No leve vento, sob o céu baixo do estirão, os açazeiros bailarinos.

Metia a ponta dos dedos n'água como no seu tempo de menino, quando imaginava bichos do fundo dormindo. O rio ao sol parecia com febre. Pudessem os rios correr para o sol com o sonho dos homens, a força das árvores, o espanto e a curiosidade dos bichos! Ficara estirado nas águas como um peixe-boi envenenado no timbó. Bem podia pensar, dentro de sua inércia, sob o vago rumor daquele remo tão ágil e flexível na água, nalguma namorada de Belém, o rosto subitamente belo de uma desconhecida, a voz de alguma antiga amante, o grito das mulheres do mundo num beco, à noite, entre babados e cães ladrando. A terra lhe transmitia uma espécie de estupidez amorosa e invencível, lama gostosa na alma, o hálito de Alaíde, calor, frutas rachadas no chão.



## “Etnopoesia”

Humbert Fichte (1987)

### Observações heréticas para uma nova ciência do Homem\*

1976

---

#### 1

A antropologia, a etnologia, a etologia e ciências afins constituem formas distintas de tratamento dos modos de comportamento do ser humano.

Por *logos* entende-se, principalmente, “a palavra”.

Palavras são modos de comportamento.

Isso já resulta numa antinomia: o tipo de descrição e o tipo do que é descrito se complementam de maneira não-crítica.

As antinomias só podem ser expressas poeticamente.

Wittgenstein tenta:

“O que não pode ser dito deve ser calado”.

Isso já não é mais lógica matemática e ainda não é poesia.

Shakespeare diz:

“Asa de chumbo”.

Rimbaud:

“*Bateau Ivre*”.

O haitiano caracteriza a situação na fase final do colonialismo:

“*Blanc vini vert!*” — “O branco tornou-se verde!”.

Os princípios fundamentais da forma de expressão científica foram codificados pela teoria da informação; tem lugar um jogo de cabra-cega com o inconsciente, o subconsciente e o pré-consciente.

Terror e ódio, hipocrisia e mentira, exagero e *understatement*, alusão e ironia, imagens e metáforas não têm lugar na teoria da informação; contudo, a informação humana é composta quase que inteiramente desses elementos.

Seriam os cientistas autômatos da verdade, da honestidade e da integridade?

Por que será que nas ciências do Homem são sempre os outros que se confessam, como se estivessem diante do padre?

Por que não se evolui de uma concepção estática de cientificidade para uma concepção mais dinâmica, ambivalente? Portanto, não o escudo de Aquiles, mas a elaboração do escudo de Aquiles e o desenvolvimento daquilo que se representa?



Revelar pressupostos não é uma exigência científica?  
 Por que tal diretor de instituto entrega a essa tal assistente o trabalho sobre o conceito de tempo?  
 Quem trabalha sobre necrofilia e por quê?  
 Será uma vergonha confessar que se está pesquisando sobre os Wolof porque se é homossexual?  
 Certamente não mais!  
 Isso também significa um fato etnológico e seria uma informação errônea escondê-lo.

O pesquisador que aceita que uma ditadura militar lhe pague três meses de estudos e em troca assume o papel de relações públicas — quem o condenaria?

34  
 Mas é preciso expô-lo abertamente, também isso significa descrever povos.  
 Quando se deixa de fazê-lo, restam a mentira e a pura venalidade.

Venalidade!  
 Os trabalhos modernos a respeito do homem aparecem à luz suave do beneplácito intercultural.  
 Todavia, trabalhos que se baseiam em convívio discreto e de vários anos tornam-se cada vez mais raros, a maioria deles repousa sobre sangue e grana.  
 Alegam-se pacotes de alimentos, progresso e camisas usadas, humanidade e bolsinhas de contas de vidro.  
 Isso mereceria uma etnologia e contribuiria mais para o conhecimento das ações humanas.  
 É a história da vivisseção, da aplicação de penas, do extermínio dos primatas; a história de orçamentos de defesa e a história da indústria química.  
 Venalidade por parte de cientistas.  
 Compra de material e informações.  
 Um *palais d'amour* do tamanho do mundo.  
 Quem pesquisa a respeito?  
 Um exemplo prático:  
 Eu gostaria muito de ler nas peças das coleções expostas nos museus de que modo elas foram adquiridas, se roubadas, se confiscadas em alguma expedição punitiva, se adquiridas por um preço fraudulento, se apreendidas por clérigos sob o pretexto de servirem à bruxaria e, depois, expostas nos museus de arte sacra da terra natal como peça valiosa.

E, por fim, seria proveitoso se todos os pesquisadores que tivessem flertado ou flertassem com idéias totalitárias não escamoteassem esse flerte ao longo de sua evolução — subtraindo, assim, ao aparelho científico, mudanças, desenvolvimento, tristeza, remorso, erro — e, sim, empregassem sua força em uma análise minuciosa desse flerte.

## A antropóloga diz

---

Não me chamo madame B.  
 Eu me chamo madame C.  
 Há dias em que sou mãe-de-santo e outros em que ainda sou professora.  
 Sou obrigada a lecionar até que me aposente.  
 Levanto-me bem cedo e visito todas as casas dos santos, dos orixás, em meu terreiro e organizo as tarefas diárias de todos que moram comigo.  
 Seis pessoas.  
 Um *ogã*, um dignitário.  
 Ele cuida, principalmente, da casa dos mortos.  
 Com seis anos de idade seu filho foi escolhido pelos deuses para imolar os animais a serem sacrificados.  
 Comigo mora, ainda, meu filho adotivo, que também foi iniciado; ele pertence ao deus das ervas.  
 Além disso, uma mulher mais velha que me auxilia nos sacrifícios.  
 E, ainda, um velho que cuida da conservação das casas.  
 Eu mesma procuro as ervas de que necessito para o culto.  
 O bosque fica bem perto, não é difícil.  
 Também plantei muitas ervas no quintal do terreiro.  
 Eu mesma as colho de manhã bem cedo.  
 Primeiro tenho de tomar banho.

40

Não posso falar antes de ter tomado o café da manhã.  
 Às vezes as consultas já começam logo depois do café.  
 Quando faço iniciações minha vida é organizada de forma muito mais rígida.  
 Durmo com os noviços na cela de iniciação, *roncó*.  
 Tenho uma mulher que cuida da comida.  
 Digo o que deve ser preparado.  
 Sempre comemos feijão preto e arroz, essa é a base da alimentação brasileira.  
 Um pouco de legumes, peixe, carne e farinha de mandioca.  
 Os iniciados comem com as mãos.  
 Sinto falta da comida francesa.  
 Eles não entendem que gosto de bife *saignant*.  
 Ah, sinto falta das confeitarias parisienses.  
 Não tenho tempo para a sesta.  
 À tarde estou tão ocupada quanto de manhã.

Visitas.

Consultas.

Sacrifícios.

Sacrifícios para Exu.

Para Xangô.

Vêm os doentes.

À noite há obrigações rituais.

Só leio na cama.

Na verdade, agora só leio coisas que tenham algo a ver com o candomblé.

De tempos em tempos tomo um banho de ervas, quando me sinto carregada com os problemas de meus clientes.

Nunca fiz ambas as coisas ao mesmo tempo.

Faço iniciações na época das férias escolares.

Já é uma grande responsabilidade.

A gente muda a cabeça das pessoas.

Ao todo, com o tempo da preparação mais os vinte e um dias que se seguem, dá quase um mês e meio.

Faço iniciações duas vezes por ano.

Não mais que três ou quatro em um ano.